



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

RAILA SPINDOLA DE ATAIDES

**AS PERCEPÇÕES DE ALUNOS BRASILEIROS DE ENSINO MÉDIO SOBRE O
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DO CONSUMO E
INTERAÇÃO COM PODCASTS EDUCATIVOS**

BRASÍLIA, SETEMBRO DE 2020

RAILA SPINDOLA DE ATAIDES

**AS PERCEPÇÕES DE ALUNOS BRASILEIROS DE ENSINO MÉDIO SOBRE O
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DO CONSUMO E
INTERAÇÃO COM PODCASTS EDUCATIVOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação na linha de pesquisa Educação, Tecnologia e Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Lacerda Santos.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

BRASÍLIA, SETEMBRO DE 2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Spindola, Raila

SS757p

As percepções de alunos brasileiros de ensino médio sobre o processo de ensino-aprendizagem a partir do consumo e interação com podcasts educativos / Raila Spindola; orientador Gilberto Lacerda Santos. -- Brasília, 2020.

100 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Educação) --
Universidade de Brasília, 2020.

1. podcast. 2. educação. 3. comunicação. 4. aprendizado
autônomo. 5. percepção. I. Lacerda Santos, Gilberto, orient.
II. Título.

RAILA SPINDOLA DE ATAIDES

**AS PERCEPÇÕES DE ALUNOS BRASILEIROS DE ENSINO MÉDIO SOBRE O
PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DO CONSUMO E
INTERAÇÃO COM PODCASTS EDUCATIVOS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gilberto Lacerda Santos
Faculdade de Educação – UnB
Presidente

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Faculdade de Educação – UnB
Examinador

Prof. Dra. Nelia Rodrigues Del Bianco
Faculdade de Comunicação – UnB
Examinadora

Prof. Dr. Lúcio França Teles
Faculdade de Educação – UnB
Examinador Suplente

BRASÍLIA, SETEMBRO DE 2020

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Veronilde e Donizete, e todos que vieram antes deles e contribuíram para que eu chegasse até aqui. Obrigada por terem trabalhado diariamente para que eu, meus filhos e netos pudéssemos ser mestres e doutores um dia.

Ao meu companheiro, Matheus, por estar ao meu lado nos momentos de ansiedade durante o curso e pela parceria acadêmica, sendo os olhos descansados e analíticos que faziam repetidas revisões e sugestões de melhorias para o meu trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Gilberto Lacerda, por acreditar no potencial da minha proposta de pesquisa ao me acolher como sua orientanda e por compartilhar sugestões valiosas que facilitaram a elaboração deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Carlos Lopes, da Faculdade de Educação da UnB, por suas contribuições inestimáveis durante meu exame de qualificação, por aceitar o convite para fazer parte da minha banca de defesa de dissertação e pelos diversos auxílios, em conjunto com a Prof. Dra. Amaralina Miranda, enquanto membro da Comissão de Bolsas do PPGE/FE – UnB.

À Prof. Dra. Nelia Del Bianco, da Faculdade de Comunicação da UnB, por colaborar para esta pesquisa durante o exame de qualificação, por aceitar participar da banca de defesa de dissertação e, principalmente, por fazer parte da minha jornada acadêmica com a mídia sonora. Todas as disciplinas de rádio cursadas durante a graduação em Jornalismo e a orientação do meu trabalho de conclusão de curso foram fundamentais para que eu estivesse aqui hoje.

À Prof. Dra. Dione Moura, da Faculdade de Comunicação da UnB, por ter revisado com excelência o projeto de pesquisa que submeti ao processo seletivo de mestrado no qual fui aprovada e ter colaborado com ideias brilhantes de caminhos a serem seguidos posteriormente.

Aos meus amigos, por serem compreensivos, acolhedores e me proporcionarem momentos valiosos jogando RPG entre uma semana e outra de trabalho duro na dissertação.

À minha psicóloga, Marcella, por ser a melhor profissional que eu poderia ter encontrado para me acompanhar durante todo o processo de ingresso e conclusão do mestrado.

Aos *podcasters* divulgadores científicos e educadores que produzem conteúdo de qualidade de forma independente na internet e já me inspiram há quase 10 anos.

Você quer que eu te conte uma história? De acordo com os irmãos Grimm, um imperador uma vez perguntou para o filho de um pastor quantos segundos têm a eternidade, ao que o rapaz respondeu: "Imagine uma montanha de diamante puro. Demora-se uma hora para chegar ao topo e uma hora para dar a volta na montanha. A cada cem anos, um pequeno pássaro vem e afia seu bico nessa montanha de diamante. Quando toda a montanha for esculpida, o primeiro segundo de eternidade vai ter se passado." Você deve estar pensando que isso é um tempo absurdo, mas eu, particularmente, penso que aquele é um pássaro absurdo.

(O Doutor, Doctor Who – Heaven Sent, tradução nossa)

RESUMO

Esta pesquisa se propõe a analisar as percepções que jovens em fase de ensino médio que consomem e interagem habitualmente com podcasts de teor educativo têm sobre o processo de ensino-aprendizado e qual é a influência dos programas nessas percepções. Os podcasts compreendidos como educativos para a pesquisa são os que abordam conteúdos curriculares de ensino médio, têm referenciais bibliográficos pedagógicos e informativos citados durante o programa ou em materiais de apoio e contam com a participação de profissionais com formação acadêmica ou experiência nas áreas dos temas abordados nos programas. Com essa finalidade, foi feita uma investigação qualitativa com quatro estudantes de nível médio de 17 a 19 anos, de escolas particulares e públicas, utilizando como método a entrevista em profundidade semiestruturada e a análise dos dados coletados. Para atingir os objetivos, foi fundamental a realização de uma pesquisa a respeito do papel e impacto da educação e do aprendizado científico na formação humana, em particular no cenário brasileiro, e discorrer a respeito do uso das novas tecnologias na educação e a educação na contemporaneidade. Para tal, foram utilizados como referencial teórico as obras *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE P., 2011) e *Redes ou Paredes* (SIBILIA, 2012). Compreender e delimitar o podcast enquanto mídia também era um passo importante para contextualizar o objeto do estudo e, para isso, analisar a história e a realidade social e cultural da qual fizeram parte os outros dois meios diretamente responsáveis pelo surgimento e linguagem dessa mídia: o rádio e a internet, em particular a web 2.0. Para isso, utilizou-se como base as obras *Cibercultura* (LÉVY, 2010), *Cultura da Convergência* (JENKINS, 2009) e *Teorias do Rádio* (MEDITSCH, 2005). No que diz respeito ao podcast enquanto mídia, foram utilizadas publicações diversas dos autores Luiz Lúcio e Alex Primo (2005-2014) e a tese de doutorado de Eugênio Freire (2013) sobre o podcast na educação brasileira. Os resultados obtidos demonstram que há influência do consumo e interação com podcasts educativos nas percepções dos estudantes de ensino médio a respeito do processo de ensino-aprendizado. A partir do contato com os podcasts, os entrevistados demonstraram apreciar mais o processo de ensino-aprendizado e acreditam que a mídia os fez perceber que aprender não precisa ser um processo opressivo; transformando, em alguns casos, as relações construídas com a escola e os professores. Os estudantes percebem os métodos tradicionais de ensino das diversas escolas que frequentaram como um fator que, por diversas vezes, gera sobrecarga em seus processos pessoais de aprendizado. No entanto, o podcast

é um auxílio para passar por esse processo de diversas formas, seja tornando o aprendizado fora da escola mais tranquilo e divertido ou ressignificando a forma como as instituições de ensino são percebidas. O desenvolvimento do senso crítico a partir de uma educação problematizadora e do estímulo da curiosidade epistemológica, que vai além da curiosidade ingênua ou senso comum (FREIRE, P., 2016), é outra característica verificada nos depoimentos dos entrevistados e demonstra ter origem não apenas na escola, mas também no tipo de conteúdo educativo que consomem de forma autônoma, como os podcasts. Os entrevistados declaram ou demonstram que os podcasts ajudaram nas provas de ingresso em instituições de ensino superior e que tiveram influência em suas escolhas de cursos de graduação e desejos profissionais. É possível verificar a partir dos entrevistados que os estudantes de ensino médio usuários dos podcasts educativas têm traços de perfil de proatividade nos estudos, uma curiosidade aflorada e certa facilidade com o uso das tecnologias para fins diversos de pesquisa e aprendizado.

Palavras-chave: podcast, educação, comunicação, aprendizado autônoma, percepção.

ABSTRACT

This research proposes to analyze the perceptions of young people in high school who usually consume and interact with educational podcasts on the teaching-learning process and what is the influence of the programs on these perceptions. Podcasts understood as educational for this research are those that address high school curricular content, have pedagogical and informative bibliographic references cited during the program or in supporting materials and have the participation of professionals with academic training or experience in the areas covered in the programs. For this purpose, a qualitative investigation was carried out with four high school students aged 17 to 19, from private and public schools, using the method of semi-structured in-depth interviews and the analysis of the collected data. In order to achieve the objectives, it was essential to carry out research on the role and impact of education and scientific learning on human development, particularly in the Brazilian scenario, and to discuss the use of new technologies in education and education in contemporary times. For this purpose, the works Pedagogy of Freedom (FREIRE P., 2011) and Redes ou Paredes (SIBILIA, 2012) were used as a theoretical reference.

Understanding and defining the podcast as a medium was also an important step to contextualize the object of the study and, for that, to analyze the history and the social and cultural reality of the other two media directly responsible for the emergence and language of this media: the radio and the internet, particularly the web 2.0. For this, the works *Cyberculture* (LÉVY, 2010), *Convergence Culture* (JENKINS, 2009) and *Teorias do Rádio* (MEDITSCH, 2005) were used as basis. Regarding the podcast as a medium, several publications by the authors Luiz Lúcio and Alex Primo (2005-2014) and the doctoral thesis by Eugênio Freire (2013) on the podcast in Brazilian education were used. The results obtained demonstrate that there is an influence of consumption and interaction with educational podcasts on the perceptions of high school students regarding the teaching-learning process. The results obtained demonstrate that the perceptions of high school students who consume and interact usually with educational content podcast programs have on the teaching-learning process are positive and that there is an influence of the programs on these perceptions. From contact with the podcasts, the interviewees show that they appreciate the teaching-learning process more and believe that this medium made them realize that learning doesn't have to be an oppressive process; transforming, in some cases, the relationships built with the school and the teachers. Students perceive the traditional teaching methods of the various schools they attended as a factor that, on several occasions, creates an overload in their personal learning processes. However, the podcast is an aid to go through this process in several ways, either making learning outside of school more peaceful and fun or giving a new meaning to the way educational institutions are perceived. The development of critical thinking based on problematizing education and the stimulation of epistemological curiosity, which goes beyond naive curiosity or common sense (FREIRE, P., 2016), is another characteristic verified in the interviewees' testimonies and demonstrates its origin not only at school, but also in the type of educational content they consume autonomously, such as podcasts. Respondents state or demonstrate that podcasts helped with admission tests to higher education institutions and that they influenced their choice of undergraduate courses and professional goals. It is possible to verify from the interviewees that high school students who use educational podcasts have traces of a proactive profile in their studies, an outward curiosity and a certain ease with the use of technologies for different purposes of research and learning.

Keywords: podcast, education, communication, autonomous learning, perception.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Definição do problema de pesquisa.....	12
1.2 Justificativa.....	13
1.3 Objetivos.....	15
1.3.1 Objetivo geral	15
1.3.2 Objetivo específico	15
2 ESTADO DO CONHECIMENTO.....	17
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	23
4 METODOLOGIA.....	27
5 RÁDIO E EDUCAÇÃO.....	32
5.1 Passado, presente e futuro do rádio	32
5.2 O rádio enquanto mídia democrática e educativa.....	34
6 CIBERESPAÇO E EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE	37
6.1 A nova escola e a busca autônoma por conhecimento	38
6.2 Comunidades de conhecimento e inteligência coletiva.....	41
7 O QUE É O PODCAST E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO	44
7.1 A história do podcast no Brasil	46
7.2 Podcast enquanto mídia educativa.....	52
7.3 Podcasts educativos brasileiros	54
7.3.1 Nerdcast.....	54
7.3.2 Podcasts do B9 – Mamilos e Naruhodo	56
7.3.3 Anticast.....	58
7.3.4 Xadrez Verbal.....	59

7.3.5 Scicast.....	60
8 COLETA E ANÁLISE DE DADOS: PERCEPÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO- APRENDIZAGEM E A INFLUÊNCIA DO PODCASTS	62
8.1 Conhecimento e percepção.....	62
8.2 Prospecção dos entrevistados	64
8.3 Análise qualitativa das entrevistas.....	67
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
10 BIBLIOGRAFIA	93
APÊNDICE A – Formulário de prospecção de entrevistados	97
APÊNDICE B – Termo de Assentimento	99
APÊNDICE C – Guia de entrevistas	100

1 INTRODUÇÃO

O contato crescente e cada vez mais precoce de crianças e adolescentes com a tecnologia é um processo inegável e irreversível. Em muitas esferas, inclusive entre pais e educadores, essa questão é vista com desconfiança, gerando debates sobre dependência, vício, falta de concentração na escola, os riscos da exposição em excesso na internet e até quais são os tipos de influência que os conteúdos consumidos online podem causar. Essas são questões para as quais ainda buscamos respostas, mas não podemos deixá-las interferir por completo na exploração das possibilidades tecnológicas como ferramentas do processo pedagógico.

[...] Neste caso, o aluno assume o papel de “pesquisador” e interage com o conhecimento através dos mais diferenciados recursos multimidiáticos. O aluno aprende “por descoberta” e ao professor cabe um encontro final com o aluno, para “ordenar” os conhecimentos apreendidos nos outros espaços do saber. A quarta e última modalidade de ensino apresenta professores e alunos como “colaboradores”, utilizando os recursos multimidiáticos em conjunto, para realizarem buscas e trocas de informações, criando um novo espaço de ensino — aprendizagem em que ambos aprendem. (KENSKI, 1997, p 68)

Em vista disso, esta pesquisa traz uma análise das percepções que jovens em fase de ensino médio que consomem e interagem habitualmente com programas de podcast de teor educativo têm sobre o processo de ensino-aprendizado e qual é a influência dos programas nessas percepções.

O áudio podcast é hoje uma mídia explorada por produtores independentes de conteúdo e especialistas de diversas áreas de conhecimento, com variedade de programas para todos os públicos e quase sempre focados em nichos. Quando se trata de conteúdo pedagógico, é possível encontrar produções aprofundadas sobre ciências humanas, exatas e biológicas, apresentadas por profissionais de todas as áreas.

O podcast é uma mídia da cibercultura em formato de áudio ou vídeo e transmitido diretamente ao assinante via feed RSS. Vem conquistando grande espaço na Web 2.0, especialmente com relação à produção de informação e às suas potencialidades comunicacionais e educativas. Além disso, também subverte a questão do receptor passivo ligado às mídias de massa tradicionais. A partir de uma origem fortemente tecnológica, o podcast teve um desenvolvimento voltado a facilitar sua produção e distribuição, permitindo que qualquer pessoa se torne potencialmente receptor e emissor, tornando a difusão de informações mais democrática. Os podcasts produzidos no Brasil possuem ainda características que os diferenciam das produções realizadas no exterior, aprofundando o caráter colaborativo existente na internet. (LUIZ; ASSIS, 2010, p. 1)

Apesar das limitações existentes devido ao alcance da inclusão digital no Brasil, a internet é um meio de comunicação que se difunde cada dia mais no país¹, tornando a mídia podcast mais acessível, já que os episódios podem ser ouvidos em um aparelho simples de celular ou computador. É um formato versátil e os ouvintes podem acompanhar enquanto executam outras tarefas, como se locomover de um lugar a outro e realizar trabalhos domésticos ou atividades físicas. O podcast é um meio multimídia, o que contribui para o aprofundamento dos temas abordados e, comparando com outros conteúdos distribuídos via internet, possui baixo custo de produção, distribuição e acesso.

Para definir o que são podcasts educativos para esta pesquisa, foram considerados os seguintes aspectos: os programas compreendidos como educativos devem abordar conteúdos curriculares de ensino médio, ter referenciais bibliográficos pedagógicos e informativos citados durante o programa ou em materiais de apoio e ter a participação de profissionais com formação acadêmica ou experiência nas áreas dos temas abordados nos programas.

1.1 Definição do problema de pesquisa

Este trabalho busca analisar as percepções que jovens em fase de ensino médio que consomem e interagem habitualmente com programas de podcast de teor educativo têm sobre o processo de ensino-aprendizado e qual é a influência dos programas nessas percepções.

Levando em consideração a diversidade de podcasts disponíveis atualmente e a versatilidade e baixo custo da mídia – caracterizada por seu dinamismo, clareza na transmissão dos conteúdos e relação horizontal entre produtores e ouvintes – a hipótese da qual parte esta pesquisa é a de que o consumo e interação com podcasts afeta positivamente a percepção de jovens sobre o processo de ensino-aprendizagem e que existe potencial educativo nessa mídia, que contribui para desenvolvimento da curiosidade e torna mais fácil relacionar as questões tratadas nos programas com o dia-a-dia dos estudantes.

¹ A Pesquisa Brasileira de Mídia 2019 verifica que 77,7 milhões de brasileiros – 46,5% da população nacional – tinham acesso à internet em 2011. Em 2016, o número de usuários subiu para 116,1 milhões de brasileiros – 64,7% da população nacional – um aumento de 18,2% (MÍDIA DADOS, 2019).

Em caso de resultados positivos da pesquisa, o podcast se mostraria como uma ferramenta valiosa para pessoas que buscam aprender de forma autônoma, professores que desejam um estímulo ao interesse dos alunos pelo conteúdo curricular, como alternativa para os que não são atraídos por métodos tradicionais de ensino e auxiliando os estudantes ocupados com outros afazeres a aprender com maior eficiência e prazer. Além disso, busca-se incentivar que discentes e instituições de ensino criem os próprios programas de podcast, gerando mais possibilidades para a aprendizagem e encorajando que novas investigações sejam feitas a respeito do podcast enquanto mídia educativa no Brasil.

1.2 Justificativa

O processo pedagógico pode ser instigante e prazeroso mesmo quando se discute assuntos complexos. A tecnologia é uma ferramenta que pode auxiliar no alcance desse objetivo, desenvolvendo a curiosidade e a autonomia do aluno diante do processo de aprendizagem. O podcast é um desses recursos. Difundindo conteúdo educativo, incentivando a troca de conhecimento entre produtores e ouvintes e livre das posições hierárquicas da escola tradicional, essa mídia tem potencial para construir um ambiente online acolhedor de aprendizado conjunto entre todos os envolvidos em seu processo.

É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos, nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (FREIRE, P., 2016, p 25)

O podcast é uma plataforma multimídia proveniente da internet que conta com características que ultrapassam as limitações do rádio tradicional. Os espaços de interação dos produtores com o público, redes sociais, áreas para comentários e discussão online o diferenciam das velhas mídias. Mais do que um espaço unilateral de comunicação via áudio de um produtor de conteúdo para um ouvinte, o podcast é uma ferramenta multifacetada de diálogo entre várias pessoas, possível graças às possibilidades de convergência das novas tecnologias.

Interessa aqui o potencial [do podcast] de facilitar a publicação de conteúdo (não apenas sonoro, como se verá) a qualquer pessoa com acesso à informática, oferecer formas inovadoras de acesso e manipulação dos episódios baixados, além de favorecer a interação dialógica entre os interagentes. Nesse sentido, entender-se-á aqui que

podcasting vai além da distribuição e escuta de arquivos de áudio. Esses produtos midiáticos podem também incluir imagens e links. Além disso, os podcasts estão normalmente vinculados a um blog, onde podcasters e outros interagentes podem debater cada episódio. (PRIMO, 2005, p 4)

Para alunos com rotinas escolares mais intensas – com estágios, atividades extracurriculares e em fase preparatória de vestibular – o podcast também é uma opção mais versátil do que mídias visuais como a televisão, textos escritos ou plataformas de distribuição de vídeo via internet, permitindo que aprendam com mais eficiência e sem pausas em suas rotinas.

Abordando um pouco da minha experiência pessoal, os métodos de aprendizagem que tive contato durante o período escolar não foram facilitadores. Dificuldades para estudar para o vestibular e percepções do aprendizado como uma obrigação desagradável eram frequentes e não surgiram por acaso. Nas escolas que estudei, o processo pedagógico costumava ser monótono e o ambiente não estimulava diálogos, com a posição hierárquica muito bem decidida e o professor como uma figura sempre inquestionável e detentora de todo o conhecimento. Após a escola, o podcast me mostrou outras possibilidades.

Enquanto estudante, minha relação pessoal com a internet é antiga e muito do conhecimento básico que adquiri é proveniente do tempo que passei online. Consumo vídeos no Youtube desde sua fundação, para entretenimento e aprendizado, e a internet é minha fonte principal de informação desde criança. O podcast surgiu na minha rotina mais tarde, na graduação, quando o tempo que dedicava à internet se tornou mais escasso e a mídia mais popular.

As mídias sonoras possuem características únicas que possibilitam acompanhar programas de entretenimento e educação enquanto se exerce outras funções, já as mídias visuais exigem atenção completa. O podcast estimula a imaginação e, ao contrário do rádio, possui conteúdos mais especializados, focados e aprofundados, com espaços de debate para interagir com outros ouvintes caso seja de interesse compreender mais sobre o assunto e ter contato com opiniões divergentes.

Com o Podcasting, o ouvinte não fica à mercê da indústria sendo obrigado a ouvir aquela programação pensada e formulada para favorecer uma gravadora ou artista. A ideia é exatamente burlar esse tipo de prática incluindo na programação dos podcasts conteúdo sonoro alternativo, que pode ser desde uma banda ou artista sem gravadora até um conteúdo técnico não musical com discussões sobre algum tema específico, como, por exemplo, gadgets para iPods, passando pelos audioblogs e/ou diários sonoros. (MEDEIROS, 2005, p 2-3)

Posteriormente, trabalhei com a mídia podcast durante a graduação, criando um produto completo de entretenimento e informação, com marca e formato definidos, composto de quatro episódios para o trabalho de conclusão de curso em Comunicação Social. Foi uma experiência que contribuiu para a compreensão dos métodos de produção de podcast e a história por trás do formato, que lembra a TV por assinatura e revistas especializadas, com canais focados em grupos específicos e produzindo conteúdos de nicho.

Hoje, acredito que não teria achado desagradáveis tantas disciplinas da escola se contasse com o apoio daquele formato de conteúdo para compreender que conhecimento podia ser instigante. Busquei o aprendizado por conta própria e acompanhava os programas por curiosidade, diversão, descontração e carisma dos apresentadores, o que se assemelhava a uma conversa entre amigos, uma troca de ideias horizontal e enriquecedora com produtores e outros ouvintes através das redes sociais. Graças ao podcast, aprendi até mesmo sobre áreas de conhecimento que estavam distantes dos meus interesses principais em ambientes formais de educação, como ciências exatas e biológicas. Acredito que essa possa ser uma experiência compartilhada com outros discentes e que merece ser estudada.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Analisar as percepções que jovens em fase de ensino médio que consomem e interagem habitualmente com programas de podcast de teor educativo têm sobre o processo de ensino-aprendizado e qual é a influência dos programas nessas percepções.

1.3.2 Objetivo específico

a) Identificar quais aspectos dos podcasts educativos atraem o público jovem de 17 a 19 anos em fase escolar para o aprendizado através dessa mídia.

b) Analisar se a interação com os programas de podcast influenciou a relação dos estudantes com a escola, os professores e o aprendizado.

c) Verificar se houve, por parte dos entrevistados, aumento do interesse no currículo escolar após interações frequentes com podcasts educativos.

d) Identificar traços do perfil dos estudantes de ensino médio usuários de podcasts educativos.

2 ESTADO DO CONHECIMENTO

O podcast surgiu em 2003 com a implementação do uso de tecnologia RSS para a distribuição de mídias sonoras e existe como conhecemos hoje há menos de 15 anos (LUIZ; ASSIS, 2010), mas apenas recentemente o formato passou por sua primeira onda de popularidade e se apresenta, ainda hoje, como uma mídia de nicho. É possível inferir, a partir dessas informações, que existe pouca pesquisa acadêmica a respeito dessa nova mídia e suas potencialidades educativas, o que foi comprovada a partir da realização desta etapa da pesquisa.

O critério de inclusão dos artigos acadêmicos encontrados durante a pesquisa no estado do conhecimento foi a disponibilidade gratuita integral na internet do material publicado e a abordagem ou relação direta dos textos com a temática “estudos de percepção a respeito aprendizagem de jovens de ensino médio através do consumo de podcasts educativos”. Foram realizadas pesquisas em quatro bancos de dados gratuitos, no dia 27 de maio de 2019, em português e em inglês e com os seguintes critérios e descritores:

- Google Acadêmico – ferramenta de busca Google com foco em pesquisa acadêmica – nos últimos 5 anos. Os descritores utilizados foram “podcast e educação no ensino médio” (com 1900 resultados de busca), “podcast and education of high school students” (com 17.200 resultados de busca), “podcast, educação, percepção” (com 2.480 resultados de busca) e “podcast, education, perception” (com 16.700 resultados de busca). Para esta pesquisa foram considerados apenas os 50 primeiros resultados de busca com os quatro descritores, devido ao vasto número de resultados. Foram encontradas sete publicações em português e três em inglês com temática semelhante ou relevante a esta pesquisa.
- Repositório Institucional da Universidade de Brasília – banco de dados da instituição onde está sendo realizada esta pesquisa – nos últimos 10 anos. Os descritores utilizados foram “podcast e educação” (5 resultados de busca, porém nenhum abordando temática semelhante à desta pesquisa e de relevância para o estado do conhecimento) e “podcast, educação e percepção” (que não obteve nenhum resultado).
- Periódicos Capes – detentores de vasto acervo de pesquisa no Brasil – nos últimos 10 anos. Os descritores utilizados foram “podcast e educação” (34 resultados) e “podcast, educação

e percepção” (5 resultados), somando, ao todo, três resultados que se assemelhavam à temática desta pesquisa e relevantes para este estado do conhecimento.

- Scielo – importante banco de dados de pesquisa nacional e da América Latina – nos últimos 10 anos. Os descritores utilizados foram “podcast e educação”, obtendo 11 resultados, dentro os quais dois já haviam sido encontrados através do Periódico Capes e se mostraram relevantes para esta pesquisa; e “podcast, educação, percepção”, que não gerou resultados.

Detalhes sobre os artigos coletados e analisados podem ser vistos na Tabela 1.

Tabela 1 – Publicações selecionadas na realização do estudo do estado do conhecimento

AUTORES	TÍTULO	LOCAL	ANO
ALMEIDA, Silvia. SOUZA, Luciano. TELES, Cristiane.	Metodologias ativas no ensino superior: a percepção de estudantes do curso de pedagogia	V Congresso Nacional de Educação (Conedu). Olinda.	2018
BRAGA; Karla.	Podcast: utilização da mídia como instrumento na educação formal	Recite: Revista Carioca de Ciência, Tecnologia e Educação (online). Rio de Janeiro: v.3, n. 1.	2018
DANTAS-QUEIROZ, Marcos. WENTZEL, Lia. QUEIROZ, Luciano.	Science communication podcasting in Brazil: the potential and challenges depicted by two podcasts	Anais da Academia Brasileira de Ciências. Rio de Janeiro: vol. 90, n. 2.	2018
PHILLIPS, Birgit.	Student-produced podcasts in language learning – exploring student perceptions of podcast activities	The International Academic Forum (IAFOR) Journal of Education. Austria: Vol 5, Issue 3	2017
DUTRA, Alessandra. SANTOS, Cíntia. FERREIRA, Givan. BELL'AVER, Jéssica. IDALGO, Luciana.	O Podcast no ensino de inglês: contribuição para a prática oral de estudantes do ensino médio	Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas. Londrina: v. 17, n. esp.	2016
GUY, Retta. MARQUIS, Gerald.	The Flipped Classroom: A comparison of student performance using instructional videos and podcasts versus the lecture-based model of instruction	Informing Science and Information Technology (ISSN 1547-5867). United States: v. 13.	2015
SILVA, Roniel. BODART, Cristiano.	O uso do Podcast como recurso didático de Sociologia: aproximando habitus	Revista de Educação, Ciência e Cultura (ISSN 2236-6377). Editora UnilaSalle, Canoas: v. 20, n. 1.	2015

DUTRA, Alessandra. FERREIRA, Givan. BELL'AVER, Jéssica. NAUFAL, Sônia.	Podcast Sobre Variação Linguística Para Aulas de Língua Portuguesa	UNOPAR Científica: Ciências Humanas e Educação. Londrina: v. 16, n. 2.	2015
FREIRE, Eugênio.	Potenciais cooperativos do podcast escolar por uma perspectiva freinetiana	Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro: v. 20 n. 63.	2015
VENKATESH, Vivek. CROTEAU, Anne-Marie. RABAH, Jihan.	Perceptions of Effectiveness of Instructional Uses of Technology in Higher Education in an Era of Web 2.0	47th Hawaii International Conference on System Science. Waikoloa: IEEE.	2014
JESUS, Wagner.	Podcast e educação: um estudo de caso	Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro.	2014
RICOY, María. COUTO, Maria.	As TIC no ensino secundário na matemática em Portugal: a perspectiva dos professores	Revista Latinoamericana de Investigación en Matemática Educativa. 14 (1): 95-119.	2011
SGANZERLLA, Sérgio.	Rádios web e educação: comunicação protagonista na formação do cidadão	Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação. Salvador.	2011

Fonte: Desenvolvida pela autora

No artigo de Retta Guy e Gerald Marquis (2015) os autores utilizam podcasts, vodcasts (um tipo de podcast em formato de vídeo e que não tem a mesma popularidade) e outros recursos audiovisuais institucionais na complementação do ensino de alunos de nível superior. Foram comparados estudantes de duas classes, em uma delas o modelo tradicional de ensino foi aplicado e na outra o diferenciado com o uso das propostas audiovisuais, utilizando um modelo quase-experimental. O estudo de Guy e Marquis trabalha com alunos de nível superior aprendendo em conjunto dentro do ambiente acadêmico e com várias mídias audiovisuais, não dando foco específico ao podcast ou ao aprendizado autônomo do indivíduo.

Na publicação de Karla Braga (2018) a autora realiza uma revisão de literatura sobre o surgimento e a história da mídia podcast no Brasil e no mundo e a utilização das novas mídias na educação. No entanto, o artigo foca nos modelos de educação à distância. A publicação tem relevância por fazer uma retrospectiva sobre o podcast e unir autores de um tema escasso em 2018, data próxima à da realização deste projeto. A dissertação de mestrado de Jesus (2014) não segue uma linha tão diferente desta, trazendo pesquisas a respeito do consumo de podcast educativo e

discutindo, através de um estudo de caso, quais seriam os potenciais educativos da mídia, mas sem realizar o diálogo direto com produtores ou consumidores de podcasts.

O artigo de Silva e Bodart (2015) apresenta um relato de experiência docente realizado em uma escola de ensino médio pública de Rondônia, na qual professores desenvolveram um podcast para atender as demandas educacionais dos alunos. No projeto em questão foram aplicados questionários com os alunos da escola em busca de compreender seus gostos, partindo de Pierre Bourdieu e o conceito sociológico de *habitus*. A proposta apresentada por Silva e Bodart se aproxima mais da ideia deste projeto ao trabalhar com alunos de ensino médio e investigar o gosto e hábito dos educandos para o desenvolvimento do podcast, porém trabalha com um produto inédito criado exclusivamente para os estudantes e desenvolve as experimentações em conjunto com a classe inteira. Muitos dos projetos que compõem este estado do conhecimento seguem a mesma linha de trabalho, mostrando uma tendência nas pesquisas sobre podcast na educação.

Nas duas publicações de Dutra *et al.*, Podcast Sobre Variação Linguística Para Aulas de Língua Portuguesa (2015) e O Podcast no ensino de inglês: contribuição para a prática oral de estudantes do ensino médio (2016), os autores trabalham de formas diferentes com alunos de ensino médio ao realizar pesquisas bibliográficas, de campo e analíticas utilizando podcast como auxílio para o aprendizado de línguas. No primeiro estudo foi exibido um podcast em vídeo (ou vodcast) em uma turma de ensino médio privada no Paraná e aplicado um questionário para identificar a percepção dos alunos sobre a mídia e o processo de aprendizado através dela. Já na segunda pesquisa os autores realizaram um projeto de produção de podcast original em inglês em conjunto com turmas de ensino médio no Paraná como forma de aprendizado da língua estrangeira.

Ainda seguindo a mesma linha dos estudos de língua, Phillips (2017) realiza uma pesquisa semelhante à de Dutra *et al.* e Silva e Bodart a partir de um experimento de produção de podcasts por alunos de nível superior para o aprendizado de inglês na Áustria. O objetivo do pesquisador era verificar as percepções dos estudantes a respeito do método, assim como no presente trabalho. Os resultados foram positivos e a atividade agradou os alunos, mas o autor ressalta que é importante sempre suporte técnico do professor para ajudar na construção do produto, já que é comum confundir a geração dos “nativos digitais”, que consomem muito as novas mídias, com produtores habilidosos desses mesmos produtos, o que nem sempre é o caso.

Almeida *et al.*, Venkatesh *et al.*, Sganzerlla, Ricoy e Couto realizaram estudos de percepção na área da educação e das tecnologias de interação, comunicação e expressão. O trabalho de Almeida *et al.* "tem por objetivo apresentar a percepção de estudantes do Curso de Pedagogia sobre o uso de estratégias de metodologias ativas, como prática inovadora" (2018), adotando a metodologia da pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com aplicação de questionário estruturado. Os alunos do estudo produziram um livro e um audiolivro (que o autor chamou de podcast, apesar de não se tratar da mesma definição utilizada neste trabalho), proporcionando uma experiência de produção de áudio para os estudantes. Os resultados obtidos com o experimento foram positivos, demonstrando maior envolvimento dos alunos a partir das metodologias ativas.

Venkatesh *et al.* aborda as “percepções de efetividade do uso instrucional da tecnologia em ensino superior na era da web 2.0” (2014, tradução nossa). O estudo utilizou teorias da psicologia educacional e da integração tecnológica e questionou 14.283 estudantes de 12 universidades de Québec, no Canadá, a respeito da implementação de tecnologias de interação, comunicação e expressão (TIC) como recurso de aprendizado. A pesquisa conclui que utilizar as TIC resultou em uma percepção positiva do uso das tecnologias como recurso de aprendizado.

O objetivo principal da pesquisa de Sganzerlla (2011) era "analisar a educação por meio da percepção de como os meios de comunicação e a tecnologia têm uma forte interface na formação crítica do cidadão. A implantação das rádios web nas escolas é um desses instrumentos" (SGANZERLLA, 2011, p. 7). O autor reflete sobre o impacto causado pela convergência midiática, partindo de perspectivas de aplicações das novas tecnologias em ambientes escolares e democratização da mídia através da web. A pesquisa foi realizada na Escola Comunitária Luiza Mahin, uma instituição pública de nível fundamental que funciona em dois períodos no bairro do Uruguai, em Salvador. Os métodos de pesquisa utilizados foram o estudo de caso e a entrevista semiestruturada com professores, a diretora e coordenadores. A pesquisa concluiu que o maior obstáculo a se enfrentar na implementação de atividades envolvendo tecnologia nas escolas é o conhecimento técnico e a dificuldade de manipular equipamentos, enfatizando a necessidade do empoderamento do professor nessa área. Outro problema detectado foi a internet de baixa velocidade na escola, que impossibilitava o funcionamento constante da rádio.

A pesquisa de Ricoy e Couto (2011) disserta a respeito do uso das TIC no ensino de matemática para o nível fundamental. O estudo foi realizado em Portugal, utilizou-se a metodologia da entrevista e a perspectiva considerada foi a dos professores. Os pesquisadores concluíram que os docentes têm dificuldades em lidar com as tecnologias em sala de aula e, apesar de reconhecerem os benefícios, afirmam ter dificuldades de monitorar os estudantes em ambiente online e que o calendário escolar inviabiliza a realização de atividades diversificadas.

Os artigos de Dantas-Queiroz *et al.* (2018) e Freire (2015) foram os que mais se aproximaram de uma proposta semelhante à deste projeto. O primeiro é um estudo de caso sobre podcasts científicos e educacionais brasileiros, trabalhando com podcasts independentes de empresas de mídia, mas partindo de uma perspectiva menos educacional e focando nas potencialidades gerais da mídia. Já o estudo de Freire (2015), que trabalha apenas podcasts não comerciais, “investiga o podcast e a podosfera² brasileira de uma perspectiva freinetiana de cooperação, buscando as possibilidades de implementação dos podcasts em um contexto escolar”.

² “A utilização do podcast acarreta a formação do que se designou como “podosfera”, ou, em inglês, *podosphere*. O termo refere-se ao conjunto de produções no âmbito da tecnologia supracitada. Na podosfera do Brasil encontram-se, costumeiramente, práticas nas quais os sujeitos se procuram espontaneamente para a realização de trabalhos em conjunto voltados para a elaboração das produções.” (FREIRE, 2015)

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta deste trabalho torna fundamental a realização de uma pesquisa a respeito do papel e impacto da educação e do aprendizado científico na formação humana, em particular no cenário brasileiro. Dessa forma, foi utilizado como referencial teórico o livro *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, P., 2016), devido à relevância do autor para a educação no Brasil e por abordar a temática de um ponto de vista humanizado, democrático e horizontal, além do pedagogo dissertar a respeito do potencial dos conhecimentos e experiências adquiridas pelos educandos fora do ambiente escolar e da importância do estímulo e valorização da curiosidade, que é um dos papéis exercidos pelas novas tecnologias nas relações de aprendizado exploradas nesta pesquisa.

O bom clima pedagógico-democrático é o em que o educando vai aprendendo, à custa de sua prática mesma, que sua curiosidade, como sua liberdade, deve estar sujeita a limites, mas em permanente exercício. [...] Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. Com a curiosidade *domesticada* posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. (FREIRE, P., 2016, p. 82-83)

Para discorrer a respeito do uso das novas tecnologias na educação e a educação na contemporaneidade, foi escolhido como base de pesquisa a obra *Redes ou paredes: A escola em tempos de dispersão*, de Paula Sibilía (2012). A obra é de uma pesquisadora da área de Comunicação e ressalta a proposta de interdisciplinaridade deste trabalho. Sibilía discute a história do surgimento da instituição escola e a ressignificação de suas paredes físicas na atualidade, discorrendo sobre o que pode ser feito para que essa instituição que pouco se modernizou nas últimas décadas continue fazendo sentido hoje, quando as informações podem ser acessadas facilmente através dos novos meios de comunicação. A obra também discute como as novas tecnologias contribuem para a expansão do espaço de aprendizagem para ambientes não escolares.

Fica claro que os dispositivos eletrônicos com que convivemos e que usamos para realizar as mais diversas tarefas, com crescente familiaridade e proveito, desempenham um papel vital nessa metamorfose. Esses artefatos de uso cotidiano não só provocam velozes adaptações corporais e subjetivas aos nossos ritmos e experiências, permitindo responder com a maior agilidade possível à necessidade de reciclagem constante e de alto desempenho, como também eles mesmos acabam por se multiplicar e se popularizar em virtude de tais mudanças nos estilos de vida. [...]

Por motivos óbvios, os jovens abraçam essas novidades e se envolvem com elas de maneira mais visceral e naturalizada, embora de modo algum se trate de uma exclusividade das gerações mais novas. Todavia, surge aqui um choque digno de nota: justamente essas crianças e adolescentes, que nasceram ou cresceram no novo ambiente, têm de se submeter todos os dias ao contato mais ou menos violento com os envelhecidos rigores escolares. (SIBILIA, 2012, p. 51)

Foi fundamental para a construção desta pesquisa delimitar e compreender o podcast enquanto mídia e, para isso, analisar a história e a realidade social e cultural da qual fizeram parte os outros dois meios diretamente responsáveis por seu surgimento e linguagem: o rádio e a internet, em particular a web 2.0.

Os livros *Cibercultura* (LÉVY, 2010) e *Cultura da Convergência* (JENKINS, 2009) embasaram teoricamente as questões referentes aos estudos sobre a web 2.0, a relação humana com a internet, as novas tecnologias e suas potencialidades. As obras foram selecionadas por serem pioneiras na área e dialogarem entre si, sendo que os autores levantam diversas questões referentes aos impactos que a cibercultura gera na educação, na formação e nas novas interações com o saber. As obras contribuem para a pesquisa no que diz respeito a estabelecer uma base teórica sobre aprendizagem informal e não-formal através da internet e as transformações culturais que ocorrem devido aos novos fenômenos tecnológicos.

O saber-fluxo, o trabalho-transação de conhecimento, as novas tecnologias da inteligência individual e coletiva mudam profundamente os dados do problema da educação e da formação. O que preciso aprender não pode mais ser planejado ou nem precisamente definido com antecedência. Os percursos e perfis de competências são todos singulares e podem cada vez menos ser canalizados em programas ou cursos válidos para todos. Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos. No lugar de uma representação em escalas lineares e paralelas, em pirâmides estruturadas em “níveis”, organizadas pela noção de pré-requisitos e convergindo para saberes “superiores”, a partir de agora devemos preferir a imagem de espaços de conhecimento emergentes, abertos, contínuos, em fluxo, não lineares, se reorganizando de acordo com os objetivos ou os contextos, nos quais cada um ocupa uma posição singular e evolutiva. (LÉVY, 2010, p. 160)

A respeito da segunda mídia relevante para compreender o podcast, o rádio, o livro *Teorias do Rádio* (MEDITSCH, 2005) foi selecionado por discorrer desde seus primórdios a respeito da história, linguagem e papel democrático do rádio e da mídia sonora no Brasil e no mundo. A obra traz textos antigos e novos de diversos pesquisadores contemporâneos brasileiros dialogando com figuras históricas, pensadores, filósofos e inventores que estiveram envolvidos com estudos e reflexões a respeito do rádio – como Tesla e Brecht. A partir desta referência bibliográfica é possível perceber que muitos dos estudiosos contemporâneos ao rádio viam nele um grande potencial educativo e democrático, sendo muitas de suas pesquisas extremamente atuais e relevantes para refletir a respeito outros meios de comunicação de massa que surgiram posteriormente, principalmente o podcast. Além disso, hoje o podcast também é utilizado como uma das principais opções para distribuição de programas de rádio ao redor do mundo.

Elaboradas entre 1927 e 1932, as análises e apontamentos de Brecht, reunidas em “Teorias do Rádio”, permanecem cada vez mais atuais e sempre estão a provocar um diálogo. Evidenciam que o dramaturgo foi um dos primeiros pensadores a perceber o papel estratégico do então novo veículo e em especial, um dos percursores na identificação das imensas potencialidades de comunicação do rádio – tanto as técnicas quanto as que derivam da sua função social. Mais ainda, na sua “Teoria do Rádio”, o pensador já clamou pelo uso do veículo de forma a proporcionar a democratização da comunicação. (ZUCULOTO, 2005, p. 48)

No que diz respeito ao podcast enquanto mídia – um assunto ainda pouco explorado em literatura acadêmica, principalmente no Brasil – foram utilizadas publicações diversas dos autores Luiz Lúcio e Alex Primo para contextualizar o podcast historicamente: seu surgimento, utilização no Brasil e no mundo, formato, linguagem, público e diferenças deste com relação a outras mídias semelhantes, como o rádio, a web-rádio e até mesmo o Youtube. Esta bibliografia foi fundamental para compreender como o podcast se tornou o que é hoje em linguagem e distribuição, contribuindo para conceituar a mídia e diferenciá-la do que seria apenas mais um tipo de rádio transmitido via internet. O podcast tem diversos canais de interação, convergência midiática e recursos diversos que o tornam uma mídia própria e singular.

O podcast já recebeu diversas definições, umas mais precisas, outras menos. Ele já foi chamado de “uma espécie de rádio pela internet”, ou ainda “uma forma de fazer download de arquivos de áudio”. Porém, por mais que aqueles que nunca ouviram falar do que é um podcast consigam ter uma imagem do que seria isso, essas definições não dão conta dessa nova mídia. [...]

A mídia do rádio recebe esse nome principalmente porque é uma mídia transmitida por radiodifusão, ou seja, difusão ou ampla difusão (*broadcasting*, em inglês) através de ondas de rádio. Não é à toa que usamos esse nome: ele indica principalmente o meio pelo qual ele é transmitido. [...]

Já o podcast é uma mídia transmitida via podcasting e o podcasting é uma forma de transmissão de mídia via feedRSS (Real Simple Syndication). (LUIZ, 2014, p. 29-31)

Com relação aos usos do podcast como recurso educativo no cenário brasileiro, a publicação que embasou esta pesquisa foi a tese de doutorado *Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação* (FREIRE, E., 2013), na qual o autor investiga os potenciais educativos do podcast e realiza um apanhado completo a respeito do uso desta mídia na educação em contextos escolares e não escolares.

Considerando os fatores expostos, este estudo visa discutir as bases teóricas gerais do podcast a fim de constituir subsídios para as etapas iniciais do desenvolvimento de um pensamento articulador das diversas instâncias de apropriação educacional da tecnologia em questão, elaborando concepções dinâmicas, críticas e contextualizadas à diversidade dos cenários educativos nacionais. Desse modo, almejasse disponibilizar um aporte teórico panorâmico e crítico voltado à elaboração de projetos para o uso de podcast em práticas educativas dentro e fora de contextos escolares.

Nos direcionamentos propostos, a citada tríade “natureza, potencialidades e implicações” servirá como alicerce para a construção de uma proposição sistematizada dos elementos

fundamentais do podcast, enquanto tecnologia educacional. Os três fatores citados representam pontos basilares que, por meio de uma relação recursiva, englobam as perspectivas de apropriação educativa do podcast. Nesse encaminhamento, a natureza da tecnologia aqui em pauta será caracterizada em função de sua apropriação social, a qual delimitará as implicações educativas daquela e, em vista desses desdobramentos, apontará os potenciais educativos do podcast. (FREIRE, E., 2013, p. 15-16)

Por fim, para embasar e explicar a pesquisa de percepção proposta neste projeto, foi selecionada a obra *Convite à Filosofia* (CHAUI, 2000), por introduzir, conceituar e discorrer a respeito de diversas linhas de pensamento que estudam a percepção nos campos da psicologia e da filosofia, abordando, inclusive, temáticas referentes à educação e à aprendizagem. A obra se mostrou fundamental para a condução e a análise das entrevistas em profundidade.

Duas grandes concepções sobre a sensação e a percepção fazem parte da tradição filosófica: a empirista e a intelectualista.

[...]Para os intelectualistas, a sensação e a percepção dependem do sujeito do conhecimento e a coisa exterior é apenas a ocasião para que tenhamos a sensação ou a percepção. Nesse caso, o sujeito é ativo e a coisa externa é passiva, ou seja, sentir e perceber são fenômenos que dependem da capacidade do sujeito para decompor um objeto em suas qualidades simples (a sensação) e de recompor o objeto como um todo, dando-lhe organização e interpretação (a percepção).

A passagem da sensação para a percepção é, neste caso, um ato realizado pelo intelecto do sujeito do conhecimento, que confere organização e sentido às sensações. Não haveria algo propriamente chamado percepção, mas sensações dispersas ou elementares; sua organização ou síntese seria feita pela inteligência e receberia o nome de percepção. (CHAUI, 2000, p. 151-152)

Dessa forma, o referencial teórico deste trabalho se divide em seis tópicos de investigação para que seja possível abranger o escopo da pesquisa e obter resultados satisfatórios:

- Estudos pedagógicos, tomando como base *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE P., 2011).
- Tecnologias de comunicação na educação e aprendizado na contemporaneidade, tomando como base *Redes ou Paredes* (SIBILIA, 2012).
- O rádio e a web, principais meios que influenciaram a linguagem e a distribuição do podcast, baseando-se em *Cibercultura* (LÉVY, 2010), *Cultura da Convergência* (JENKINS, 2009) e *Teorias do Rádio* (MEDITSCH, 2005).
- Definição, história e formato da mídia podcast, baseando-se em publicações diversas dos pesquisadores brasileiros Lúcio e Primo (2005-2014).
- Uso do podcast enquanto recurso educativo, fundamentando-se na tese de doutorado de Eugênio P. A. Freire, *Podcast na educação brasileira* (2013).
- Conceituação de percepção e formas de aplicação na pesquisa em educação, fundamentando-se em *Convite à Filosofia* (CHAUI, 2000).

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa utilizou o recurso metodológico da entrevista em profundidade semiestruturada, um método qualitativo que busca respostas a partir do questionamento sistematizado de fontes que possuem experiências e informações a respeito de um assunto que se deseja conhecer e explorar.

A entrevista semiestruturada foi escolhida como método desta pesquisa por permitir que se crie um sistema de comparação entre os dados obtidos através de diversas fontes, mas sem a perda da individualidade dos investigados, o que é mais difícil de obter através de métodos quantitativos de pesquisa ou até mesmo em entrevistas estruturadas. A seleção do método foi feita considerando que o estudo não busca obter resultados quantitativos, mas sim saber como o aprendizado e os podcasts educativos são percebidos subjetivamente pelos entrevistados, fornecendo conhecimento para ampliar conceitos sobre o assunto.

Portanto, podemos certificar que a opção pela técnica de coleta de dados através da Entrevista deve ser feita quando o pesquisador/entrevistador precisar valer-se de respostas mais profundas para que os resultados da sua pesquisa sejam realmente atingidos e de forma fidedigna. E só os sujeitos selecionados e conhecedores do tema em questão serão capazes de emitir opiniões concretas a respeito do assunto. [...]

Analisando a “Entrevista” como uma técnica de coleta de dados, podemos afirmar que não se trata de um simples diálogo, mas, sim, de uma discussão orientada para um objetivo definido, que, através de um interrogatório, leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa. (ROSA; ARNOLDI, 2006, p 12-13)

O método de grupo focal também foi considerado no momento de ideação desta pesquisa, mas a opção foi descartada por não ser viável, dentro da proposta, trabalhar apenas com entrevistas realizadas presencialmente e com estudantes de uma mesma cidade. Isso ocorre, em particular, porque o público assíduo de podcasts ainda se encontra disperso no território nacional e Brasília não está entre as regiões com o maior número de ouvintes, sendo o Distrito Federal a oitava unidade federativa brasileira com o maior número de ouvintes (ABPOD, 2018).

Já outras propostas comuns envolvendo grupos focais – como seria o caso de reunir estudantes que não são um público frequente de podcast para ouvir partes de programas e debater a mídia no mesmo momento – não se adequam ao objetivo desta pesquisa, já que um contato pontual e singular com o podcast não surtiria nenhum efeito significativo na percepção dos estudantes sobre o processo de ensino-aprendizagem ou sobre a mídia em si, que normalmente conta com programas longos, densos e difíceis de consumir e compreender em um período curto

da realização de um grupo focal, além de não proporcionar a possibilidade de analisar as impressões dos ouvintes a respeito das plataformas de interação com os produtores dos podcasts.

As entrevistas em profundidade realizadas nesta pesquisa foram feitas com quatro jovens de 17 a 19 anos que cursam o ensino médio e têm como hábito consumir e interagir com podcasts. A proposta é analisar as percepções que jovens em fase de ensino médio que consomem e interagem habitualmente com programas de podcast de teor educativo têm sobre o processo de ensino-aprendizado e qual é a influência dos programas nessas percepções.

Para localizar os participantes da pesquisa, já que a mídia podcast está em processo de crescimento, foram utilizadas as redes sociais como forma de prospecção dos entrevistados. O Twitter é a plataforma de mídia social mais utilizada por produtores de conteúdo em formato de podcast e na qual eles possuem maior engajamento. A partir desse conhecimento, foi desenvolvido um questionário breve para ser distribuído a partir dessa plataforma de mídia social, solicitando a contribuição dos *podcasters* para compartilharem a pesquisa com seus ouvintes e seguidores no Twitter.

As entrevistas foram realizadas com alunos de escolas públicas e particulares, com diversas realidades econômicas e sociais e de partes diversas do Brasil, decisão que surgiu das limitações decorrentes do podcast ainda ser uma mídia em ascensão no Brasil e da dificuldade já citada anteriormente que representaria encontrar os entrevistados com um afinamento maior do escopo da pesquisa. Como o levantamento cuidadoso do perfil de cada entrevistado é fundamental para um estudo de percepção – já que "a percepção é uma conduta vital, uma comunicação, uma interpretação e uma valoração do mundo, a partir da estrutura de relações entre nosso corpo e o mundo" (CHAUI, 2000, p. 154) – um cuidado redobrado foi necessário ao optar por entrevistar estudantes com perfis tão plurais, tornando fundamental destacar essas diferenças entre cada um dos participantes na análise dos dados obtidos.

É imprescindível, portanto, que o entrevistador tenha, como ponto de partida, toda a visualização desse contexto externo, cultural e histórico em que está inserido o sujeito a ser pesquisado, e, também neste momento o conteúdo da pesquisa em questão, podendo prosseguir ou iniciar a coleta de dados somente após essa averiguação, para que não se perca em caminhos transversos. (ROSA; ARNOLDI, 2006, p 17)

Cada entrevistador deve ser responsável por preparar a Entrevista, segundo a cultura, a sensibilidade e o condicionamento particular do tema, e, o que é mais importante, segundo o contexto espacial, temporal e social, dando-se ênfase ao aspecto emocional e afetivo do

entrevistado, para que ocorra a validação e a valorização do tema em questão. (ROSA; ARNOLDI, 2006, p 36)

A primeira etapa da coleta de dados proposta consistiu no mapeamento de possíveis entrevistados. Para isso, foi realizada a aplicação de um questionário composto de poucas perguntas desenvolvido no Google Formulários e encaminhado para diversos produtores de podcast e influenciadores digitais de pequeno e médio porte através da plataforma de mídia social Twitter, solicitando divulgação do endereço eletrônico para seus seguidores. O questionário era direcionado a todos os ouvintes de podcast que tivessem mais de 17 anos e fossem estudantes, sendo que a última pergunta solicitava o e-mail dos que estivessem dispostos a participar de uma pesquisa mais extensa, o que permitiu que chegássemos até os entrevistados finais. O processo completo dessa prospecção foi descrito em detalhes na sessão 7.2 deste trabalho, na qual constam informações detalhadas a respeito do número de respostas obtidas e estratégias utilizadas para aumentar o alcance do questionário.

Durante a segunda etapa, foram desenvolvidos os guias das entrevistas com os temas e tópicos a serem abordados com os entrevistados de acordo com o que se deseja investigar, porém sem a formulação de questões fechadas ou ordem definida, por se tratar de uma entrevista semiestruturada. O guia das entrevistas foi dividido em quatro grandes áreas, sendo elas: 1) informações básicas; 2) contextos da educação formal e escolar; 3) contexto da educação informal e não escolar; e 4) a respeito do consumo, interação e aprendizado via podcast.

O primeiro tópico buscava coletar informações que oferecessem um panorama do histórico cultural e familiar dos entrevistados, como nível de escolaridade dos pais, se realizavam outras atividades além da escola e se vivem em áreas rurais ou urbanas. O segundo tópico voltou-se para a escola e os contextos de aprendizado formal, qual é o modelo de ensino adotado pelas instituições de ensino que frequentaram, se eram públicas ou particulares, impressões sobre professores, disciplinas, notas, avaliações, processos seletivos para ingresso no nível superior e cobrança dos pais e responsáveis. O terceiro ponto, focado no aprendizado informal e em contextos não-escolares se voltou para os hábitos de leitura e uso das tecnologias de informação, comunicação e expressão (TICE) para aprender fora das instituições de ensino. O último tópico foi de aprofundamento no debate a respeito do podcast, mídia que é foco desse estudo, buscando uma conexão com todas as informações que foram trazidas anteriormente e fazendo um paralelo das

experiências dos entrevistados com essa mídia e suas percepções do processo de ensino-aprendizado.

Durante o desenvolvimento dos guias também foi decidido o tempo de duração das entrevistas, que tiveram entre quarenta minutos e uma hora de duração, uma decisão voltada para a flexibilidade e que buscava respeitar o tempo de fala de cada entrevistado para os tópicos apresentados. “Nas entrevistas menos dirigidas, o que interessa é justamente recorrer ao fluxo de informações particulares de cada entrevistado e captar aspectos não previstos no guia que se incorporarão a este se considerados relevantes”. (ROSA; ARNOLDI, 2006)

A terceira etapa consistiu na realização do contato com os entrevistados a partir das respostas do questionário e a realização das entrevistas. O contato foi feito através dos e-mails disponibilizados no questionário de prospecção distribuído no Twitter, que obteve 31 respostas de pessoas que se encaixavam no escopo da pesquisa, das quais 21 se disponibilizariam para participar das entrevistas em profundidade. Foram enviadas mensagens para as 21 pessoas solicitando entrevistas por chamada de vídeo ou áudio via internet, sendo que quatro responderam confirmando a disponibilidade para participar, três responderam negativamente, afirmando indisponibilidade de tempo e 14 não responderam aos e-mails em tempo hábil para a realização das entrevistas. Assim sendo, trabalhamos com quatro participantes no total.

As entrevistas ocorreram apenas por chamada de áudio via Hangouts, plataforma de videoconferência da Google, pois manter o vídeo ligado durante as entrevistas se mostrou inviável, já que a velocidade da conexão de internet estava prejudicando a qualidade das ligações. Como o áudio era a parte mais importante de ser preservada para pesquisa, optou-se por não utilizar o vídeo. As identidades dos participantes foram preservadas e os áudios foram gravados com consentimento de todas as partes.

A quarta etapa consistiu na transcrição das gravações de todas as entrevistas realizadas, momento importante para entrar em contato com o conteúdo obtido através das fontes e observar pontos que passaram despercebidos durante a realização das entrevistas. Por fim, foi feita a análise qualitativa do conteúdo transcrito, buscando identificar como os entrevistados percebem o processo de ensino-aprendizagem e qual é a importância que o podcast tem para essa percepção. Para atingir uma análise de percepção como definido por Chauí (2000), foi fundamental dar destaque e considerar todo o histórico de cada um dos participantes da pesquisa, como o nível de

escolaridade dos pais, região onde vivem, qual modelo de ensino era adotado por suas escolas e se essas instituições eram particulares ou públicas. Rosa e Arnoldi (2006) descrevem como deve ser conduzida essa última etapa da pesquisa:

Nessa etapa, há a busca de uma apreensão profunda de significados nas falas, nos comportamentos, nos sentimentos, nas expressões, interligados ao contexto em que se inserem e delimitados pela abordagem conceitual do entrevistador, trazendo à tona, por intermédio da fala, do relato oral, uma sistematização baseada na qualidade. Devem-se analisar dados descritivos da realidade, tendo como foco a fidelidade do universo de vida cotidiana dos entrevistados. A função desse sistema é, portanto, apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar diferentes significados de experiências vividas. (ROSA; ARNOLDI, 2006, p 69-70)

5 RÁDIO E EDUCAÇÃO

O debate sobre o rádio é uma seção indispensável quando se deseja falar sobre podcast, tanto por serem duas mídias que se apoiam principalmente no recurso sonoro, quanto pelo podcast ter se inspirado diretamente no rádio para construção de linguagem e identidade como mídia.

Nesta seção, o objetivo é abordar brevemente sobre a invenção das tecnologias que proporcionaram o surgimento do rádio, as perspectivas e expectativas sociais e culturais que foram postas sobre esta mídia, a consolidação do rádio e seu papel na educação. As reflexões a respeito do rádio são de importância para gerar conexões e reflexões sobre o podcast e os passos que são ou podem vir a ser seguidos no futuro por esta mídia jovem e ainda em processo de desenvolvimento e debate, tanto na academia quanto na sociedade como um todo.

5.1 Passado, presente e futuro do rádio

Entre 1904 e 1943, a invenção do rádio foi atribuída a Guglielmo Marconi, mesmo que o italiano tenha utilizado diversas patentes do sérvio naturalizado americano Nikola Tesla na criação de sua versão do rádio. A patente da invenção chegou a ser cedida a Tesla em 1900, mas o Departamento de Patentes dos Estados Unidos retirou os direitos em 1904 para transferir a Marconi. “Na época, o cientista italiano presidia a Marconi Wireless Telegraph Company, Ltd. que, com ações nas bolsas de Nova York e Londres, foi a primeira multinacional a operar no setor de comunicação sem fio” (Moreira, 2005, p. 27).

A companhia de Marconi era apoiada por empresas de equipamento de eletricidade e instituições financeiras, fazendo com que esta opção comercial e industrial deixasse de lado as experiências de Tesla, que teve seus experimentos desconsiderados. Apenas 39 anos depois, por razões político-econômicas, a patente da invenção do rádio foi devolvida a Nikola Tesla. Segundo Moreira (2005), com a devolução de 12 patentes relacionadas à invenção do rádio a Nikola Tesla, os Estados Unidos se livraram de pagar caro a Marconi por utilizar a tecnologia no país.

Todo o cenário político e econômico descrito ao redor do rádio no período de sua invenção e as diversas discussões a respeito de como esse novo recurso deveria ser utilizado refletem o que essa tecnologia se tornou no cenário da comunicação mundial. O rádio foi o primeiro meio de comunicação em massa a entrar na casa da população, algo revolucionário diante do que já se tinha até aquele momento e que mostrava um enorme potencial mercadológico a ser explorado. Pelos

mesmos motivos, o rádio também era uma ferramenta com potencial de democratização da comunicação, da informação e da cultura, visto por muitos teóricos como uma tecnologia que deveria ser utilizada prioritariamente focando em interesses públicos. Existe, no entanto, uma barreira técnica entre essas duas possibilidades: o rádio analógico funciona através da radiodifusão, um mecanismo que permite a transmissão de sinais sonoros através de ondas eletromagnéticas que se propagam no ar, e o espectro radiofônico possibilita uma quantidade limitada de canais de rádio operando ao mesmo tempo em uma mesma região, sendo então um recurso finito. Dessa forma, como essa tecnologia deveria ser gerida e quem deveria ter o direito de propagar mensagens através das limitadas ondas de rádio? Seria ético utilizá-las para fins comerciais ou o correto é que o rádio seja público e utilizado totalmente para fins específicos de interesse social?

Essas questões foram levantadas por diversos teóricos da época e moldaram o pensamento contemporâneo no mundo todo a respeito de como a comunicação em massa deve ser feita. A Europa, por exemplo, aderiu a um modelo público de radiodifusão, sendo que a BBC foi a única emissora de rádio operando na Inglaterra até a década de 1960. Já os Estados Unidos aderiram ao modelo do livre mercado, com rádios privadas disputando, por muitos anos, audiência e espaço no espectro radiofônico sem qualquer regulamentação governamental (Santos; Silveira, 2007). A forma de gerir os meios de comunicação afeta as duas regiões até hoje, influenciou a forma como foi feita a regulamentação da televisão posteriormente e como é a linguagem radiofônica e televisiva em cada região.

Além das rádios comerciais, rádios públicas e estatais, também existem as rádios livres e comunitárias, regulamentadas de formas diferentes em cada parte do mundo, inclusive no Brasil. Essas rádios surgem como inicialmente como um desejo de expressão cultural, política, econômica e social de comunidades e são mantidas legalmente funcionando e regulamentadas como um meio de fomentação da democracia, participação social e expressão dos direitos básicos de informação e comunicação.

Hoje o rádio vive um novo momento de transformação contínua e compreensão de espaço que ocupa. O rádio se tornou a mídia de fácil penetração em locais de difícil acesso, que acompanha o motorista no trânsito, de informação quente, imediata e rápida. Apesar de muitos já terem tentado declarar sua morte, com o surgimento da televisão ou da internet, a mídia persiste

ocupando um espaço único, já que o rádio ainda chega aonde nenhum outro meio de massa chega. Hoje, o repórter de rádio sozinho e com um smartphone é mais rápido e instantâneo para uma entrada ao vivo do que qualquer equipe de televisão de duas ou três pessoas. O rádio, para o público de locais onde televisão ou internet não chegam, é a fonte principal de informação. Um aparelho de rádio simples não exige eletricidade, entregador de jornal ou *wi-fi*. Mas a importância do rádio na atualidade não é exclusiva para motoristas e locais sem acesso à televisão ou internet, já que com novos avanços tecnológicos e o surgimento do rádio digital e da rádio web foi possível driblar as principais limitações de difusão citadas anteriormente do rádio analógico. O rádio se tornou mais dinâmico, interativo, possui melhor qualidade de som e já não se limita mais ao espectro radiofônico das ondas eletromagnéticas.

Surgiu também, nos últimos anos, o *podcasting* como tecnologia de transmissão de conteúdo via internet e, posteriormente, o áudio podcast como mídia, que não é e nem carrega o nome de rádio, mas que compartilha a mesma história. O podcast é o ponto mais distante de todo esse emaranhado sonoro e o tema central desta pesquisa, sendo debatido com maior profundidade em capítulos posteriores.

5.2 O rádio enquanto mídia democrática e educativa

O rádio foi o primeiro meio de comunicação em massa do mundo, ficando atrás apenas do cinema, mas sendo o primeiro a estar presente dentro da casa da população. Sendo assim, a programação pode ocorrer de forma aberta, gratuita, todos os dias da semana e 24 horas por dia, ao contrário do cinema. Além disso, o rádio é um meio sonoro, não exige atenção visual e, mais importante, não exige que o público saiba ler, como demanda o jornal impresso. Olhando para a atualidade, existem aparelhos de rádio que funcionam apenas a pilha, não é preciso ter uma rede de eletricidade, conexão com a internet ou outros aparatos tecnológicos exigidos pela televisão ou pela web. O rádio não foi apenas o segundo meio de comunicação em massa a surgir, ele é, ainda hoje, um dos mais acessíveis, democráticos e que chega com maior facilidade a locais remotos.

Diante disso, diversos estudiosos analisam e debatem, ainda hoje, as melhores formas de utilizar o rádio enquanto recurso tecnológico, mas o dramaturgo, poeta e teórico alemão Bertolt Brecht foi pioneiro e um dos mais lembrados defensores do uso do rádio enquanto ferramenta de transformação social logo em seus primeiros anos de funcionamento e consolidação. Brecht

escreveu suas teorias sobre o rádio entre 1927 e 1932 e era favorável principalmente ao uso desse meio para divulgação da arte e da educação para as grandes massas.

Brecht elaborou análises e apontou suas preocupações e sugestões sempre focado na ideia de que se deveria transformar o rádio realmente em meio de comunicação e não meramente de transmissão. E que muito mais do que conquistas ouvintes, a radiofonia tivesse efetivamente o que falar para o público.

[...] o dramaturgo foi um dos primeiros pensadores a perceber o papel estratégico do veículo e em especial, um dos precursores na identificação das imensas potencialidades de comunicação do rádio – tanto as técnicas quanto as que derivam da sua função social. (ZUCULOTO, 2005, p. 48)

Brecht defendeu a democratização da comunicação de massa e suas teorias sobre o rádio abordaram questões que ainda hoje são retomadas na busca por uma comunicação mais plural. Em seus textos, o dramaturgo sinaliza sugestões aos diretores artísticos do rádio a respeito de como deveria ocorrer seu uso e exploração. Brecht aborda questões referentes a formato, linguagem e grade de programação, além das aplicações que deveriam ser dadas para a nova tecnologia em termos sociais e políticos. Brecht (1927-1932) pontua a importância de tornar o rádio uma ferramenta de fato democrática, onde não apenas se replica informação, mas se aproxima dos acontecimentos reais. Ele exemplifica falando que o rádio poderia ser utilizado para realizar entrevistas em tempo real, nas quais os interrogados falassem ao vivo para os ouvintes e direto do estúdio, evitando o que o dramaturgo chamou de “mentiras esmeradas”, dadas aos periódicos impressos que não contam com a instantaneidade do rádio.

Brecht (1927-1932) acreditava que deveria haver maior investimento em produção cultural exclusivamente para rádio, com a contratação de melhores músicos e dramaturgos para escrever ficção para o meio e proporcionar ao público uma programação regular desse gênero. Ele acreditava também na importância de criar e testar estruturas apropriadas para a captação e transmissão de rádio, ou seja, estúdios especializados para melhor aproveitar a tecnologia. A última sugestão fala da necessidade de que empresas e instituições que lucram com o rádio sejam obrigadas a prestar contas publicamente do lucro que obtêm e expliquem o emprego dado ao dinheiro público.

Já a respeito das aplicações que devem ser dadas ao rádio, Brecht (1927-1932) também aborda questões centrais a respeito da utilização social ao meio. O dramaturgo ressalta a importância de compreender como o rádio pode ser usado para a arte e como a arte pode ser feita no rádio, mas sendo ainda mais vital compreender como o rádio e a arte devem ser usados em

termos gerais. Para Brecht, rádio e arte devem ser usados para fins pedagógicos, mas não existe interesse em utilizá-los para esses fins por parte estado, que não deseja educar a juventude para o coletivismo.

Zuculoto (2005), ao analisar as teorias publicadas por Brecht a respeito do rádio, pondera o poder de previsão do dramaturgo a respeito de diversos fenômenos que ocorreram e ainda ocorrem na história social e política deste meio de comunicação e sugere que o previsto por Brecht ainda será visto no futuro do rádio.

[...] é possível afirmar que o Brecht da “Teoria do Rádio” não apenas prevê o “boom” das rádios livres nas décadas de 70, 80 e início dos anos 90. Sua “Teoria do Rádio”, elaborada quando este meio recém dava seus primeiros passos no mundo da comunicação, pode ser transportada para os dias de hoje, fase em que o veículo adquire cada vez mais recursos e potencial com as novas tecnologias. E endossará não apenas as rádios livres. Mas também as emissoras comunitárias e todos que fazem rádio na perspectiva de que mesmo sendo um veículo centenário, este ainda tem muito a construir em termos de linguagem e conteúdo, muito a crescer quanto ao efetivo uso de suas características e recursos; e principalmente, muito caminho ainda a trilhar no sentido de realmente cumprir sua função social. (ZUCULOTO, 2005, p. 49)

Hoje, o rádio passa por novas transformações e um novo momento de convergência midiática, importante de formas diferentes para a fomentação da educação através da mídia. Desde a última década do século XX, presenciamos novos fenômenos surgindo no campo das tecnologias da comunicação, como a telefonia fixa e – posteriormente – a telefonia móvel, a TV por assinatura e a internet. Segundo Ferraretto (2010), a partir desse momento as manifestações radiofônicas passam a adotar um formato mais personalizado e integram experiências comunitárias com novas opções para o ouvinte, como as web-rádios, os serviços de oferta de músicas por estilo em serviços via internet e o podcast. Assim como ocorreu com outros meios de comunicação, as novas possibilidades oferecidas por mídias sonoras reforçam a ideia de uma estação de rádio singular para cada ouvinte. Esses novos formatos e fenômenos criaram, ao longo do tempo, a própria identidade, sendo especificamente o podcast o objeto principal desta pesquisa.

6 CIBERESPAÇO E EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE

Na década de 1990 os serviços comerciais de internet chegaram até a casa dos primeiros internautas. O acesso começou nos Estados Unidos e em outros países de centro, se espalhando aos poucos para o resto do mundo, estando até hoje em expansão gradual até regiões periféricas. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE, mostra que 77,7 milhões de brasileiros – 46,5% da população nacional – tinham acesso à internet em 2011. A mesma pesquisa mostrou, em 2016, que o número de usuários subiu para 116,1 milhões de brasileiros – 64,7% da população nacional – um aumento de 18,2% (MÍDIA DADOS, 2019). Os números demonstram que apesar da falta de acesso ainda ser um problema no Brasil, passamos por uma melhora crescente na inclusão digital da população.

A internet, assim como o rádio e a televisão, foi vista desde sua invenção como uma ferramenta comercial poderosa, paradigma fundamental para definir o que entendemos hoje como ciberespaço. De acordo com Lévy (2010), o ciberespaço é um novo espaço de comunicação, sociabilidade, organização, transação e um novo mercado de informação e conhecimento. É nesse cenário descrito que nasce a cibercultura, ou seja, uma cultura que surge dos agenciamentos sociais das comunidades em espaços virtuais na *world wide web* (rede mundial de computadores). Essa corrente cultural espontânea denominada de cibercultura impõe um novo curso de desenvolvimento e assim surgem as tecnologias digitais como estrutura do ciberespaço, criando a convergência entre todas as mídias já existentes e transformando por completo como é feito o rádio, a televisão, o jornal impresso, o cinema e todas as outras mídias analógicas pré-existentes. Para Jenkins (2009, p. 29), a convergência é “o fluxo de conteúdos através das múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e o comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam.”

Os impactos da tecnologia digital e do novo paradigma cultural descritos refletem de diversas formas na sociedade, inclusive no campo da educação. Lévy (2010, p. 159) argumenta que “o ciberespaço suporta tecnologias intelectuais que amplificam, exteriorizam e modificam numerosas funções cognitivas humanas”, como a memória, a imaginação, a percepção e o raciocínio. Diante desse cenário, temos ainda as escolas, instituições centenárias e que agora acolhem entre suas paredes alunos nascidos em um novo paradigma digital e dinâmico, desafiando

a forma como se dá a educação formal e em busca de um novo significado para os espaços de aprendizado (SIBILIA, 2012). São essas as questões que serão debatidas mais profundamente neste capítulo.

6.1 A nova escola e a busca autônoma por conhecimento

A escola nem sempre existiu, ela foi criada ao longo de anos, assim como o próprio conceito de infância, e foi reformulada na modernidade visando objetivos específicos. Segundo Ariès (2011, apud SIBILIA, 2012), apesar de existir desde muito antes, foi na modernidade que a escola ganhou a função de adestrar a moral e o intelecto de pessoas em formação através de uma disciplina autoritária e separando as crianças da sociedade dos adultos. Para funcionar, esse projeto ousado deveria ser repleto de regras, havendo um padrão dos ensinamentos práticos que deveriam ser oferecidos nesses espaços – como matemática, a escrita e leitura na língua pátria e uma gama de outros saberes de importância em uma sociedade moderna – e preceitos relacionados à moral burguesa, uma questão sociocultural, política e econômica em busca de disciplina. Para essa escola que surgiu no início da era industrial funcionar, no entanto, eram necessárias crianças que funcionassem como peças de uma máquina e, para isso, foram adotadas regras quase militares. Sibilía (2012) descreve escolas com muros, grades, trancas, horários estritos, uniformes, proibição de se levantar, ir ao banheiro ou comer quando desejassem e rotinas idênticas para todos os alunos, que se repetiam todos os dias durante longos períodos da vida de cada indivíduo.

A escola moderna, no entanto, está em crise. O declínio desse modelo escolar não começou hoje, mas com a predominância do capitalismo como modelo político e econômico na maior parte do mundo. No entanto, essas mudanças são cada dia mais perceptíveis e as novas tecnologias digitais possuem um papel importante nesse novo cenário. De acordo com Sibilía (2012), os novos aparatos tecnológicos criam um cenário de transformação acelerada, com novos ritmos de vida e experiências, transformando por completo a forma das pessoas serem e estarem no mundo e sendo justamente os mais jovens os primeiros a se relacionarem de forma intensa com as novidades tecnológicas. “Justamente essas crianças e adolescentes, que nasceram ou cresceram no novo ambiente, têm de se submeter todos os dias ao contato mais ou menos violento com os envelhecidos rigores da escola”. (SIBILIA, 2012, p. 51)

A busca por soluções para o modelo escolar em falência já não é tão recente. Paulo Freire (2016), patrono da educação brasileira, foi um dos pioneiros em discutir questões envolvendo a formação docente e a prática de uma educação progressiva em defesa da autonomia dos educandos no fim do século XX. Para Freire, o ato de ensinar demanda também estar disposto a aprender, pois a educação acontece sempre em via dupla, não sendo uma simples transferência de conhecimentos. Sendo assim, a educação não deve se dar com autoritarismo, mas com a valorização dos conhecimentos que o aluno traz de outras experiências de vida e o incentivo ao exercício da curiosidade.

O exercício da curiosidade a faz mais criticamente curiosa, mais metodicamente “perseguidora” do seu objetivo. Quanto mais a curiosidade espontânea se intensifica, mas, sobretudo, se “rigoriza”, tanto mais epistemológico ele vai se tornando.

[...]

Um dos saberes fundamentais à minha prática educativo-crítica é o que me adverte da necessária promoção da *curiosidade espontânea* para a *curiosidade epistemológica*. (FREIRE, P., 2016, p. 84-86)

Com isso, Freire (2016) afirma que a curiosidade inerente ao aluno deve ser incentivada e trabalhada na escola, em busca de um aprimoramento que apenas é possível através do pensamento crítico e científico. As propostas de Paulo Freire (2016), apesar do pedagogo pouco discutir questões envolvendo tecnologias, dialogam diretamente com uma era de acesso facilitado a informações. Com tanto conteúdo disponível através dos meios de comunicação, o papel de detentor da informação dado ao professor durante o período das escolas da era industrial se perde e o docente conteudista já não tem mais o papel de antes na formação do discente contemporâneo.

O novo docente da era da informação precisa, mais do que nunca, exercer o papel de crítico e mediador, ouvindo as experiências dos alunos e instigando o pensamento crítico e científico expostos por Freire (2016). É preciso desenvolver a curiosidade epistemológica a partir de uma curiosidade espontânea que, cada vez mais, nasceu com a ajuda das novas mídias e focar, inclusive, em auxiliar os discentes a diferenciar melhor informações confiáveis das não confiáveis em espaços virtuais. As novas tecnologias intelectuais, como são classificadas por Lévy (2010), favorecem novas formas de acesso à informação e novas formas de raciocínio e conhecimento, transformando profundamente os problemas da educação e da formação. “O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. Os percursos e perfis de competências são todos singulares e podem cada vez menos ser canalizados em programas ou cursos válidos para todos.” (LÉVY, 2010, p. 160).

Jenkins (2009), por sua vez, utiliza as *fanfics* ou *fan fictions* para exemplificar formas diferentes de aprendizado autônomo no ciberespaço, em particular o letramento midiático. *Fanfics* (ficção de fãs) são histórias fictícias feitas por e para pessoas que se denominam fãs de uma obra cinematográfica, literária ou artistas de qualquer tipo e desejam se envolver mais com aquele universo. Os autores de *fanfics* escrevem suas próprias histórias originais inserindo os personagens das obras das quais são fãs nas narrativas ou explorando o universo no qual elas se passam, publicam essas histórias na internet e trocam experiências de escrita com outros fãs.

Numa cultura participativa, a comunidade inteira assume uma parte da responsabilidade em ajudar os iniciantes na internet. [...] Para esses jovens escritores, o próximo passo foi a descoberta da *fan fiction* na internet, que forneceu modelos alternativos do que significava ser autor. No início, eles talvez apenas lessem as histórias, mas as comunidades fornecem muitos estímulos para que os leitores atravessem o último limiar para a redação e apresentação de suas próprias histórias. E depois que um fã apresenta uma história, o feedback que recebe o inspira a escrever mais e melhor. Que diferença fará, ao longo do tempo, se uma porcentagem crescente de jovens escritores começar a publicar e receber feedback sobre sua obra enquanto ainda estão no colégio? Irão desenvolver sua arte com mais rapidez? Irão descobrir sua forma de expressão mais cedo? [...] Isso irá ajudá-los a desenvolver um vocabulário básico para pensar em narrativas? Ninguém tem certeza absoluta, mas o potencial parece enorme. (JENKINS, 2009, p. 251)

Em contraste com o jovem aluno hiper conectado, no entanto, ainda encontramos vestígios do autoritarismo escolar da era industrial nas instituições de ensino da atualidade. Sibilia ((2012) destaca um costume, ainda comum em escolas no mundo todo, de proibir o uso de qualquer tipo de aparelho eletrônico dentro de sala de aula. As justificativas, normalmente, giram em torno dos aparelhos tecnológicos desviarem a atenção dos alunos do aprendizado.

Talvez o que esteja acontecendo é que a vigilância centralizada, o confinamento com horários fixos e as pequenas sanções que imperavam nas instituições típicas dos séculos XIX e XX, como a escola, a fábrica e a prisão, já não são mais necessários para transformar seus habitantes em corpos “dóceis e úteis”. Tudo isso deixou de ser fundamental – e nem se quer seria eficaz – para convertê-los em subjetividades compatíveis com os ritmos do mundo atual. (SIBILIA, 2012, p. 176)

A compreensão de como a educação e o aprendizado devem ser vistos e geridos na atualidade é um trabalho contínuo e está diretamente ligada a cibercultura. A autonomia, o potencial educativo das mídias e as comunidades de conhecimento são pontos centrais desta pesquisa.

6.2 Comunidades de conhecimento e inteligência coletiva

Como foi abordado anteriormente, Lévy (2010) argumenta que o ciberespaço, através de tecnologias intelectuais, potencializa funções cognitivas humanas, ou seja, estimula a memória, a imaginação, a percepção e o raciocínio. Diante desse cenário de acesso à informação facilitado, os programas educacionais precisam ser cada vez mais personalizados para atender cada aluno em suas singularidades e conhecimentos previamente adquiridos. Lévy (2010) defende duas grandes reformas no sistema de educação e formação:

Em primeiro lugar, a aclimação dos dispositivos e do espírito de EAD (ensino aberto e a distância) ao cotidiano e ao dia a dia da educação. A EAD explora certas técnicas de ensino a distância, incluindo as hipermídias, as redes de comunicação interativas e todas as tecnologias intelectuais da cibercultura. Mas o essencial se encontra em um novo estilo de pedagogia, que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede. Nesse contexto, o professor é incentivado a tornar-se um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos em vez de um fornecedor direto de conhecimento. (LÉVY, 2010, p. 160)

A interconexão simultânea de diversas pessoas em tempo real pode causar desordem, mas ao obter sucesso em atingir certa ordem nesse caos, os potenciais que poderiam ser alcançados em termos de conhecimento são o que Lévy (2010) descreve como inteligência coletiva. Inteligência coletiva é “a valorização, a utilização otimizada e a criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as energias intelectuais, qualquer que seja sua diversidade qualitativa e onde quer que esta se situe.” (LÉVY, 2010, p. 169).

Lévy (2010), ao abordar o conceito de inteligência coletiva, trata da temática como algo que ainda não aconteceu, uma projeção otimista para o futuro. No entanto, apenas alguns anos após a publicação da primeira edição das teorias do pesquisador francês, Jenkins (2009) aborda inteligência coletiva de outra forma, descrevendo o conceito de comunidade de conhecimento como um fenômeno já presente na cibercultura atualmente e exemplificando situações de inteligência coletiva no ciberespaço voltadas para o entretenimento.

Jenkins (2009) utiliza a ação de comunidades de fãs de obras de ficção no ciberespaço para mostrar como a audiência comunitária gera inteligência coletiva. Em fóruns voltados para fãs de um extinto reality show de sobrevivência na selva, *Survivor* (ou No Limite, como ficou conhecida a versão brasileira do programa), os participantes reuniam suas habilidades diversas para tentar adivinhar em qual ordem se daria a eliminação dos candidatos do programa, que era pré-gravado, ou onde se passariam as próximas temporadas. Os fãs utilizavam como base de pesquisa fotos dos

eliminados para concluir quem deixou o programa antes, já que quem permanecesse mais tempo em uma competição de sobrevivência estaria mais magro e debilitado em fotos atuais. Já outros fãs, com conhecimentos mais específicos como leitura de mapas e formação em geografia, se aproveitavam da estrutura que o programa exigia e utilizavam imagens de satélite para descobrir *sets* de filmagem montados em áreas mais remotas do globo, como no meio da Floresta Amazônica ou a savana africana. Nos dois casos, os grupos de fãs estão inseridos dentro de uma comunidade online em busca de solucionar um problema de interesse de todos os envolvidos, mesmo que o objeto seja de entretenimento. Jenkins (2009) defende que essa atividade não possui menos mérito por não ser utilizada para uma causa política, social ou acadêmica, muito pelo contrário, o autor enxerga como o exercício de uma forma de trabalho em equipe e raciocínio que será aproveitada em diversos campos de debate, preparando os membros daquela comunidade para participar de outros projetos que envolvam inteligência coletiva no futuro.

Outro exemplo de comunidade de conhecimento abordado por Jenkins (2009) faz menção ao letramento midiático. Mais uma vez focando em grupos de fãs, o autor debate como se dá a movimentação de pessoas que utilizam o ciberespaço para publicar histórias originais que escreveram com base em personagens ou ambientes de obras que já existem e admiram, como o universo da série de livros Harry Potter, da autora britânica J.K. Rowling. Os fãs de Harry Potter e de outras obras de ficção se organizam online para publicar, revisar, comentar e dar dicas sobre escrita, gramática e processo criativo. A organização dentro da comunidade acontece organicamente: quanto mais leitores você tiver e de melhor qualidade for seu texto segundo a comunidade, mais respeito você vai ganhando diante dos seus pares. Nesse cenário, membros mais antigos se dispõem a ajudar novatos a escreverem melhor, revisam textos e dão dicas, uma comunidade gerida pelos próprios membros.

Como a pesquisadora educacional Rebecca Black observa, a comunidade de fãs pode muitas vezes ser mais tolerante com erros linguísticos do que professores tradicionais em sala de aula, e mais generosa, ao possibilitar que o aprendiz identifique o que realmente está querendo dizer, porque o leitor e o escritor operam dentro do mesmo quadro de referências [...]. A comunidade de fãs promove uma série mais abrangente de formas de letramento – não apenas *fan fiction*, mas vários modos de comentários e explicações – do que os modelos disponíveis na sala de aula, e muitas vezes a comunidade exhibe próximos passos realistas para o desenvolvimento do aprendiz, em vez de mostrar apenas textos profissionais, muito distantes de qualquer coisa que os alunos serão capazes de produzir. (JENKINS, 2009, p. 254)

Para Jenkins (2009), não é surpreendente que alguém que tenha publicado seu primeiro texto literário na internet acabe se decepcionando com a experiência de uma aula de redação em sala de aula, onde geralmente apenas o professor vai ler e oferecer comentários distantes do universo do aluno, com referências completamente diferentes. Diante desse cenário, seria interessante avaliar a melhor forma de trazer essa experiência coletiva da comunidade para um ambiente como a escola, um trabalho a ser pensado em conjunto por professores, escolas e alunos.

7 O QUE É O PODCAST E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO

Existe certa dificuldade de compreender, tanto para um público geral quanto para pesquisadores e profissionais da área, a distinção entre os diversos tipos de mídia distribuídas através da internet e com o podcast não costuma ser diferente. Nos primeiros anos da década de 2000, mesmo antes do surgimento do podcast, experimentações com programas amadores de áudio em formato MP3 ou similares, como áudio blogs, já circulavam no ciberespaço (LUIZ, 2014). Esses programas, no entanto, exigiam que seus ouvintes acessassem um endereço e fizessem o download de cada arquivo individualmente sempre que quisessem um conteúdo novo, acompanhando de forma ativa as atualizações constantes.

Esses formatos difusos de distribuição de áudio nunca se tornaram populares e, segundo Luiz (2014), era difícil para os ouvintes conseguirem acompanhar a frequência da publicação e realizarem o download individual de cada episódio, impedindo que os programas construíssem uma audiência estável para seus conteúdos. No entanto, já existia um método mais eficiente e dinâmico de distribuição de conteúdo em formato de texto via internet, conhecido como RSS (*Really Simple Syndication*). O RSS é uma tecnologia que permite que um programa conhecido como agregador de conteúdo instalado em um aparelho digital saiba que um blog ou site foi atualizado e notifique o usuário, dispensando o trabalho do consumidor de visitar um endereço na web de forma ativa, ao invés disso trazendo o conteúdo até ele (LUIZ, 2014).

Em 2003, o programador e empresário estadunidense Dave Winer criou uma forma de utilizar o RSS para a distribuição de arquivos de áudio com objetivo de publicar uma série de entrevistas do jornalista Christopher Lyndon na internet (LUIZ, 2014). Com o crescimento da popularidade de aparelhos portáteis que reproduziam arquivo de áudio MP3, a adaptação de Winer se tornou o primeiro passo para que já no ano seguinte, em 2004, o comunicador e ex-apresentador da MTV Adam Curry descobrisse como utilizar essa nova forma de distribuição para o agregador de conteúdo iTunes, do iPod (aparelho portátil de reprodução de áudio em MP3 da Apple), que logo foi adaptada para diversos outros aparelhos semelhantes (LUIZ, 2014).

Essa forma de transmissão de dados passou a ser chamada de podcasting (junção do prefixo “pod”, oriundo de iPod, com o sufixo “casting”, originado da expressão “broadcasting”, transmissão massiva de informações). O nome fora sugerido em fevereiro de 2004 por Bem Hammersley, no jornal *The Guardian*, para definir a forma de transmissão das entrevistas de Lyndon e acabou sendo adotado posteriormente para esse novo sistema de transmissão de dados. (LUIZ, 2014, p. 10)

Apesar de fazer referência direta ao nome do aparelho da Apple, o nome *podcasting* se popularizou e logo os programas de áudio que eram feitos para serem distribuídos com esse método começaram a ser chamados de podcasts. No Brasil, o primeiro podcast surgiu já em 2004 e em 2005 foi organizada a Conferência Brasileira de Podcast, primeiro evento dedicada exclusivamente a mídia no Brasil (LUIZ, 2014).

O podcast foi criado nos Estados Unidos por um radialista com o objetivo de distribuição uma série de entrevistas de um jornalista para o iPod, ou seja, o *podcasting* e o podcast foram criados por profissionais de comunicação para distribuir conteúdo para um aparelho de uso comum naquele país, fazendo com que as rádios da região logo percebessem as possibilidades comerciais dessa nova mídia. Já em 2005, apenas um ano após a invenção do podcast, o termo foi classificado como "palavra do ano" pelo dicionário *New Oxford American*, segundo Foschini e Taddei (2006, apud FREIRE, E., 2013), demonstrando o impacto causado pela nova proposta de mídia. Os principais podcasts americanos, portanto, nasceram com o suporte técnico igual ou semelhante ao de rádios profissionais – com acesso a estúdios, produtores treinados e equipamentos de ponta, seja por fazerem parte diretamente de uma rádio ou por terem aproveitado a velocidade com que patrocinadores passaram a confiar nessa nova mídia para investir – sendo perceptível o impacto dessa trajetória nos podcasts estadunidense que surgiram desde então.

A introdução do podcast no Brasil, no entanto, aconteceu de outra forma. Segundo Luiz (2014), o primeiro podcast brasileiro, já descontinuado, foi o Digital Minds, criado em 20 de outubro de 2004 por Danilo Medeiros de forma totalmente independente. Outros podcasts nacionais surgiram naquele mesmo período, a maioria experimental, independente e produzido por pessoas que não eram profissionais de comunicação. Apesar desses primeiros anos do podcast no Brasil terem sido principalmente de programas com problemas para manter uma publicação contínua, a ponto de nenhum deles ter conseguido sobreviver por muito tempo, esse movimento foi o suficiente para gerar uma pequena cena *podcaster* nacional (LUIZ, 2012). Já no ano seguinte, na primeira Conferência Brasileira de Podcast (PodCon Brasil), foi criada a Associação Brasileira de Podcast (ABPod), que atua até hoje realizando diversas ações e pesquisas sobre a mídia.

Foi entre os anos de 2006 e 2008 que os primeiros grandes podcasts nacionais conseguiram se estabilizar, criar uma identidade e obter um público mais significativo. De acordo com Luiz (2012), um marco nessa história foi o Prêmio iBest de 2008, na época um dos principais prêmios

brasileiros com foco em internet, que incluiu a categoria podcast naquele ano. O vencedor foi o Nerdcast e o segundo colocado o Rapaduracast, ambos iniciados em 2006 e ainda em atividade, sendo o primeiro até hoje o líder em popularidade e audiência dentre os podcasts nacionais.

É fundamental sempre ressaltar que nenhum desses programas citados, bem sucedidos ou não, eram produzidos por empresas de comunicação e mídia ou por profissionais da área. Todos foram criados por produtores independentes com conhecimentos de campos diversos e de forma experimental, com equipamentos de uso doméstico, aprendendo a utilizar os programas de edição a partir de tutoriais disponíveis na internet e inspiração direta de programas de rádio ou televisão. No entanto, a maioria dos novos podcasts que surgiram nos próximos anos acabavam seguindo também os formatos dos poucos programas com alguma popularidade que já tínhamos no Brasil, em particular o Nerdcast, o que acabou gerando uma gama de podcasts com pouca diversidade de temáticas e linguagem e é parte importante da história da mídia no Brasil.

Com o passar dos anos, o podcast foi adquirindo a própria linguagem no Brasil e no mundo, com mais produtores, ouvintes e até mesmo formas de distribuição dos programas. Este capítulo busca destrinchar como se deu o crescimento, a consolidação e o surgimento do formato que temos hoje dos podcasts ao redor do mundo durante os 16 anos de existência da mídia, com foco no Brasil. Também faz parte do objetivo detalhar as diversas formas como o podcast é e ainda pode ser utilizado na educação, questão fundamental para analisar as entrevistas em profundidade realizadas nesta pesquisa.

7.1 A história do podcast no Brasil

A última PodPesquisa (2018), que foi realizada pela Associação Brasileira de *Podcasters* (ABPod) em parceria com a Central Brasileira de Notícias (CBN) e obteve 22.993 respostas, apontou que dos dez podcasts mais consumidos no Brasil – Nerdcast, Não Ouvo, Mamilos, Anticast, Gugacast, Xadrez Verbal, Braincast, Matando Robôs Gigantes, 99 Vidas e Café Brasil – todos surgiram como um produto independente de qualquer emissora de rádio ou conglomerado de mídia. Dentre esses podcasts, o Nerdcast é o maior em público e lucratividade, sendo o mais consumido por 57% dos ouvintes, enquanto o segundo colocado, Não Ouvo, está na *playlist* de 21,2% dos ouvintes.

O Nerdcast faz parte dos conteúdos distribuídos através do site Jovem Nerd, criado em 2006 por Alexandre Ottoni (Jovem Nerd) e Deive Pazos (Azaghal), e é um programa semanal sobre “história, ciência, cinema, quadrinhos, literatura, tecnologia, games, RPG... Tudo que um nerd gosta!” (Jovem Nerd, 2020). De acordo com o *mídia kit* do Jovem Nerd (2019), o programa conta com uma média de 1,5 milhões de plays por episódio. O formato adotado no Nerdcast é o de roda de discussão (ou mesa redonda) e é inspirado nos programas de rádio voltados para o público jovem nos quais os participantes conversam a partir de um roteiro mais livre, usando a descontração e a espontaneidade como um recurso. Contando com o Nerdcast, oito dos dez podcasts mais ouvidos do Brasil (ABPOD, 2018) utilizam o mesmo recurso como formato principal em seus programas e, desses dez podcasts, quatro focam seus conteúdos principalmente em entretenimento, videogames, quadrinhos, cinema ou cultura pop em geral.

O Nerdcast também é um dos podcasts mais lucrativos do Brasil, sendo que dentre os dez maiores programas do país, apenas outros dois não recebem doações do público ou oferecem qualquer tipo de conteúdo pago para manter frequência de publicações e adquirir equipamentos, sendo que um deles também faz parte do site Jovem Nerd. O Nerdcast conta com patrocínio constante de grandes instituições públicas e privadas, como Banco do Brasil, Caixa Econômica, Bradesco, Itaú, Santander, Governo Federal do Brasil, Petrobrás, Livraria Saraiva e outros (Jovem Nerd, 2019). Sendo assim, não é de se surpreender que diversos programas nacionais busquem no Nerdcast inspiração para um podcast de sucesso e adotem formatos e temáticas semelhantes.

Apesar de outros formatos terem ganhado espaço entre os podcasts ao longo dos anos, a roda de conversa ainda aparece dentre os mais comuns, tanto por fazer sucesso com o público da mídia – sendo que 75,4% dos ouvintes afirma que esse é seu formato favorito (ABPOD, 2018) – quanto por exigir um trabalho menor de pré-produção e pós-produção, possibilitando que muitos *podcasters* independentes consigam criar programas e mantê-los no ar com maior facilidade. A partir de questões como essas, o podcast adquiriu diversas características de linguagem ao longo dos anos no Brasil, seja por limitações técnicas ou outras razões, e hoje se difere em diversos aspectos do rádio e de outras mídias distribuídas via internet.

Diante de outras produções audiovisuais, digitais ou não, o podcast se apresenta como uma mídia barata e fácil para quem está produzindo, sendo uma opção que possibilita maior variedade de vozes e apresenta potencial para democratizar espaços de debate. Arquivos que utilizam apenas

áudio, como no caso dos podcasts, são mais fáceis de captar, editar e disponibilizar online, sendo que com um aparelho de celular ou computador simples e acesso a um serviço de internet de baixa velocidade já é possível gravar e publicar um podcast online, permitindo que pessoas com conhecimentos em diversas áreas consigam criar espaços de diálogo sem qualquer experiência prévia com a área de comunicação. Para o ouvinte, o *download* ou consumo via *streaming* de arquivos apenas de áudio também exige menor velocidade de banda do que vídeos em geral.

O podcast passou a se desvencilhar aos poucos do rádio, seu familiar analógico mais próximo. Em âmbito internacional, a pesquisa Digital News Report (REUTERS INSTITUTE, 2019) – realizada em 38 países em todos os continentes do mundo e com uma amostra total de 75.753 respostas – aponta que os principais ouvintes de podcast, ao contrário do rádio, são jovens com menos de 35 anos, associando isso principalmente a popularização dos smartphones na última década. No Reino Unido, por exemplo, 55% dos ouvintes de podcast escutam os programas através do celular.

No Brasil, em particular, o interesse de produtores independentes e profissionais de áreas diversas pela mídia foi fundamental para isso essa divisão entre as mídias, já que o rádio nacional é muito mais vinculado aos grandes conglomerados de mídia, enquanto as rádios livres e comunitárias enfrentam limitações legais de amplitude de onda. Devido ao seu formato online e convergente, os podcasts também apresentam características importantes que os diferenciam de outras mídias, pois podem incluir imagens, *links* e estão normalmente vinculados a blogs, redes sociais e espaços diversos de debate onde *podcasters*, ouvintes e participantes podem continuar a conversa sobre cada episódio (PRIMO, 2005).

Mesmo no que se limita aos aspectos sonoros do podcast, a mídia é produzida normalmente de forma assíncrona, em particular nos seus primeiros anos de existência, mesmo que a decisão dessa forma de distribuição tenha ocorrido por uma questão de limitação técnica da mídia. Enquanto o rádio trabalha de forma muito mais frequente com programas ao vivo, o podcast é gravado, editado e disponibilizado na internet. Por outro lado, um programa de rádio tem um tempo determinado de duração, muitas vezes bem restrito e perfeitamente encaixado na grade horária da emissora, o que para os podcasts não é um problema. Essas questões fizeram com que o podcast ganhasse outras características: normalmente programas feitos para essa mídia não tratam de pautas urgentes, não dão notícias em primeira mão, mas focam em destrinchar assuntos complexos.

Um *podcaster* provavelmente não vai ser o primeiro a informar a queda de um político importante, mas pode ser o mais eficaz em criar um programa de uma hora e meia explicando toda a trajetória daquela figura pública e sua queda uma semana após o ocorrido, conversando com especialistas e debatendo a motivação da queda. A última PodPesquisa (2018) apontou, inclusive, que 41,6% dos ouvintes de podcast que o tamanho ideal para um episódio seria entre uma hora e uma hora e meia de duração, sendo que 80,5% acredita que um podcast deve ter publicações semanais.

A forma livre e fácil de produção e distribuição do podcast é um atrativo para produtores independentes diversos no ciberespaço, mas não deixa de carregar suas desvantagens. O Feed RSS é uma tecnologia de distribuição livre e evolução lenta, mais difusa e que exigia, até pouco tempo atrás, que o público procurasse conhecer podcasts de maneira muito mais intencional, descobrindo por conta própria o que os agradava ou não na mídia e tivesse algum conhecimento de tecnologia que vai além do acesso à internet para acessar os programas, já que conhecer os agregadores e o Feed RSS é um diferencial para melhorar a experiência com a mídia. Para fins de comparação, produtores independentes que criam conteúdo para o Youtube, por exemplo, contam com todo um aparato milionário de marketing e tecnologia de uma empresa multinacional privada que facilita o acesso e consumo do público aos conteúdos divulgados na plataforma, sendo muito mais simples de acessar e conhecer do que podcasts em geral.

O Youtube, que é hoje uma das mais populares plataformas de distribuição audiovisual amadora e independente do mundo, também é utilizado por diversos produtores de conteúdo amadores e experimentais, muitas vezes sem qualquer formação ou experiência prévia em Comunicação. Essa plataforma gratuita de streaming de vídeos pertence à multinacional americana Google, está disponível em 91 países, 80 idiomas e é acessado por 1,9 bilhões de usuários por mês. Os canais do Youtube com mais de um milhão de inscritos crescem cerca de 75% ao ano (Youtube, 2018) e, por se tratar de uma plataforma privada de distribuição, oferece maior retorno financeiro e visibilidade aos produtores independentes, contribuindo para a popularização e lucratividade dos conteúdos, fazendo com que diversos canais da plataforma adquiram uma qualidade profissional e investimentos milionários, eliminando os traços de amadorismo de qualquer produtor que se destaque na plataforma.

O Youtube possui também normas específicas de monetização e direitos autorais, além de dar maior destaque para conteúdos com maior potencial de lucratividade em detrimento de outros,

visando beneficiar financeiramente o próprio Google. Essas questões geram debates diversos a respeito da liberdade dos produtores de conteúdo independentes dentro de uma plataforma privada. As mesmas adversidades, no entanto, não são enfrentadas por podcasts, já que esses possuem maior liberdade de escolha das plataformas de distribuição de seus conteúdos através do Feed RSS, mesmo que isso signifique também maior dificuldade em atrair público e monetização dos conteúdos.

Com as questões que envolvem a distribuição, o acesso ao podcast e o formato dos programas – como a necessidade de conexão com a internet, maior exigência de conhecimento tecnológico e programas longos e aprofundados sobre temas específicos de domínio dos produtores – ele se segmentou e se tornou uma mídia de nicho, focada em públicos muito específicos, ao contrário de mídias de distribuição de massa como televisão e rádio. Dessa forma, apesar do podcast apresentar características que demonstram grande potencial para democratizar espaços de debate e proporcionar maior diversidade de vozes, esse cenário ainda não foi atingido por essa mídia, por ainda ser feito para uma parcela pequena da sociedade.

A última PodPesquisa (2018) apontou que 84,1% do público de podcast é masculino, 53,7% possui ao menos o ensino superior completo, 22,1% atuam profissionalmente na área de tecnologia e 56,7% vive na região Sudeste do Brasil. Além disso, a pesquisa também aponta, a partir de uma amostra de 1.405 produtores de podcast, que 87,1% dos produtores da mídia se declaram do sexo masculino, 17,3% atuam na área de tecnologia e 63,5% vivem na região Sudeste do Brasil. Alguns *podcasters* e entusiastas vêm buscando mudar esse cenário, com campanhas diversas nas redes sociais para que mais pessoas que façam parte de minorias sociais e morem em outras regiões do país produzam e escutem podcasts, buscando uma forma mais justa e democrática de utilizar os potenciais da mídia.

Desde o surgimento do primeiro podcast no Brasil, a popularidade da mídia é crescente, o que é possível perceber a partir de resultados em mecanismos de busca na internet. Conforme afirma Medeiros (2005, apud FREIRE, E., 2013), a busca no Google pelo termo "podcast" em 2005 gerou um resultado de 32,4 milhões de páginas e em 2013 a mesma busca registrou 231 milhões de resultados (FREIRE, E., 2013). No momento da realização dessa pesquisa, no dia 3 de junho de 2020, a procura por "podcast" no serviço de busca do Google gerou 716 milhões de resultados, marcando a relevância conquistada pela mídia ao longo dos anos.

A chegada e rápido crescimento de popularidade dos smartphones impactou de forma significativa a presença da mídia em território nacional, já que muitas pessoas passaram a ter conexão de internet graças a esse novo meio, mais acessível financeiramente e de utilização mais simples do que computadores. Atualmente, 94,2% dos brasileiros com acesso à internet utilizam o smartphone para navegar (MÍDIA DADOS, 2019) e 92,1% dos ouvintes de podcast ouvem os programas através desse equipamento (ABPOD, 2018). A maior presença nas redes sociais no cotidiano dos brasileiros também influencia na popularidade dos podcasts, sendo que, de acordo com a PodPesquisa (2018), 28,8% dos ouvintes da mídia ficam sabendo das atualizações dos programas que acompanham por meio dos perfis oficiais dos *podcasters* nas redes sociais e 75,4% conhecem novos programas a partir da indicação de *podcasters* que já ouvem.

Além dos smartphones e das redes sociais, os podcasts, nos últimos anos, estão cada vez mais presentes de forma gratuita em plataformas diversas de *streaming* de música, facilitando o acesso para quem não possui conhecimento sobre a utilização do Feed RSS. Além do próprio iTunes, plataforma da Apple para a qual o podcast foi inicialmente criado, o agregador gratuito Google Podcasts surgiu em 2018 e, em 2019, o serviço de *streaming* de música Spotify também disponibilizou a plataforma para criadores e ouvintes de podcasts de forma gratuita. Ao contrário do que ocorre com o Youtube, os diversos podcasts disponíveis para serem ouvidos através dessas plataformas estão presentes também em outros meios de distribuição, o que os torna boas opções para gerar visibilidade, público e patrocínio para os produtores independentes, mas não os deixam à mercê de normas abusivas das plataformas.

Atualmente, o podcast no Brasil percorre seu próprio caminho cada vez mais distante do rádio em linguagem e público, sendo que 63,6% dos ouvintes afirmam não serem ouvintes de rádio e 70,4% afirma preferir podcast (ABPOD, 2018). Os grandes conglomerados nacionais de mídia se mostram cada vez mais interessados em produzir para o meio, sendo que a PodPesquisa, pesquisa específica sobre a mídia podcast e realizada de forma independente pela ABPod desde 2008, passou a ter como parceira a Central Brasileira de Notícias (CBN), rede de rádio pertencente ao Sistema Globo de Rádio, desde a edição de 2018. No ano passado, a Rede Globo começou a fazer seus principais investimentos na mídia, publicando 64 títulos de podcast no ano de 2019 (TECHTUDO, 2020). Apesar de não ser o primeiro grande conglomerado nacional de mídia investimentos em produção de podcast, o tamanho da iniciativa da Rede Globo e a relevância

nacional da empresa para a área no Brasil, é um marco na história dessa mídia e uma pista do que podemos esperar do podcast nos próximos anos.

7.2 Podcast enquanto mídia educativa

Em todos os 38 países participantes da Digital News Report (REUTERS INSTITUTE, 2019), a principal razão para ouvir podcast é se manter atualizado sobre tópicos de interesse pessoal (46%) e aprender algo novo (39%). Já no Brasil em particular, de acordo com a PodPesquisa (2018), estão entre os vinte assuntos mais consumidos via podcast os programas de história (52,6%), ciência (52,3%), política (41,9%), notícias (35,8%), literatura (24%), línguas e idiomas (23,7%) e filosofia (21,1%), todas podendo ser consideradas temáticas de educação de nível de ensino básico e médio. Dentre os ouvintes de podcast no Brasil, 10,6% têm até 19 anos (ABPOD, 2018).

Apesar de pesquisas sobre a mídia podcast como ferramenta educativa também serem realizadas a partir de contextos escolares, este estudo busca focar na mídia como meio de educação em contextos não escolares, sendo o aspecto no qual este capítulo focará. Como já foi discutido anteriormente, o podcast existe em um cenário fértil para o cultivo da democracia midiática e maior variedade de vozes do que a mídia de massa tradicional, permitindo que programas sejam criados por qualquer pessoa com um conhecimento básico em tecnologias digitais, equipamentos de baixo custo e fácil acesso, com possibilidade de serem mantidos no ar de forma gratuita, não demandando qualquer taxa específica de audiência para continuar em atividade.

"Em grande medida produzidos alheios à lógica do lucro financeiro e atentos aos interesses afetivos/cognitivos, aquelas produções acabam preenchendo um espaço educativo de exposição e discussão de temas pouco veiculados ou inexistentes em outros âmbitos: nos grandes veículos de informação, no dia a dia social ou mesmo na escola."
(FREIRE, E., 2013, p. 135)

O aprendizado via podcast valoriza um modelo educativo horizontal e livre de hierarquias, com debates, diálogos, conteúdos complementares e espaços de conversa entre ouvintes e produtores a partir das páginas web dos programas e redes sociais. Essas características podem ser colocadas como opostas ao que Paulo Freire (2016) descreve como a educação bancária da escola tradicional, no qual se acredita que uma pessoa ou grupo de pessoas que detém o conhecimento deposita conteúdo nos aprendizes que são ignorantes. Em um modelo de educação libertador, o aprendizado deve ser uma relação de troca, na qual todos os envolvidos aprendem e têm o que

ensinar uns aos outros, respeitando individualidades e vivências plurais. Dentro de um cenário de educação formal tradicional, o modelo escolar é homogêneo. Não importa se um aluno se identifica mais com as artes ou a filosofia, a grade horária vai sempre priorizar o ensino da matemática e do português. Nesse cenário tradicional, a escola é excludente e “não oferece possibilidades de vazão às vozes dos sujeitos que partilham de valores distintos ou demonstram interesses por temas usualmente ignorados pela maioria dos colegas” (FREIRE, E., 2013, 145-146).

No cenário dos podcasts nacionais, existem programas feitos por diversos tipos de produtores, de entusiastas de um certo assunto até profissionais formados, mas é, em geral, um meio ocupado por especialistas com conhecimento em áreas diversas. Dentre os *podcasters* brasileiros, segundo a PodPesquisa (2018), a maioria possui nível superior completo (37,4%), seguido dos que cursam uma graduação (23,4%), dos que são pós-graduados em cursos *lato sensu* (18,4%) e mestres e doutores (10,5%). Dos produtores consultados, 10,4% deles afirmam trabalhar com ensino e educação.

Dentro do cenário apresentado, o contato com os podcasts, mesmo fora de um contexto escolar, apresenta um potencial educativo latente, beneficiando estudantes que podem aproveitar a oportunidade para entrar em contato com assuntos educativos nos quais possuem maior interesse pessoal e selecionando programas com a linguagem e didática que mais os agrada. Além disso, os espaços oferecidos nos sites e redes sociais dos podcast possibilitam o debate de questões polêmicas sem o constrangimento de se expressar perante colegas de classe e professores. A educação escolar precisa caminhar junto com esse processo de aprendizado autônomo, valorizando a busca do aluno por conhecimento e trazendo essas experiências para sala de aula.

Inserido em qualquer contexto social, é provável que um aluno comum não tenha contato com diversas parcelas da sociedade, nunca tenha a oportunidade de conviver com uma pessoa de uma certa religião ou cultura e não saiba, portanto, respeitar e promover o respeito as diversidades. Nesse cenário, o podcast pode operar como ferramenta de conscientização política e social e criar encontros e contatos de maneira mais direta do que a mídia tradicional, ampliando a experiência desse aluno além do possibilitado em uma atividade expositiva na escola. Isso não significa que o podcast ou qualquer outra mídia educativa substitui a escola, um espaço valioso de debate e construção do pensamento crítico, mas possibilita que esse aluno traga ideias divergentes para o

debate e ajude a enriquecer a experiência educativa em espaços escolares e promover uma educação mais plural. (FREIRE, E., 2013)

Apesar da desigualdade social e falta de acesso aos meios que permitem o contato com o podcast, para produção ou consumo, ainda serem uma barreira ainda a se superar no Brasil, é perceptível que a mídia se tornou mais popular e democrática, mostrando potencial para ainda melhorar nesse quesito. A partir dos aparelhos de *smartphone*, da internet móvel e plataformas de *streaming* em geral, o termo é cada dia mais conhecido e mais pessoas de diversos contextos e realidades se interessam em criar ou acompanhar um novo podcast.

7.3 Podcasts educativos brasileiros

O aprendizado que pode ser obtido através do podcast não é quantificável e muito menos é simples determinar o que seria um podcast educativo. Sendo assim, buscando definir um escopo para esta pesquisa e compreender como são feitos esses programas, foram escolhidos dois critérios para a realização da análise e seleção dos podcasts aqui descritos: 1) os programas compreendidos como educativos devem abordar conteúdos curriculares de ensino médio, ter referenciais bibliográficos pedagógicos e informativos citados durante o programa ou em materiais de apoio e ter a participação de profissionais com formação acadêmica ou experiência nas áreas dos temas abordados nos programas; 2) os podcasts com mais ouvintes com base na PodPesquisa (2018) terão prioridade para análise devido a relevância desses para a comunidade de ouvintes. Seguindo os critérios expostos, os programas que podem ser considerados educativos dentre os vinte podcasts mais ouvidos do Brasil são: Nerdcast, Mamilos, Naruhodo, Anticast, Xadrez Verbal e Scicast.

7.3.1 Nerdcast

O Nerdcast, como já exposto anteriormente, faz parte dos conteúdos produzidos para o site Jovem Nerd desde 2006, um dos pioneiros da mídia podcast no Brasil e o único dentre os mais populares nacionalmente que não recebe qualquer apoio financeiro dos ouvintes para continuar em funcionamento. Atualmente, o Nerdcast conta com mais de 700 episódios publicados e é possível buscar os programas filtrando por 37 temas diferentes no site oficial, que vão de humor, entretenimento e cultura pop até empreendedorismo, história e ciência (JOVEM NERD, 2020).

Com episódios que passam de uma hora e podem chegar até três de duração, o Nerdcast mudou ao longo dos anos, com novos participantes e abordagens, mas mantendo principalmente o formato de mesa redonda. Atualmente é possível ouvir o Nerdcast direto do site Jovem Nerd, no Spotify e qualquer aplicativo agregador com Feed RSS.

Os apresentadores e criadores no Nerdcast, os cariocas Alexandre Ottoni (Jovem Nerd) e Deive Pazos (Azaghal), não possuem qualquer formação em áreas relacionadas a educação e se dedicam exclusivamente à produção de conteúdo para a internet através do Jovem Nerd. Quando o assunto é educação, o Nerdcast aborda principalmente ciência e história com a ajuda de convidados especialistas em áreas relacionadas. Falando do conteúdo educativo publicado entre janeiro e junho de 2020, o programa produziu episódios sobre aprender inglês com a ajuda de videogames, Martin Luther King e a luta contra o racismo, a anatomia de um vírus, percepção humana sobre o perigo, o covid-19, os erros históricos em obras de ficção, pandemias ao longo da história; e reflexos da Revolução Iraniana (NERDCAST, 2020).

Os episódios de ciência e história do Nerdcast contam com a participação recorrente de pessoas como Altay de Souza, doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo (USP), Ana Arantes, doutora em Psicologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Atila Iamarino, biólogo doutor em Microbiologia pela USP e divulgador científico, André L. Souza, doutor em Psicologia Cognitiva pela Universidade do Texas em Austin e Filipe Nobrega Figueiredo, historiador e professor formado pela USP, jornalista, youtuber e podcaster. O Nerdcast, no entanto, não disponibiliza de forma sistemática materiais acadêmicos de apoio, com sessão para recomendação de bibliografias durante o episódio ou página do programa, fazendo com que o programa se torne mais sobre os discursos e conhecimentos adquiridos pelo participante especialista. Mesmo que o ouvinte possa utilizar outras fontes para cruzar dados e conferir as informações, esse ponto pode prejudicar a credibilidade do podcast. Já para fins de interação direta com o público, o Nerdcast disponibiliza o e-mail do programa e dedica uma sessão em áudio para debater mensagens enviadas por ouvintes através desse canal, além de páginas em redes sociais como o Twitter, no qual tem cerca de 1,8 milhões seguidores (TWITTER, 2020) e diversos de seus convidados especialistas também possuem contas ativas, possibilitando um contato direto com as fontes dos episódios.

7.3.2 Podcasts do B9 – Mamilos e Naruhodo

Os programas Mamilos e Naruhodo fazem parte do acervo de podcasts distribuídos através do site B9, um portal sobre criatividade, inovação, comunicação, cultura e mídia fundado em 2002 pelo publicitário paulista Carlos Merigo (B9, 2020). Atualmente, o B9 distribui 23 programas de podcasts de temáticas diversas, sendo que vários figuram dentre os mais populares do Brasil e é possível ouvir todos eles direto do site do B9, no Spotify e qualquer aplicativo agregador com Feed RSS. O Mamilos segue o formato de roda de conversa e episódios de cerca de uma hora e meia de duração, criado em 2014 e apresentado pelas publicitárias Juliana Wallauer e Cris Bartis. O Mamilos tem episódios patrocinados e recebe colaborações financeiras diretamente do público através da plataforma de financiamento coletivo Catarse, na qual tem 1435 assinantes contribuindo com 15,6 mil reais por mês ao todo. Na página oficial, o podcast é descrito da seguinte forma:

O Mamilos é um podcast semanal que discute os temas polêmicos apresentando diversos argumentos e diferentes visões para que os ouvintes formem sua opinião de maneira crítica. De forma colaborativa recebemos especialistas inspiradores para falar de economia, política, comportamento, educação, ciência, saúde e muito mais. Nossa busca, com curiosidade e humildade, é desenvolver um jornalismo construtivo, de soluções, não violento, com narrativas restaurativas. Um jornalismo de peito aberto, mais interessado em construir pontes do que em provar pontos. (MAMILOS, 2020)

O Mamilos fala principalmente de questões políticas, sociais e econômicas na atualidade. Dentre os conteúdos educativos publicados de janeiro e junho de 2020, houve episódios sobre a pandemia de covid-19 e o período de quarentena no Brasil e no mundo; abolição da escravidão no Brasil; o impacto de Sérgio Moro como ministro da Justiça; a prova do Enem em 2020; proteção ambiental e crescimento econômico; a apropriação cultural e o Carnaval; presidente Bolsonaro versus o congresso; e as conquistas da Lei Maria da Penha (MAMILOS, 2020).

O podcast Mamilos conta com participação direta de especialistas convidados diversos, com pouca repetição de colaboradores ao longo dos episódios, já que faz parte da proposta do programa ouvir diversidade de vozes, com estudiosos plurais e que tenham discordâncias, sendo papel das apresentadoras guiar o diálogo a partir de questões polêmicas e que gerem conflitos de ideias. Além disso, o programa tem uma sessão para divulgação de conteúdos complementares, como bibliografias diversas, documentários, palestras, jogos, filmes e outros. Chamada de Farol Aceso, essa sessão do Mamilos está disponível no episódio em áudio e na página do programa com endereços de web para facilitar o acesso. Para fins de interação, o Mamilos recebe e responde e-

mails de ouvintes e as apresentadoras também estão presentes no Twitter, Juliana Wallauer com 48,3 mil seguidores e Cris Bartis com 43,7 mil (TWITTER, 2020), sendo essas as plataformas principais de interação e continuação dos debates apresentados nos episódios.

O podcast Naruhodo, que também é distribuído através do site B9, foi criado em 2016 e é apresentado por Ken Fujioka, que se descreve como um leigo curioso, e Altay de Souza, doutor em Psicologia Experimental pela Universidade de São Paulo (USP). Na página oficial do programa, ele é definido como “o podcast pra quem tem fome de aprender: ciência, senso comum, curiosidades e desafios” (NARUHODO, 2020). Com relação ao financiamento, o Naruhodo tem episódios com patrocínios e recebe colaborações financeiras diretamente do público através do Picpay, plataforma na qual não é possível verificar número de assinantes ou o valor que o podcast recebe mensalmente.

O Naruhodo surge com uma proposta diferente da maioria dos podcasts nacionais mais populares, com programas mais curtos que nunca ultrapassam uma hora de duração, sendo que todos os episódios partem de uma pergunta inicial, emulando uma curiosidade de senso comum ou uma pergunta real enviada por um ouvinte. Dentre os conteúdos educativos publicados de janeiro a junho de 2020, houve episódios sobre o impacto do distanciamento social na saúde mental; o que causa enxaqueca; se assistir televisão de perto causa miopia; explicação sobre impressões digitais; os impactos de aprender mais de um idioma; como enxergamos as cores; como lidar com epidemias; como funcionam testes diagnósticos; causas da depressão; e o que causa o ciúme (NARUHODO, 2020).

Apesar de também adotar o formato de conversa, o Naruhodo não costuma receber convidados para gravações, sendo os dois apresentadores os únicos participantes diretos do podcast. O programa tem uma extensa sessão na página oficial para divulgação de conteúdos complementares e referências acadêmicas, com uma lista longa com links para artigos e estudos utilizados como base para os episódios, além de citar diretamente por diversas vezes a fonte das informações no decorrer do programa. Para fins de interação, o Naruhodo se destaca por ser pautado em responder dúvidas enviadas diretamente por ouvintes, sendo possível entrar em contato através de e-mail ou pela rede social Twitter, na qual Altay de Souza tem cerca de 10 mil seguidores e Ken Fujioka tem 24,4 mil (TWITTER, 2020).

7.3.3 Anticast

O Anticast foi criado em 2011 e era parte do quadro de programas distribuídos através do B9 até 2016, quando se separou do portal e formou uma rede de novos podcasts com temáticas diversas. “O Anticast fala sobre o que achar mais interessante, sempre prezando por uma visão crítica e questionadora. Política, arte, história e cultura digital são os temas mais explorados” (ANTICAST, 2020). Assim como os programas anteriores, é possível ouvir o Anticast direto do site oficial, no Spotify e aplicativos agregadores de Feed RSS. O programa segue o formato de roda de conversa e episódios de tamanhos muito variáveis, mas que normalmente têm entre uma hora e meia a duas horas de duração. O Anticast conta com o financiamento de ouvintes através das plataformas Catarse, na qual tem 998 assinantes contribuindo com 9,2 mil reais por mês, e Patreon, com 133 assinantes contribuindo com 340 dólares por mês (ANTICAST, 2020).

Ivan Mizanzuk, que está à frente do Anticast, é um paranaense professor universitário de design, arquitetura e jornalismo, formado em Design, mestre em Ciências da Religião e doutor em Tecnologia. Mizanzuk se alinha politicamente à esquerda e posiciona o Anticast da mesma forma. Dentre os conteúdos educativos publicado de janeiro a junho de 2020 pelo Anticast, houve episódios sobre os protestos do movimento negro contra a violência policial; o inquérito das *fake news* e possíveis envolvimento do presidente Bolsonaro; trabalho escravo contemporâneo; a importância do SUS e as ameaças à saúde pública no Brasil; impactos do covid-19 nas comunidades indígenas brasileiras; atritos do ex-ministro da justiça Sérgio Moro com o presidente Bolsonaro; pedidos de impeachment de Bolsonaro; epidemias históricas; covid-19 na Itália; a greve dos petroleiros em 2020; educação superior no Brasil; liberdade de imprensa no Brasil; políticas de cultura no Brasil; e tensões políticas entre Irã e Estados Unidos (ANTICAST, 2020).

O Anticast conta com participação direta de especialistas convidados diversos, juízes, jornalistas, políticos e ativistas, por exemplo, mas, assim como o Mamilos, os convidados do podcast variam bastante a cada episódio com o debate guiado por Mizanzuk. Por trabalhar de forma mais recorrente com pautas de atualidades, o Anticast cita no decorrer do programa matérias jornalísticas que foram utilizadas como base para os debates, documentos oficiais diversos e outras fontes, mas não oferece conteúdo complementar no site. Para fins de interação com os ouvintes, o Twitter também é a rede social mais utilizada por esse podcast, na qual Ivan Mizanzuk tem 124,6 mil seguidores (TWITTER, 2020).

7.3.4 Xadrez Verbal

O podcast Xadrez Verbal foi criado em 2015 e fala sobre “as principais notícias da política internacional, com análises, críticas, convidados e espaço para debate” (XADREZ VERBAL, 2020). O programa faz parte do site homônimo e é apresentado pelos historiadores paulistas Matias Pinto e Filipe Figueiredo, que também é professor, colunista e youtuber. É possível ouvir o Xadrez Verbal direto do site oficial, no Spotify e qualquer aplicativo agregador com Feed RSS. O programa segue o formato dos mesmos programas citados até aqui, a mesa redonda ou roda de conversa, e tem os episódios mais longos desta lista, normalmente com mais de duas horas e meia de duração, podendo chegar a quatro horas ou mais dependendo do episódio. O Xadrez Verbal também conta com a contribuição financeira de ouvintes através da plataforma de financiamento coletivo Padrim, na qual tem 1532 assinantes contribuindo com 17,7 mil reais por mês (XADREZ VERBAL, 2020).

Dentre os conteúdos educativos publicados de janeiro a junho de 2020 pelo Xadrez Verbal, houve episódios sobre os principais acontecimentos políticos e econômicos mundiais, como as consequências do assassinato de George Floyd nos Estados Unidos; tensões entre China e Índia; as tensões políticas e protestos em Hong Kong; o novo governo do Iraque; guerra no Iêmen; questões envolvendo o Brexit; eleições na Coreia do Sul; boatos sobre o estado de saúde de Kim Jong-Un na Coreia do Norte; polêmica internacional sobre os manuscritos do Mar Morto falsos; novo governo belga; governo em queda no Kosovo; neonazistas presos na Alemanha; prisão do Ronaldinho no Paraguai; acordo de paz no Afeganistão; pandemia de covid-19 e declarações da OMS; eleições na Eslováquia; guerra na Síria; violência sectária na Índia; acordo entre Senegal e Mauritânia; a reforma agrária na África do Sul; tentativa de golpe de estado em El Salvador; eleições na Irlanda; o fujimorismo no Peru; eleições na Bolívia; plano de paz de Trump para Israel e Palestina; e novo governo do Líbano (XADREZ VERBAL, 2020).

O Xadrez Verbal normalmente é guiado apenas pelos dois apresentadores principais, com a participação pontual de convidados especialistas para comentar certos casos. A doutora em economia e professora universitária Vivian Almeida possui uma coluna fixa no programa e convidados como, por exemplo, o agrônomo Gustavo Rebello e a doutora em teologia Tupá Guerra aparecem em momentos específicos para comentar episódios políticos pontuais. O Xadrez Verbal cita sempre suas fontes durante o programa, normalmente matérias de jornais, declarações e

documentos emitidos oficialmente por governos e organizações. Já na página oficial de cada episódio no site do podcast são disponibilizados links para todas as principais fontes citadas durante o programa e recomendações de conteúdos complementares, reforçando a creditação das fontes. A interação principal dos ouvintes se dá através da sessão de comentários do site oficial e no Twitter, no qual a página oficial do podcast, comandada por Filipe Figueiredo, tem 199,7 mil seguidores (TWITTER, 2020). Além disso, os ouvintes que financiam o Xadrez Verbal têm acesso a um grupo online exclusivo para “padrinhos”, mas na página oficial do programa não é especificado para o público geral a plataforma de hospedagem e a dinâmica desse grupo.

7.3.5 Scicast

O Scicast, que faz parte do site Deviante, foi criado em 2013 pelo analista de sistemas catarinense Silmar Geremia, que faleceu em 2017. Desde então, o Deviante e o Scicast são comandados por Fernando Malta, internacionalista e doutor em Engenharia Ambiental. De acordo com o site Deviante, “o SciCast nasceu da vontade de divulgar ciência massivamente e seu objetivo é levar a ciência à todas as pessoas, cientistas ou não, de forma clara e descomplicada sem abrir mão da profundidade, tanto na abordagem do tema quanto do debate” (SCICAST, 2020). Fundado com três integrantes, atualmente o Scicast conta com 50 colaboradores, brasileiros do mundo inteiro que são graduados, mestres e doutores em áreas diversas, como física, biologia, farmácia, química, biotecnologia, astronomia, história, biomedicina, psicologia, programação, matemática, educação, ciência da computação, engenharia, medicina, odontologia, veterinária, geografia, relações internacionais, fisioterapia, artes, ciências sociais, design e linguística. É possível ouvir o Scicast direto do site oficial, no Spotify e qualquer aplicativo agregador com Feed RSS.

O Scicast segue o mesmo formato dos podcasts anteriores de roda de conversa, com vários participantes em cada episódio, que costumam durar entre uma hora e meia e duas horas. Assim como a maioria dos programas comentados até então, o Scicast também conta com episódios patrocinados e com o financiamento de ouvintes através das plataformas de financiamento coletivo Patreon, na qual tem 54 assinantes contribuindo com 284 dólares por mês, Padrim, com 319 assinantes contribuindo com 3,6 mil reais por mês, e Picpay, na qual não é possível ter acesso ao número exato de contribuições e seus valores (SCICAST, 2020).

Dentre os conteúdos educativos publicado de janeiro a junho de 2020 pelo Scicast, houve episódios sobre a origem histórica da festa de São João; língua inglesa; fazer ciência em tempos de pandemia; supernovas; compreendendo o câncer; tipos de solo (pedologia); Teorema de Bayes; maturação humana; Guerra dos 30 anos; o planeta Vênus; colonização da América Espanhola; como funciona o coração; aviação; história do rock; fisiologia do exercício físico; construção civil; adolescência; história da filosofia; suplementos nutricionais; depressão; geometria não-euclidiana; língua de sinais; cavernas; e conflitos dos Estados Unidos com o Irã (SCICAST, 2020).

O Scicast cita as fontes dos assuntos debatidos durante os episódios e oferece listas com referenciais teóricos, conteúdos complementares e recomendações no site oficial do programa, dentre eles documentários, filmes, séries, notícias de jornais, livros e artigos científicos diversos. A interação com o Scicast pode ser por e-mail, sessão de comentários no site oficial ou Twitter, rede social na qual muitos dos membros possuem perfis próprios e a página oficial do Scicast conta com 11,3 mil seguidores e o Deviante 18,2 mil seguidores (TWITTER, 2020). Os ouvintes que financiam o Scicast também têm acesso a um grupo exclusivo em rede social, para interagir entre si e com os *podcasters*, em plataforma não especificada no site oficial.

8 COLETA E ANÁLISE DE DADOS: PERCEPÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM E A INFLUÊNCIA DO PODCASTS

Este capítulo busca apresentar o processo realizado na coleta de dados da pesquisa, os resultados obtidos através da prospecção de entrevistados e a análise qualitativa das entrevistas em profundidade que foram realizadas. Os resultados fazem paralelo com os conceitos e dados que foram apresentados nos capítulos anteriores e com as definições de conhecimento e percepção da filosofia e da psicologia, apresentados logo a seguir com base na obra de Chauí (2000), fundamentais para compreender como a entrevista e a análise foram idealizadas, conduzidas e observadas no decorrer de todas as etapas de realização do trabalho.

8.1 Conhecimento e percepção

Quando nasceu a Filosofia na Grécia, os pré-socráticos não priorizavam a reflexão sobre o conhecimento, mas partiam da ideia de que podemos conhecer, porque nós, assim como a realidade, somos racionais e nossa racionalidade também é parte de um mundo racional. Posteriormente, "Sócrates fez a Filosofia preocupar-se com nossa possibilidade de conhecer e indagar quais as causas das ilusões, dos erros e da mentira" (CHAUI, 2000, p. 140). A partir disso, Platão e Aristóteles introduziram o entendimento de que existem graus e formas de conhecimento – sensação, percepção, imaginação, memória, linguagem, raciocínio e intuição intelectual – e que a interação com outras pessoas exerce influência sobre o conhecimento (CHAUI, 2000).

A reflexão sobre o conhecimento se tornou central com os filósofos modernos, se voltando para o sujeito e o objeto do conhecimento a partir do século XVII. Francis Bacon e René Descartes examinaram a causa do erro e, assim, introduziram na filosofia o estudo dos preconceitos e do senso comum, sendo que John Locke foi o primeiro a propor uma teoria do conhecimento em si, ao analisar cada uma das formas de conhecimento humano, a relação do sujeito com os objetos e a origem das ideias. De acordo com Chauí (2000), a teoria do conhecimento é baseada no pressuposto fundamental de que nós somos seres racionais conscientes, capazes de reflexão e entendimento sobre si e sobre o mundo. Para a teoria do conhecimento, a consciência é o sujeito, capaz de análise, síntese e representação, o sujeito do conhecimento aspira à universalidade, ao que afeta todos os humanos.

A consciência realiza atos (perceber, lembrar, imaginar, falar, refletir, pensar) e visa a conteúdos ou significações (o percebido, o lembrado, o imaginado, o falado, o refletido, o pensado). O sujeito do conhecimento é aquele que reflete sobre as relações entre atos e significados e conhece a estrutura formada por eles (a percepção, a imaginação, a memória, a linguagem, o pensamento). (CHAUI, 2000, p. 149-150)

A percepção e a sensação são as formas principais de conhecimento sensível, sendo que até o século XX a Filosofia distinguia os dois conceitos por graus de complexidade, interpretando-os como ideias confusas ou inferiores. Atualmente, no entanto, existe uma nova concepção de conhecimento sensível, trazidas pela fenomenologia de Husserl e pela Psicologia da Forma ou teoria da *Gestalt*, que apontam que não há diferença entre sensação e percepção, pois não é possível sentir e perceber de forma parcial, pontual ou elementar. Nós “sentimos e percebemos formas, isto é, totalidades estruturadas dotadas de sentido ou de significação” (CHAUI, 2000). A percepção, portanto, é o conhecimento de um sujeito para o qual tanto suas vivências quanto as condições do objeto percebido importam, uma relação estabelecida com o mundo exterior, o que dá novos sentidos para nós e para as coisas que observamos e interagimos, pois somos sujeitos ativos no mundo. Chauí (2000) define:

A percepção depende das coisas e de nosso corpo, depende do mundo e de nossos sentidos, depende do exterior e do interior, e por isso é mais adequado falar em campo perceptivo para indicar que se trata de uma relação complexa entre o corpo-sujeito e os corpos-objetos num campo de significações visuais, tácteis, olfativas, gustativas, sonoras, motrizes, espaciais, temporais e linguísticas. A percepção é uma conduta vital, uma comunicação, uma interpretação e uma valoração do mundo, a partir da estrutura de relações entre nosso corpo e o mundo.

A percepção envolve toda nossa personalidade, nossa história pessoal, nossa afetividade, nossos desejos e paixões, isto é, a percepção é uma maneira fundamental de os seres humanos estarem no mundo. [...] O mundo é percebido qualitativamente, efetivamente e valorativamente. [...]

A percepção envolve nossa vida social, isto é, os significados e os valores das coisas percebidas decorrem de nossa sociedade e do modo como nela as coisas e as pessoas recebem sentido, valor ou função. Assim, objetos que para nossa sociedade não causam temor, podem causar numa outra sociedade. [...] (CHAUI, 2000, p. 154-155)

Do ponto de vista da fenomenologia, a percepção é a origem e parte fundamental do conhecimento e é dessa perspectiva que parte a análise de percepção desta pesquisa, tornando indispensável considerar todas as vivências e caminhos percorridos pelos entrevistados para chegar aos resultados desejados e satisfatórios da investigação.

8.2 Prospecção dos entrevistados

Os ouvintes de podcast no Brasil são poucos quando comparado com públicos de outras mídias e estão distribuídos por todo o território nacional. O Distrito Federal, onde foi realizada esta pesquisa, está em oitavo na lista de unidades federativas com mais ouvintes de podcast e apenas 10,6% dos ouvintes têm até 19 anos de idade, que são o foco desta investigação (ABPOD, 2018). Sendo assim, considerando as limitações citadas e objetivos da pesquisa, a realização das entrevistas presencialmente e o método de grupo focal foram descartados, sendo inclusive necessário pensar em formas alternativas para chegar até os entrevistados. Foi assim que surgiu a ideia de utilizar as redes sociais, em particular o Twitter, como opção para a coleta de dados.

Conforme mostrado no capítulo anterior, foi verificado que diversos dos produtores e apresentadores de podcasts no Brasil são consideravelmente ativos e influentes no Twitter. Esses mesmos produtores seriam um meio eficaz de atingir os ouvintes de podcast e o Twitter se destaca como uma ferramenta poderosa para propagar mensagens com a ajuda de compartilhamentos dos usuários. A partir da decisão de utilizar o Twitter na coleta de dados, foi criado na plataforma Formulários Google um questionário de pesquisa direcionado para estudantes maiores de 17 anos, com apenas cinco perguntas de respostas curtas e um campo de preenchimento opcional solicitando o e-mail para contato de quem estivesse disposto a participar de uma entrevista em profundidade no futuro. O título do formulário era “Pesquisa exploratória: Podcast e aprendizado autônomo” e, no texto introdutório, havia uma breve apresentação e e-mail para contato com a autora da pesquisa. A ideia era conseguir o maior número possível de entrevistados em potencial e não afastar os participantes com um questionário longo e cansativo. As perguntas do formulário estão disponíveis no Apêndice A.

Após a construção do questionário, a próxima parte do desafio era a propagação via rede social do link da pesquisa. O Twitter comporta apenas publicações pequenas de até 280 caracteres e, apesar da plataforma permitir sequenciar publicações, a própria natureza da rede social desestimula essa prática, sendo que as mensagens podem aparecer separadas ou desconectadas para outros usuários. Dessa forma, pareceu mais eficaz redigir um texto curto e informativo, que coubesse em apenas uma publicação, respeitando o limite de texto e solicitando que as pessoas respondessem a pesquisa (Figura 1). A ideia era aumentar as chances de outras pessoas lerem, se interessarem no que era dito e responderem o questionário, o que seria mais fácil com mensagens

curtas que chegam inteiras nas páginas dos usuários. Também foram adotadas seis estratégias específicas para que a mensagem no Twitter obtivesse maior alcance e mais pessoas vissem e respondessem a pesquisa. Foram elas:

a) Pedir ajuda diretamente para amigos e conhecidos com mais influência no Twitter, considerando que um número maior de seguidores na plataforma gera um aumento considerável no alcance dos compartilhamentos.

b) Recorrer a influenciadores menos conhecidos, pessoas com até 100 mil seguidores, que teriam muito poder de difusão sobre a mensagem, mas não são populares o suficiente para que a solicitação de ajuda se perdesse entre outras mensagens;

c) Pedir os compartilhamentos de produtores de podcasts pequenos, médios e grandes, já que esses atingiriam diretamente o público alvo.

d) Enviar mensagens com alguns influenciadores grandes, com milhões de seguidores, porque mesmo havendo menor chance de conseguir ajuda, apenas um compartilhamento dessa parcela de pessoas mudaria consideravelmente o alcance da pesquisa.

e) Manter a publicação ativa e não deixar que pareça desatualizada, o que acontece rápido nas redes sociais. Interagir com todos que republicassem, respondessem ou tivessem dúvidas.

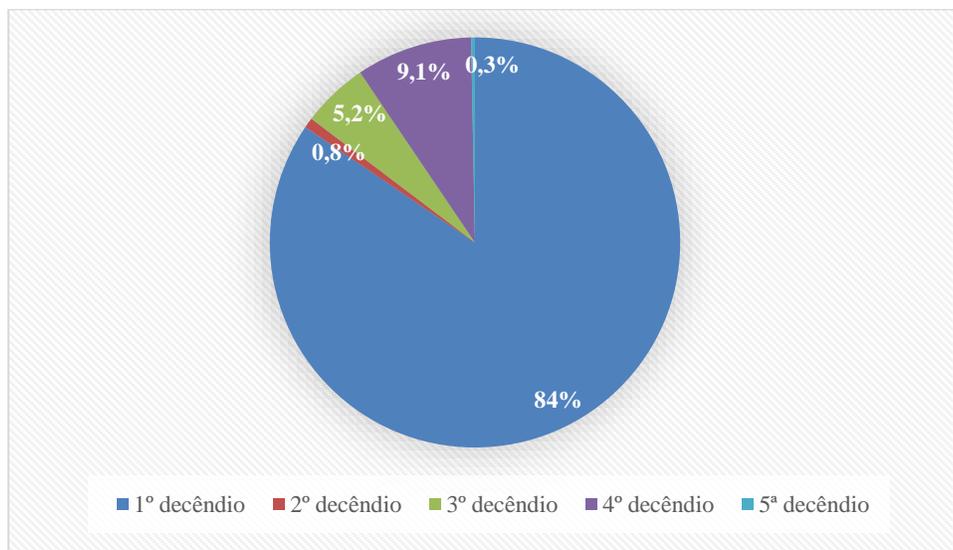
Figura 1 – Publicação no Twitter feita no dia 16 de jul. de 2019 divulgando a pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

O questionário ficou disponível para os usuários durante 50 dias, as estratégias de propagação de mensagens listadas de “a” a “d” foram utilizadas apenas na primeira semana de publicação e nenhum tipo de divulgação ativa da pesquisa foi feita após o dia 25 de jul. de 2019. A medida “e” foi a única que continuou durante todos os 50 dias em que o questionário ficou disponível para receber respostas. Todas as estratégias adotadas obtiveram resultados positivos, com exceção do contato com grandes influenciadores, dos quais não se obteve respostas ou divulgações. Como reflexo dessa ação, o pico de interação e compartilhamentos aconteceu nos primeiros dias de divulgação da pesquisa, com 480 respostas apenas no primeiro decêndio, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Porcentagem de respostas obtidas durante os 50 dias que o questionário exploratório ficou disponível. Total: 569 respostas



Fonte: Elaborado pela autora.

As repercussões do uso exclusivo do Twitter para distribuir o questionário também podem ser vistas em detalhes na Tabela 2, na qual é interessante perceber que o número de respostas obtidas que não se enquadravam no escopo do questionário foram baixas, mostrando que o formulário e a mensagem de divulgação estavam claros e que o alcance de público não fugiu do escopo inicial da pesquisa.

Tabela 2 – Resultados numéricos da divulgação do questionário exploratório via Twitter

Número de compartilhamentos da publicação no Twitter	435
Número de “curtidas” na publicação do Twitter	362
Número de respostas obtidas no formulário de pesquisa exploratória	569
Número de respostas que não se enquadraram no escopo da pesquisa	10

Fonte: Elaborada pela autora.

A rede de compartilhamentos gerada no Twitter é composta por círculos de interesse nos quais os *tweets* (como são chamadas as mensagens publicadas na plataforma) tendem a atingir com maior eficácia um maior número de pessoas interessadas em seus conteúdos. Se um usuário influente considera uma publicação interessante a ponto de republicar, os seguidores que se identificam com as ideias e mensagens daquele influenciador têm maiores chances de continuar passando a mensagem adiante e chegar mais facilmente em outros usuários. A partir dos resultados apresentados na Tabela 2, foram identificadas 31 respostas de pessoas que se encaixavam no escopo da pesquisa (estudantes de nível médio de 17 a 19 anos), das quais 21 se disponibilizariam para participar das entrevistas em profundidade no campo de e-mail do questionário. Foram, então, enviadas mensagens de e-mail para as 21 pessoas solicitando entrevistas por chamada de vídeo ou áudio via internet, sendo que quatro responderam confirmando a disponibilidade para participar, três responderam negativamente, afirmando indisponibilidade de tempo, e 14 não responderam aos e-mails em tempo hábil para a realização das entrevistas.

8.3 Análise qualitativa das entrevistas

A partir das respostas de e-mail dos que concordaram em participar da pesquisa, quatro pessoas foram entrevistadas em novembro de 2019 através de chamadas de áudio em tempo real via Hangouts, plataforma da Google escolhida por ser gratuita e não exigir download de aplicativos para funcionar. O vídeo ficou desligado em todas as entrevistas, pois falhas na conexão de internet estavam prejudicando a qualidade dos áudios, que eram de maior importância para a pesquisa. Os quatro entrevistados que participaram concordaram, através de áudio, a terem seus depoimentos gravados, publicados e analisados de forma anônima para os fins acadêmicos deste trabalho. O termo de assentimento que foi lido para os entrevistados está disponível no Apêndice B. As entrevistas tiveram entre quarenta minutos e uma hora de duração e os tópicos abordados estão

disponíveis no Apêndice C. Para a análise qualitativa dos dados, foram utilizados como base as diversas informações e publicações já apresentadas anteriormente nesta pesquisa.

Os tópicos e temas considerados na análise qualitativa dos dados buscam atingir os objetivos gerais e específicos propostos para a pesquisa e já especificados anteriormente. Um perfil dos entrevistados com informações básicas e nomes fictícios se encontra disponível na Tabela 3. A análise das informações coletadas durante as entrevistas considera as relações com a escola e o aprendizado escolar, explora as experiências que os entrevistados têm com o ensino formal e os modelos escolares com os quais tiveram contato, as relações com os podcasts educativos e o aprendizado não escolar. Deseja-se, ainda, mostrar os vínculos criados pelos entrevistados com mídias educativas (com foco nos podcasts) e como essas experiências não escolares afetam a percepção a respeito da escola e do processo de ensino-aprendizagem em si.

Tabela 3 – Perfil dos entrevistados

	Estelle	Joshua	Olivier	Cassius
Idade	17 anos	17 anos	18 anos	17 anos
Cidade	São Paulo/SP	Anápolis/GO	União da Vitória/PR	Pedra Preta/MT
Escola	Terceiro ano do ensino médio em escola particular com bolsa	Terceiro ano do ensino médio em escola particular com bolsa	Terceiro ano do ensino médio em escola pública	Terceiro ano do ensino médio em escola técnica pública
Outras atividades	Não	Não	Estágio	Não
Com quem reside	Com os pais	Com os pais	Com os pais	Com os pais
Escolaridade dos responsáveis	Pais com ensino superior completo	Pais com ensino médio incompleto	Pais com ensino fundamental e ensino superior completos	Pais com ensino médio e ensino superior completos

Fonte: Elaborada pela autora.

O primeiro tópico abordado com todos os entrevistados dizia respeito ao contexto escolar e aprendizado formal, como era a relação que tinham com seus professores, modelo de ensino das escolas que cursaram ensino médio, matérias favoritas, notas, cobranças dos pais ou responsáveis, atividades extracurriculares, pretensões de carreira ou curso superior e como se sentiam a respeito

do ato de estudar em si. O segundo tópico abordado dizia respeito ao aprendizado autônomo e não escolar, abordando hábitos de leitura e aprendizado através das tecnologias de informação, comunicação e expressão (TICE) como um todo. O terceiro e último tópico de debate se aprofundou na experiência dos entrevistados com o podcast e as relações desse com os tópicos anteriores.

Com relação ao contexto de aprendizado formal e escolar, todos os entrevistados demonstraram apreciar a escola e o estudo como atividade, declarando que: “eu sempre fui a nerd que senta na frente da sala, então eu sempre gostei de estudar” (ESTELLE, informação verbal); “eu gosto bastante de estudar, desde sempre. Tanto que eu gosto bastante de cinema e aí tenho que buscar sobre de uma maneira autodidata e estudar por conta própria” (JOSHUA, informação verbal); “desde que pequenininho eu sempre tive um incentivo grande da parte dos meus pais e sempre gostei muito, então em qualquer escola que eu estivesse eu sempre estaria estudando” (OLIVIER, informação verbal); e “não gosto de estudar tudo, mas o ato de estudar para mim é muito prazeroso, eu gosto de conhecer as coisas” (CASSIUS, informação verbal).

A respeito da escola e dos métodos de ensino, os entrevistados frequentaram instituições muito distintas, dentre elas escolas particulares de alto, médio e baixo custo, escolas públicas tradicionais e instituição federal com ensino técnico. As experiências e opiniões, portanto, também diferem em diversos aspectos. A entrevistada Estelle – que desde a metade do ensino fundamental frequentou como bolsista uma escola particular que aplica o sistema de ensino Objetivo – afirma gostar da escola, mas se queixa da quantidade de provas e conteúdo.

Eu gosto do ensino, só poderia ter menos prova, porque é bem cansativo três provas por semana toda semana e simulados. E as minhas matérias são divididas em frentes. Então biologia tem quatro frentes, português tem cinco frentes, matemática tem quatro frentes... Eu faço prova de cada uma dessas e os conteúdos dentro das matérias são diferentes. As minhas aulas também são bem cansativas porque elas te enchem de conteúdo, você não consegue nem respirar, sabe? Agora no final do ano a turma vai um pouco capengando, mas são aulas super corridas. Eu já cheguei a ter quatro módulos da minha apostila, que deveriam ser quatro aulas, em apenas uma aula. Às vezes eu vejo que meus colegas têm dificuldade de manter o ritmo, porque muitos deles não têm uma rotina de estudo, eu acho que isso é muito difícil de manter, não é todo dia que você consegue, você chega muito cansado em casa alguns dias e deixa de estudar. Daí tem muita gente que nem aprendeu um módulo e o professor já está em outro e é complicado. (ESTELLE, informação verbal)

Estelle também comenta sobre as diversas atividades a mais que participa nos períodos que não está em aula e que são afazeres obrigatórios para os alunos que, assim como ela, são bolsistas.

Ela afirma gostar das atividades, mas lista como uma das sobrecargas da escola, elencando algumas das que participou ao longo do ensino médio.

A de segunda eu fazia por vontade própria, porque a escola ofereceu um curso com uma professora da USP. Ela começou a dar aula de história na minha escola e abriu um curso de Educação Política no colégio, então eu comecei a fazer. Na quarta eu faço um curso de Metodologia Científica, que é para desenvolvimento do TCC. Aqui do terceiro ano os alunos desenvolvem um TCC, o meu foi sobre o consumo excessivo do plástico e, como eu quero fazer Ciências Sociais, eu trabalhei essa parte do consumo nas leis, né? Como são as leis que a gente tem, como o governo prepara as campanhas, essas coisas. E na quinta-feira eu faço um curso que é com o meu professor de física, para participar das olimpíadas de matemática, física e robótica. (ESTELLE, informação verbal)

Os entrevistados Joshua e Olivier também tecem críticas às escolas que frequentaram, em particular a aspectos como falta de inovação dos métodos de ensino, regras mal explicadas e a não inclusão de temáticas mais atuais nas aulas. Eles acreditam que existe certa necessidade de estudar por conta própria para conhecer assuntos que não têm espaço nos cronogramas das escolas. Um dos principais interesses de Joshua, o cinema, é um desses exemplos.

Eu gosto bastante de cinema e aí eu tenho que buscar de uma maneira autodidata e estudar por conta própria. [...] Quando eu era mais novo eu não gostava muito de estudar as coisas da escola, [...] mas coisas fora da escola eu gostava muito. Eu acho que antes de gostar de estudar eu era muito curioso, aí eu só não conseguia conciliar essa curiosidade com algo produtivo, que é o estudo. Desde pequeno eu lia muita revista, aquelas crianças que ficavam vendo Natgeo e Discovery, sabe? [Eu não gostava] do fato [da escola] ser muito engessado, principalmente quando a gente é mais novo, que criança tende a ser avoada em tudo, então geralmente, isso na minha experiência, quando eu estudei no fundamental, era muito quadrado, você tinha que fazer **isso** porque era **isso**, você não podia fazer **aquilo** porque **aquilo** não era **isso**. Entendeu? Mas por quê? Porque sim. Tinha que aceitar, sabe? Por exemplo, eu lembro de uma provinha que era para circular quatro bolas. Todo mundo circulou as bolas enfileiradas, uma linha de quatro bolas seguidas, e eu circulei as quatro bolas dispostas como se formasse um quadrado e ganhei errado na prova, entendeu? Essa rigidez que não tem sentido. (JOSHUA, informação verbal)

Eu estudei em uma [escola] particular de São Paulo que era muito boa, mas mesmo lá eu vejo que tem muita coisa um pouco antiga na forma de ensinar os alunos. Têm vários métodos diferenciados, mas eu não vejo como um todo na parte de educação do país. [...] Eu vejo que têm colegas que estudaram em escolas extremamente caras, [escolas] particulares bem famosas, e que lá eles falam que as coisas são extremamente diferentes, muito boas, mas são extremamente caras também. Daí no meu caso é complicado. Mas o ensino público e particular de uma classe média baixa no Brasil é muito defasado, muito dos meios de ensino e muito da formação dos próprios professores, que poderiam ser especializados. Mesmo nas escolas particulares, ainda que houvesse um incentivo e apoio, ainda assim eu senti que não era o suficiente. Eu gostava muito de estudar, então eu entendia que precisava chegar em casa e estudar, porque era preciso e me daria um bom futuro, mas também porque a forma como era ensinado na escola ajudava pouco. (OLIVIER, informação verbal)

As críticas dos entrevistados direcionadas às instituições de ensino se relacionam diretamente com o que Sibilía (2012) apresenta a respeito da escola moderna, que visa adestrar a

moral e o intelecto de pessoas em formação através da disciplina e da autoridade para que, dessa forma, jovens em fase escolar possam se adequar à moral burguesa. Sibilia (2012) argumenta que a escola moderna está em declínio e as novas tecnologias digitais têm um papel fundamental nessa crise, gerando novos ritmos de vida e dinâmicas sociais, principalmente entre os jovens, que são sempre os primeiros a terem contato com ferramentas inovadoras. Quando submetidos ao envelhecimento cada vez mais perceptível das práticas educativas de um modelo escolar defasado, os alunos se frustram com a escola, o que é confirmado em diversos pontos dos depoimentos dos entrevistados.

Outro ponto de encontro entre os relatos é a valorização da escola baseada em uma lógica de ensino bancário (FREIRE, P. 2016), como números de aprovações em vestibulares. Quando falam do que gostam em suas escolas, os entrevistados citam poucas questões que se relacionam com a formação cidadã, convivência com a comunidade ou construção de uma educação problematizadora, sendo necessário perguntar de forma direta sobre esses aspectos para obter depoimentos relacionados. Esses pontos de vista podem ter origem nos próprios sistemas de avaliação das instituições e dos processos seletivos conteudistas de ingresso em universidades no Brasil. Em seu relato, Joshua comparou duas instituições que estudou durante o ensino médio utilizando esses critérios.

Eu tenho contato com diferentes escolas e uma me deixava bastante insatisfeito, muito por conta da falta de visão da escola, sabe? [...] Eu estudei dois anos lá porque consegui uma bolsa, porque sempre estudei em escola particular, mas a gente não tem muita condição. [...] A escola não tinha muita visão de alavancar o aluno, eles não visavam aprovações, os professores não tinham muito interesse, tanto que os mais empenhados foram indo embora. [...] Eles nunca falaram nada para vestibular, preparação... Eu sinto que o descaso com o vestibular em si foi maior do que com as relações interpessoais dentro da escola, mas nisso eles iam até onde tinha que ir, não era nada notável também. Já a escola que eu estudei neste ano antes era um cursinho. Eu acabei o terceiro ano este ano, então o meu ensino médio foi o primeiro da história da escola. Eles abriram o ensino médio este ano e eu entrei, porque o dono da escola é cliente do meu avô, que é marceneiro. [...] O que eu gosto lá é que, como antes era só cursinho e agora tem ensino médio, são cinco salas para ele administrar, sabe? Então o diretor que também dá aula de física acompanha todo mundo muito próximo. No começo do ano ele chama aluno por aluno na sala dele para conversar, ver de onde que veio, o que queria, quais eram as metas, como era a vida dele fora da escola, sabe? Ele tem uma relação muito prestativa com os alunos dele. [...] Se eu não me engano, do estado, a nossa escola é a que tem o terceiro maior índice de aprovação. (JOSHUA, informação verbal)

O mesmo acontece com o entrevistado Cassius, que sempre estudou em escolas públicas e fez o ensino médio em instituição federal técnica. Quando questionado sobre o que acha da escola, os elogios feitos pelo entrevistado fazem referência direta à quantidade de conteúdo que é dado ou

o ritmo das atividades escolares. “Eu faço [curso técnico de] química. Ele dura os três anos do ensino médio e fiz os três anos lá. O saldo geral foi positivo, porque aprendi muita coisa. É muito corrido, muito puxado, o aprendizado é muito bom” (CASSIUS, informação verbal).

Quando questionados a respeito de possíveis cobranças por parte dos pais ou responsáveis com relação a rendimento escolar, notas e avaliações, todos os entrevistados afirmaram ter boas notas e que a cobrança nesse aspecto costumava partir muito mais dos próprios estudantes. No caso de Olivier (informação verbal), por exemplo, seus pais costumam pedir que descansasse mais e estude menos. “Pelo menos umas dez vezes por ano meus pais me falaram para eu me cobrar menos, porque eu não só gosto muito de estudar, como eu sinto prazer em estar estudando e as vezes eu passo um pouco do meu limite”. Nesses aspectos, os relatos se assemelham e os entrevistados afirmam que as cobranças pessoais aumentaram com a aproximação das provas de seleção das faculdades.

Várias falas dos jovens também demonstram afeição por professores e funcionários das escolas que já frequentaram, com declarações sobre o impacto desses profissionais em seus processos de aprendizagem e escolhas profissionais. “Meu professor de química uma vez marcou uma reunião comigo, pegou meu boletim e conversou sobre o meu desempenho, sobre cada matéria e dificuldade. [...] Se não fossem eles eu nem saberia que queria Ciências Sociais, porque não teria tido aula de educação política” (ESTELLE, informação verbal). Quando solicitado que falassem sobre suas preferências de assuntos e disciplinas escolares e da importância dos docentes para essas preferências, também foi demonstrado por todos os entrevistados que a abordagem e a afinidade com os professores exercem influência significativa nesse aspecto.

Eu gosto da matéria em si, mas o meu contato com bons professores sempre mediou o quanto grande é esse meu gostar. Eu sou fã de carteirinha dos meus professores de história, eles são muito inteligentes, são incríveis. Também gosto bastante do meu professor de gramática, então está correlacionado. (JOSHUA, informação verbal)

Eu sempre gostei muito de matemática e eu tive contato com física no nono ano, em uma escola particular em São Paulo, e eu sempre gostei muito de mistérios da natureza, sempre fui muito apaixonado por astronomia, então quando conheci física foi amor à primeira vista. [...] Eu não sei qual foi o ponto principal que me fez me interessar por essas matérias específicas, mas os professores influenciaram muito nessa decisão e desenvolvimento ainda maior. (OLIVIER, informação verbal)

Eu gosto bastante de filosofia, história, geografia, biologia e sociologia. Filosofia e sociologia têm muita carga do professor, são ótimos professores, e geografia também. Filosofia e sociologia você começa a estudar no ensino médio, então realmente foi uma

coisa diferente, que me chamou bastante atenção, principalmente análise de sociedade, análise de pensamento, essas coisas. (CASSIUS, informação verbal)

Os principais apontamentos dos entrevistados a respeito dos professores que marcaram suas trajetórias escolares se voltam para o domínio que esses profissionais têm sobre os conhecimentos compartilhados em sala, como conseguem engajar os alunos e a afetividade desenvolvida a partir das relações pedagógicas. Com relação a isso, os três aspectos dialogam com as descrições de Paulo Freire (2016) de um bom professor, que é aquele que consegue falar e trazer o aluno para junto de seu pensamento, transformando a aula em um desafio instigante e exercitando a curiosidade. “Seus alunos *cansam*, não *dormem*. Cansam porque acompanham as idas e vindas de um pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas suas incertezas” (FREIRE, P., 2016, p. 84). Mas o bom professor é também aquele que quer bem os educandos, sendo essa a forma autêntica de selar um compromisso com os discentes. “Preciso descartar como falsa a separação radical entre *seriedade docente e afetividade*” (FREIRE, P., 2016, p. 138).

As vivências relatadas pelos entrevistados referentes ao ambiente escolar se encontram com os aprendizados não escolares em diversos aspectos. Os quatro afirmam ou demonstram ter hábito de leitura e ressaltam a influência que aprender fora da escola e a busca de forma autônoma por aprendizado têm em suas trajetórias pessoais e escolares, com a tecnologia perpassando essas experiências em diversos momentos. Cassius, por exemplo, traz à tona questões referentes a disponibilidades de livros em cidades distantes dos grandes centros urbanos no Brasil e demonstra que, em sua trajetória, a internet foi uma ferramenta de acessibilidade importante.

Eu costumo ler mais artigo, reportagem, são coisas que costumo ler bem mais que livros. Eu leio textos mais curtos, mas leio em maior quantidade, até por disponibilidade de livros ser difícil onde eu moro, porque não tem biblioteca na cidade, as vezes não tem na biblioteca da escola e comprar pela internet para cá o frete é bem mais caro, é complicado. (CASSIUS, informação verbal)

Joshua ressaltava a importância que a busca por aprender fora da escola teve para que tivesse acesso a conteúdos que não entravam na grade de prioridade das instituições de ensino que frequentou. Como deseja se tornar pesquisador de cinema no futuro, ele acredita que não teria a base de conhecimento para decidir por um curso na área de comunicação se não fosse através da busca autônoma. As críticas às estruturas escolares que priorizam o ensino das ciências exatas e línguas em detrimento das artes e humanidades estão presentes nas principais falas de Joshua e é uma das principais razões pelas quais buscou o aprendizado autônomo por outros meios.

Acho que o maior exemplo que eu tenho para falar é sobre cinema. Na escola a gente não aprende quase nada, a gente só vê menção ao nome dos irmãos Lumière, do Georges Méliès, aí a professora passa o filme Viagem à Lua e acabou. Então o que eu sei é muito de assistir conteúdo no Youtube, tanto brasileiro quanto gringo, comprar livro, assistir palestra, aprendo muito por podcast também, sabe? Mas é isso. O hábito de ler revista ficou quando eu parei de comprar Recreio, então eu já não leio nenhuma revista. Mas agora eu leio bastante livro, acompanho muitos sites, desde site de críticos, como Cinema em Cena, do Pablo Villaça, até os principais jornais. (JOSHUA, informação verbal)

Quando questionados a respeito do uso específico das tecnologias digitais para fins de aprendizado, os entrevistados elencaram canais do Youtube, podcasts, blogs, jornais online e as redes sociais como as plataformas favoritas para aprender de se manterem informados, com destaque ao Youtube como primeira plataforma de todos utilizaram nesse fim e, posteriormente, ao podcast. Joshua conta que a primeira experiência que teve com aprendizado online foi quando, por ter sido *otaku* (nome dado a quem é fã de cultura pop japonesa), buscou aulas para aprender japonês através do Youtube.

Eu tenho uma memória muito viva de que a primeira coisa que eu tentei aprender pela internet foi no meu sexto ano, tinha meus 11 anos. Eu tive essa fase *otaku*, pilhei que queria aprender japonês e pelo Youtube mesmo eu comecei a estudar. Eu considero que eu fui até meio longe, no japonês eles têm três alfabetos e desses eu aprendi dois. [...] Mas qualquer coisa que eu me interessava o mínimo possível eu já procurava na internet. Isso rolou com anime, isso rolou com livros e principalmente com cinema. Assim eu encontrei muito conteúdo de gente séria falando sério sobre [cinema], assim fui adubando o solo. (JOSHUA, informação verbal)

Olivier e Cassius também começaram a ter as primeiras experiências de aprendizado através da internet a partir do Youtube. Para Olivier foi aos 10 anos, quando passou a ter internet em casa. “Eu via muitos vídeos de mistérios do universo, eu tinha uma criatividade muito grande e esses vídeos ajudavam ainda mais” (OLIVIER, informação verbal). Já Cassius (informação oral) usa o Youtube para fins pedagógicos desde 2015. Mas as opiniões positivas a respeito do Youtube não foram unânimes e a plataforma passou por críticas em diversos momentos das entrevistas. Estelle, por exemplo, relatou outros tipos de experiência e diz que, apesar de já ter gostado muito, hoje diminuiu consideravelmente o tempo que investia nos canais de Youtube.

Eu parei com o Youtube um pouco, porque eu acho, dependendo do canal, claro, os conteúdos muito superficiais. [...] Quando eu fui entrando mais para conteúdo de política, economia e educação, eu não achei coisas que me interessasse tanto, então eu assistia muito vídeos que eu sabia que estavam falando abobrinha e fui cansando. [...] Tem muita gente que fala “ah, dá uma chance pra tal canal”, mas eu acho que falta alguma coisa mais informativa, porque tem muita opinião no Youtube e nem sempre a sua opinião é o correto e isso dá muita divergência. (ESTELLE, informação verbal)

As redes sociais também figuram a lista de favoritos dos entrevistados, sendo o Twitter o que mais aparece como uma ferramenta de educação e informação e na qual apenas Estelle não

possui um perfil pessoal, por acreditar que cria muitas possibilidades para distração. Já os outros entrevistados enumeram diversas plataformas favoritas dentro dessa categoria. “As redes sociais que mais uso são o Twitter, o Instagram, Whatsapp e Pinterest. Facebook não, começou a encher de parente, né? Daí a gente vai migrando” (JOSHUA, informação verbal). “O Twitter tem muita dinâmica, sempre tem alguma discussão ou debate de assuntos que acho muito interessantes e importantes, mas sempre confiro se não é *fake news*. Eu uso Instagram também, sigo páginas de física. O Facebook eu dei uma parada de mexer” (OLIVIER, informação verbal). “Eu acho que dessas mídias a que eu consumo mais é o Twitter, eu sigo muita gente que indica material, como reportagem e análise de política atual” (CASSIUS, informação verbal).

O podcast, por ser o objeto central de análise nesta pesquisa, ganhou espaço de destaque nas entrevistas realizadas. Todos os participantes afirmaram ter começado a escutar podcast apenas quando já estavam um pouco mais velhos, terminando o ensino fundamental ou a partir do ensino médio. Joshua e Cassius tiveram contato com podcast pela primeira vez a partir do Nerdcast, pioneiro da mídia no Brasil. Joshua relata que, por cerca de um ano, ouvia apenas o Nerdcast, pois não conhecia os aplicativos agregadores, achava muito trabalhoso buscar os episódios e considerava a duração dos programas intimidadora. A distribuição de podcasts no Spotify a partir de 2018 foi o que despertou sua curiosidade para acompanhar novos programas.

Eu lembro que a primeira vez que eu tive contato com podcast foi um vizinho meu que me indicou um episódio do Nerdcast de RPG. [...] Ele me indicou e eu ouvi, mas eu ouvi esse episódio isolado para nunca mais. Três horas do negócio, sabe? Fiquei meio assustado. Mas depois em 2016 eu acompanhei muito o canal do Jovem Nerd no Youtube e, se não me engano, foi nesse ano que eles lançaram o aplicativo do Jovem Nerd e lá eu tive acesso a todos os episódios dos podcasts deles. Foi nesse ano que eu comecei a ouvir, mas eu também só ouvia Nerdcast, porque eu tinha procurado podcasts para começar a ouvir, mas não tinha nenhum agregador que eu conhecia, só tinha aplicativo e eu tinha que ir de site em site, sabe? [...] Aí em 2017 foi quando começou a entrar gradativamente podcasts no Spotify e eu comecei a ouvir os programas que faziam mais sucesso. (JOSHUA, informação verbal)

Cassius, que também começou a acompanhar podcasts a partir do Nerdcast, conta que foi com as produções do Jovem Nerd que conheceu outros programas. Um desses exemplos é o Xadrez Verbal, que é apresentado por Filipe Figueiredo, historiador que também está por trás do canal de divulgação científica do Youtube Nerdologia, que é produzido pelo Jovem Nerd.

Eu uso um aplicativo de podcast e comecei a ouvir mais frequentemente a partir de 2018. Eu comecei pela mesma porta de entrada de muito adolescente que é nerd, o Jovem Nerd. Então por indicação do Nerdologia, que os episódios de história deles quem apresenta é o Filipe Figueiredo, eu comecei a ouvir Xadrez Verbal. Foi um dos primeiros que eu comecei a ouvir bem certo, fiquei uns dois ou três meses acompanhando eles, toda

semana eu ouvia o episódio. Mas ele exige uma dedicação muito grande, três horas, já teve episódio de cinco horas e eu ouvi as cinco horas de podcast. Eu vou ouvindo picado ao longo da semana, porque o tempo que eu tenho para ouvir é no ônibus e no ônibus eu acabo dormindo, então vou repartindo durante o meu tempo livre na semana no caminho da escola. (CASSIUS, informação verbal)

Olivier declara ter começado a acompanhar podcasts em 2019, a partir das recomendações insistentes de uma amiga. As indicações são importantes e incentivadas dentro da comunidade *podcaster*, já que, por ser uma mídia ainda em processo de popularização e geralmente independente de grandes conglomerados de mídia, depende das recomendações para crescer e obter recursos. Diversos programas pedem aos ouvintes que indiquem qualquer podcast aos amigos e divulgam gratuitamente outros podcasts. A colaboração direta, quando um produtor participa de um programa que não é o seu para contribuir com o conteúdo e atrair mais ouvintes para o próprio podcast, também é outra prática comum em busca da popularização da mídia. Estelle relata que conheceu um de seus programas favoritos dessa forma.

Eu conheci o podcast quando estava lendo um livro de contos em 2015 chamado Um Ano Inesquecível, é de quatro escritoras brasileiras e uma dessas escritoras fez um conto no qual a personagem principal é apaixonada por podcast. Eu fiquei "nossa, o que é isso?" Daí eu me toquei que tinha um aplicativo no meu celular, então abri e comecei a procurar, mas não sabia mexer direito e ouvi um episódio perdido do Um Podcast Chamado Wanda. Lembro que não gostei muito, porque tinha muita piada interna e eu não estava entendendo direito. [...] Até que umas pessoas que eu sigo no Instagram postaram que fizeram um podcast, o Imagina Juntas. Eu fui ouvir um episódio que estava a Ju Wallauer, do Mamilos, e ela contou a história da vida dela, como se casou, teve filhos e eu fiquei encantada. Quando ela falou que tinha um podcast eu fui ouvir também. Hoje sou viciada. (ESTELLE, informação verbal)

Uma das questões presentes em quase todos os relatos é a dificuldade que os entrevistados tiveram com os podcasts a princípio, seja por serem produções longas, pelo acesso não ser tão intuitivo ou a própria linguagem, com piadas internas demais, por exemplo. Essas questões sobre o podcast reforçam a posição de mídia de nicho, com um público reduzido quando comparado com o Youtube, por exemplo. No entanto, o podcast tende também a ter uma audiência fiel e engajada, que colabora financeiramente de forma voluntária, escuta todos os episódios, envia e-mails opinativos e participa de debates nas redes sociais. Outras falas dos entrevistados ao longo das entrevistas reforçam essa ideia, como quando Estelle conta que hoje o podcast é o que mais gosta de consumir na internet, listando seus programas favoritos e justificando as preferências.

Fui viciando em vários podcasts de ciência e economia, hoje escuto também o Café da Manhã, que é um da Folha sobre notícias, eles pegam as principais notícias e falam rapidinho, uns 20 minutos, é bem informativo. Aí tem o Durma com Essa, que é do jornal Nexo, um jornal independente, daí eles fazem o contrário, pegam uma notícia do dia e debatem ela mais a fundo. Aí tem o Polítiquês, que também é do Nexo, mas eles não

fazem há muito tempo. E têm os mais de entretenimento que eu escuro, o Donos da Razão, Depois dos Quinze, acho que os meus preferidos são esses. Eu acho que gosto de como a conversa rola, sabe? Normalmente eu escuto de política e eles vão desenvolvendo o assunto de uma forma argumentativa, mas tranquila, sabe? Eles conseguem desenvolver toda a conversa e eles estão lá falando sobre e quando você vê acabou. Acho que isso é o legal, você entra na conversa junto com eles e às vezes eu respondo o que eles estão falando, porque estou muito envolvida na comunicação. Acho que isso me prende muito, porque eu estou ouvindo a conversa e estou basicamente participando daquilo. Quando você vê um vídeo você não se sente totalmente dentro daquilo, porque tem uma pessoa só e ela está te explicando. O podcast é mais intimista. (ESTELLE, informação verbal)

Todos os entrevistados demonstraram empolgação na hora de listar os podcasts que escutam e comentar o que mais gostam neles. A qualidade da produção, a forma como o debate é conduzido, a relação intimista passada pelos apresentadores e a possibilidade de ouvir fazendo outras atividades foram alguns dos pontos positivos mais destacados e o diferencial quando comparado com outras mídias. Joshua deu destaque a questões técnicas e à profundidade que o podcast propicia na abordagem dos assuntos.

De cara comecei a ouvir os do B9, principalmente o Cinemático e o Mamilos, também escuto o Nerdcast, Xadrez Verbal, Café da Manhã, alguns de cinema, como o Central Cine Brasil, que fala só de cinema nacional, também ouço Podcast Filmes Clássicos... Olha, abri a lista aqui e vou falar os que ouço frequentemente: Bobagens Imperdíveis, Braincast, Cinemático, Clube de Música Autoral, CofeComMilque, [...] Coletivo de Najas, os podcasts do Nexo Jornal ouço quase todos, só não aquele diário, porque não tenho tempo. Tem um que chama Data_lábia, que é excelente, eles falam de dados sobre, sei lá, Favela da Maré, sabe? Eu ouço o Falecast, que é sobre cinema, o História Liberta, Mais um Show, Horário Nobre, o Naruhodo, que também é da família B9, eu ouço Futebol Cast, que é sobre futebol americano, O Quadro Negro, Crazy Metal Mind, que é sobre rock, Politiquês, que é do Nexos, Projeto Humanos, Rapaduracast, esses são os principais. Eu acho que os elementos principais de um podcast para mim é o tema, óbvio, mas também a produção. [...] Duração não é algo que interfere, eu ouço Coletivo de Najas, que tem episódios de 30 a 50 minutos, e ouço o Xadrez Verbal, que tem episódios de três horas toda semana. [...] O que me atrai primeiro é a versatilidade da mídia, porque ela só ocupa os seus ouvidos, então de resto você pode fazer qualquer outra coisa. Tanto que é comum um podcast entrar em férias e eles falam que recebem um monte de e-mail falando que a pia está cheia de louça para lavar e cadê os episódios. O podcast pode ser uma atividade de plano de fundo, que distrai a pessoa que vai fazer algo que não gosta. É o caso de pegar um ônibus, arrumar a casa, fazer trabalhos mais mecânicos, mas também porque a tradição que o podcast tem de episódios grandes propicia debates muito embasados na maioria das vezes. Tem alguns programas totalmente furados, como o Alô Jovem Pan, mas, por exemplo, o Mamilos, que é um podcast que eu pago um pau enorme, que o programa é sempre muito bem feito, muito bem selecionada a pauta, os convidados, muito bem mediado, então é algo que foge da superficialidade que a gente encontra muitas vezes no Youtube, por exemplo. (JOSHUA, informação verbal)

Olivier também acredita que um dos pontos fortes do podcast é a relação criada com os produtores e a condução do diálogo. Outra questão levantada é a relação do podcasts com outras mídias na internet, sendo que diversos *podcasters* também são produtores de conteúdo para o Youtuber, uma plataforma com maior visibilidade e que se torna um meio de divulgação.

Eu adoro o Scicast, porque eles falam muito de física, biológicas, conhecimentos da natureza e até das áreas de humanas, um pouquinho de tudo, cada episódio fala de uma coisa diferente, então é um dos que mais acompanho. O Sinapse, que é de um youtuber que eu acompanho e que lançou esse ano o podcast. [...] Mas eu ouço bastante também o Mamilos, que a minha amiga me indicou e eu achei incrível as discussões que elas trazem. Eu ouço o Nerdcast, que também é de youtubers e é sobre cultura pop, e nesse mesmo tema o Rapaduracast. [...] O que eu vejo comum entre eles que eu gosto bastante é a forma como eles estão lá e, por mais que tenha uma pauta e um roteiro sobre a discussão, a forma como a conversa é fluida e despretensiosa. Digamos que eles não estão dando uma aula, como a gente vê no Youtube, mas sim conversando como eu converso com os meus amigos sobre os assuntos que a gente gosta, então eu vejo o podcast como se fosse uma conversa entre amigos um pouco mais profunda, como se eu estivesse com os meus amigos no terceiro ano da faculdade discutindo sobre um assunto. Sempre tem uma piadinha, uma discordância ali no meio e essa é a parte que eu gosto também, você não vê isso no Youtube. Alguns até têm um esquema parecido, mas eu acho que no Youtube, por ser muito visual, você perde um pouco dessa conversação, acho que essa é a principal coisa que me atrai para esse mundo dos podcasts. (OLIVIER, informação verbal)

O depoimento de Cassius reforça as questões apontadas diante da fala de Olivier e traz novamente uma comparação com o Youtube, o que é feito por todos os entrevistados. Ele destaca a liberdade proporcionada por mídias sonoras como o podcast, já que os ouvintes podem realizar outras atividades enquanto acompanham os conteúdos produzidos.

Hoje em dia eu escuto bastante o Filosofia Pop, o podcast do Mimimidias — que é um canal do Youtube e agora eles fazem também podcast, falam sobre vários assuntos como análise de discurso, aí é bem interessante — eu também ouço bastante o Revolushow, que fala mais sobre política, principalmente sobre marxismo e políticas de esquerda, e eu comecei a ouvir essas dias o Viracasacas, que também é sobre política e eles fazem análise de notícias, que é bem interessante. No podcast me agrada até a voz das pessoas, quando a pessoa tem uma voz confortável. O apresentador do Viracasacas é assim, muito bom de ouvir. Edição também, quando o podcast é muito arrastado eu não consigo ouvir direito, eu fico meio perdido, o podcast fica em uma enrolação ou imprecisão, e principalmente o assunto, coisas que eu gosto de escutar, política, política internacional, também comecei a ouvir o Scicast, que traz ciência de forma geral, física e biologia, que são assuntos que eu me interesso, e o Filosofando que traz bastante esse debate com filósofos com convidados. [...] O podcast tem uma possibilidade de você ouvir ao mesmo tempo que faz outras coisas, então você não precisa se dedicar 100% a ele, já o Youtube você precisa de uma dedicação maior de atenção. É bom também porque o podcast você pode baixar vários e vira um entretenimento offline, consegue levar contigo, é mais fácil de digerir também, porque estimula menos, é só audição. Você consegue ter uma concentração maior ouvindo apenas do que assistindo, porque às vezes você se perde no que a pessoa está falando e presta muita atenção na tela, nas imagens. [...] O podcast também tem a questão de brincar com a audição, efeitos, uma atenção mais voltada para isso. Se for bem feito, pode ser mais acolhedor, mais intimista. (CASSIUS, informação verbal)

Quando perguntados a respeito de quanto tempo por semana passam escutando podcast e onde costumam ouvir, as respostas são variadas, mas a fidelidade com o conteúdo é chama atenção, demonstrando novamente a fidelidade com a mídia. Estelle diz fazer qualquer coisa ouvindo podcast, sendo que já se tornou um hábito que ajuda na concentração e relaxamento para estudar.

O Mamilos tem uma hora e meia, sempre escuto uma hora e meia por semana. Aí Café da Manhã tem uns vinte minutos... Olha, eu acho que dá umas seis horas de podcast por semana, é basicamente uma hora por dia. Eu faço de tudo quando estou escutando podcast, normalmente eu gosto de lavar louça escutando podcast, às vezes quando eu vou estudar para matérias de exatas eu escuto podcast para relaxar um pouco, porque não é uma coisa que vai me tirar toda a atenção, mas não fico só naquilo que é massacrante. Escutar podcast me ajuda a concentrar. Às vezes quando eu vou sair, pegar um ônibus, eu escuto podcast. (ESTELLE, informação verbal)

Escutar podcasts realizando atividades mecânicas – como obrigações domésticas, transporte público e jogar videogames – é uma das formas favoritas de consumo da mídia para todos os entrevistados. Olivier diz que nunca escuta podcast sem fazer outra atividade, pois acredita que a mídia foi criada para consumir dessa forma. Joshua, por outro lado, diz ouvir podcast fazendo absolutamente qualquer coisa, até mesmo com dedicação exclusiva se for necessário.

Dependendo da semana e dos lançamentos dos episódios de cada canal, eu diria que ouço entre quatro e oito horas por semana, mas tem dias que eu ouço mais, hoje eu ouvi três horas e tem semanas que eu passo três ou quatro dias sem ouvir nenhum. Quando eu vejo, por exemplo, que é um podcast que escuto sempre, já vou direto para ouvir. O título tem importância na decisão [...], mas, na média, vou pela minha afinidade com o produtor de conteúdo. Eu sempre ouço fazendo alguma outra atividade. Quando eu vou limpar a casa, por exemplo, eu escuto podcast, às vezes até mesmo para jogar videogame, mas nunca é só podcast, porque eu acho que não é exatamente desse jeito que deveria ser ouvido. É como se fosse uma conversa e quando você está conversando com os seus amigos dificilmente você está só conversando, geralmente vocês estão andando ou fazendo algo em casa, então acho que faz parte do processo de ouvir o podcast você estar em atividade também. [...] Eu ainda vejo que o Youtube ainda tem muito monopólio do entretenimento, por assim dizer, e eu acabo vendo muito mais Youtube porque tem muito mais variedade dos assuntos que eu gosto. [...] Acredito que em um ou dois anos isso já vai mudar completamente, porque o podcast é mais dinâmico. (OLIVIER, informação verbal)

Eu ouço todo dia, não tenho nem como mensurar quantas horas são, mas em tempo de férias, quando eu viajo para roça, eu não assisto filme nenhum, praticamente. Aí eu levo livro e baixo muito podcast. Em uma última viagem que eu fiz em julho, eu fiz as contas e ouvi mais ou menos uns seis episódios por dia, sabe? O que é muita coisa. [...] Quando tem uma brecha eu escuto, literalmente fazendo qualquer coisa. Porque eu sou bem chato para assistir filme, se eu não tiver o tempo necessário para sentar e assistir, sei lá, o filme tem duas horas e eu só tenho uma hora e meia, eu não vou pausar o filme para continuar depois, eu vou fazer outra coisa. Já ler eu gosto mais de ler à noite, então no dia qualquer coisa que eu for fazer eu faço ouvindo podcast. [...] Às vezes eu estou em um dia agitado, eu mesmo estou agitado, sei lá, a ansiedade atacou, eu vou ouvir um podcast, eu não consigo ficar parado, eu abro um joguinho que não precisa pensar muito e vou ouvir o podcast jogando para distrair, mas muitas vezes eu sou do tipo que para só para ouvir o podcast e sempre ouço para lavar a louça e limpar a casa. (JOSHUA, informação verbal)

Quando a discussão entra no campo educacional, todos os entrevistados afirmam que o aprendizado é um dos motivos para escutar podcasts, sendo que a importância que cada um deles dá ao fator de entretenimento dos programas é variável. Cassius em seu relato, por exemplo, dá

mais destaque às questões da aprendizagem como uma prioridade, principalmente com a aproximação do período de realizar provas de ingresso nas universidades.

Geralmente são coisas para aprender mesmo, sobre política, política internacional, raramente uma coisa que eu ouço é para entretenimento. [...] Para entretenimento eu comecei a ouvir o Projeto Humanos, mas dei uma parada, tinham outros que eu escutava, mas parei também. Hoje faz muito tempo que eu já não escuto mais Nerdcast, geralmente eu pego alguns bem pontuais, sobre um filme que eu assisti e eu quero saber mais sobre ele, daí eu baixo um episódio deles, mas isso já faz bastante tempo. Quando eu ouço até gosto, geralmente eles são carismáticos, mas não é uma coisa que eu priorizo ou "eu vou ouvir tudo, seguir certinho", é mais pontual agora. Não sei se meu gosto mudou, mas talvez sejam prioridades. (CASSIUS, informação verbal)

Para outros, no entanto, as linhas entre o aprendizado e o entretenimento são mais tênues. Olivier, em seu relato, pede um tempo para pensar antes de dar uma resposta sobre as prioridades, pois não tem certeza do que pensar a respeito do assunto e, por fim, decide que ouve podcast para aprender e se entreter em medidas parecidas. Joshua, em sua fala, também dá destaque ao potencial educativo do podcast, mas faz questão de citar o entretenimento como um fator importante.

No Youtube, quando eu vejo algum vídeo, sempre começo para entreter e passar o tempo e, de vez em quando, por estar entretido, eu quero achar algo que vou aprender. Já no podcast eu não sei bem definir, porque é mais natural, eu vou para ouvir uma coisa boa e divertida e ao mesmo tempo aprender, não tem bem uma primeira decisão, eu acho é que as duas coisas ao mesmo tempo. Em todos esses que eu ouço é impossível você ter dez minutos de alguém explicando alguma coisa sem você dar uma risada, se divertir, já no Youtube, por mais que existam canais que fazem isso, parecem muito mais aquela questão da hierarquia, parece que tem alguém lá que vai te passar a informação, mas que não consegue com a proeza que o podcast consegue. (OLIVIER, informação verbal)

Podcast, mais do que um passatempo é também uma ótima fonte de conhecimento. Eu acho até difícil não mencionar o Naruhodo, que é um excelente podcast e tem episódios curtos, que é sempre respondendo perguntas. Não é pergunta tipo "que filme você gosta", é um cientista e um outro cara que media o podcast e as perguntas, que são tipo "por que a nossa percepção de tempo é assim?". Esse podcast com episódios curtos é excelente para quem começou a ouvir, porque é curto, mas é educativo, mostra o quão embasado é o programa. Acho que ouvir um podcast só para matar o tempo é legal, é claro, não vou mentir e ficar falando que só ouço coisa cabeçuda o tempo todo, mas você não ouvir algo mais cabeçudo eu acho um grande desperdício. (JOSHUA, informação verbal)

Quando o mesmo assunto foi abordado com Estelle, a conversa caminhou por outros rumos. Ela conta que, por estar vivendo um período de vestibular, costuma se culpar muito quando não está estudando e que o podcast é um grande auxílio nessas questões. Para ela, ouvir podcast enquanto faz outras atividades é menos estressante do que estudar através dos livros e ajuda a não sentir culpa por não estar fazendo trabalhos da escola ou estudando para processos seletivos de ingresso em universidades. Por se sentir menos cobrada do que em ambientes de educação formal,

o podcast se tornou uma ferramenta educativa importante para Estelle, que acredita que, algumas vezes, aprende mais com os programas do que através das aulas ou livros didáticos.

Eu me sinto culpada por não estar estudando, se não estou fazendo algo produtivo o tempo todo. Vestibulanda, né? Essa é uma culpa que eu carrego e sei que não faz bem, mas é difícil trabalhar com isso. Tanto que a gente teve um evento na escola, resolveu fazer um baile de última hora e em cada segundo que passei na escola arrumando as coisas do baile eu pensei "tem Unicamp domingo e eu não estou estudando". Mas sinto que com o podcast eu consigo ouvir a notícia e me informar enquanto estou fazendo outras coisas, o que para mim é mais produtivo. [...] Eu acho que só pelo fato de não estar em sala de aula, já é uma coisa que absorvo com mais tranquilidade. Outro dia eu estava em uma conversa e indiquei um podcast antigo que ouvi para umas amigas, sobre droga, e eu soltei com tanta naturalidade que fiquei "nossa, eu ouvi com tanta atenção que lembro desse dado". Eu sinto que eu aprendi muito mais, memorizei várias coisas com o podcast e algumas vezes eu não consigo lembrar uma fórmula que o professor passou cinquenta minutos explicando como funciona em sala. (ESTELLE, relato verbal)

Os entrevistados acreditam que o podcast afetou a relação que tinham com a escola, as aulas, os conteúdos e mesmo os colegas de turma. Olivier relata que a relação de hierarquia construída dentro da escola com os professores parece ser um dos principais fatores que o distanciava dos conteúdos e a forma como as temáticas são abordadas nos podcasts o fez perceber que não precisava ser daquela forma. A partir dos podcasts, ele se aproximou mais das disciplinas e mudou a forma como interage com colegas de turma e corpo docente.

Com certeza o podcast mudou a minha dinâmica com a escola. Tanto que eu odeio geografia, mas alguns podcasts me trouxeram informações sobre geografia que eu pude apresentar para o professor para conversar durante a aula, para usar como algum argumento para o assunto que estava sendo exposto, eu fico enchendo o saco dos meus amigos para eles ouvirem também. Mudou completamente como eu me sinto em sala de aula, porque antigamente eu sentia que a forma como era o estudo em si dava a entender que era uma hierarquia, mas depois que conheci o podcast isso mudou na minha cabeça, porque não precisava ser assim e eu decidi que não seria assim mais para mim. [...] Eu vejo que [a relação com o podcast] é um pouco parecido com o que eu tenho na escola, mas eu acho que é como se fosse esse contato elevado a décima potência. Na escola eu sempre tive essa dinâmica de conversar com os meus amigos sobre assuntos interessantes e ao mesmo tempo engraçados, mas que eu via que isso era muito do meu grupinho, essas conversas interessantes buscando embasamento. Eu vejo que no podcast é assim, só que no podcast são pessoas com mais conhecimento, um nível técnico maior, eu acho que isso chama atenção, porque são pessoas conversando normalmente sobre assuntos interessantes e que fazem aquele assunto parecer simples. [...] Alguns professores específicos tinham uma dinâmica parecida, mas que ainda ficava muito naquilo de o professor falando para o aluno, não era bem uma conversa entre amigos aprendendo juntos, entende? Para mim sempre foi uma questão de nós da sala, não nós alunos e o professor. [...] A maioria das pessoas veem a escola como alguém querendo te jogar conteúdo o tempo todo e você tendo que aturar aquilo, a maioria dos meus amigos falam que é assim que eles se sentem. (OLIVIER, informação verbal)

Estelle, Joshua e Cassius, ao falarem sobre a relação da com escola com o aprendizado através do podcast, dão a entender que o podcast é um complemento para visões adquiridas por

outros meios, como jornais e a própria escola, não uma fonte única de conhecimento e informação. Essa visão crítica adquirida através de diversos meios é extremamente importante para a construção do conhecimento e é o que Paulo Freire (2016) define como a curiosidade epistemológica, que vai além da simples curiosidade ingênua ou senso comum e é construída através de um senso crítico rigoroso, metódico e científico da educação problematizadora. Para Paulo Freire (2016) essa é a única forma de alcançar o verdadeiro conhecimento

O podcast é a mídia que eu mais consumo hoje, eu acho que é com a qual mais aprendo. Um exemplo é o Mamilos. Lá elas levam professores, o podcast tem discussões muito ricas, eles lançaram um sobre ditadura que é incrível e eu lembro das minhas aulas de história e coisas que eu li, agregou muito. Nas eleições tinham alguns podcasts especiais sobre as eleições que eu escutava e foi assim que eu me informei, muitas vezes foi bem melhor do que o jornal. [...] Esse ano foi mais corrido, mas como estamos vendo atualidades, a gente sempre acaba discutindo um pouco, então muitas vezes eu sabia do que estava acontecendo por conta de podcast. [...] É muito mais prático. Eu li matérias nos jornais, eu tenho aplicativos de notícias baixados no celular, que é o Sputnik e o El País, e eu recebo notícias o dia todo. Às vezes eu consigo usar as matérias para me informar, mas é o podcast que me ajuda a entender melhor o que está acontecendo. (ESTELLE, informação verbal)

Cansei de ter prova de história na semana e ouvir os Nerdcast de história sobre o tema. É claro que eu não vou estudar só por isso, mas ajuda bastante, porque eles abrangem os pontos principais, mas em uma conversa de bar. É bacana porque eu consigo estudar por aquilo, de certa forma, mas não é algo maçante. (JOSHUA, informação verbal)

Em biologia, por exemplo, eu já escutei muita coisa sobre engenharia genética e aquilo me ajudou a ter uma visão diferente, consigo complementar com o meu repertório e entender as coisas de forma mais completa. Também de geografia e sociologia, que tem muita discussão sobre política, então o podcast ajuda a criar uma visão política também sobre os conhecimentos. Tipo, eu escutei o episódio novo do Xadrez Verbal em que ele fala tudo que está acontecendo na Bolívia, então é uma questão que é para formação e se relaciona com conteúdo de aula. (CASSIUS, informação verbal)

Uma das características do podcast enquanto mídia é que mesmo os principais programas do Brasil costumam ter uma relação próxima com os ouvintes, respondendo e-mails, interagindo nas redes sociais e espaços oficiais de comentários nos sites dos programas. Essas relações de troca costumam ser um fator importante para os ouvintes e é um diferencial dessa mídia. Estelle diz nunca ter enviado mensagens por timidez e que não utiliza o Twitter, por acreditar que é muito fácil ficar dependente desse tipo de plataforma, mas sempre escuta a sessão de leitura de e-mails dos programas que acompanha, pois sempre encontra apontamentos relevantes. Todos os outros entrevistados, no entanto, possuem perfil no Twitter e acompanham os programas que escutam de forma assídua. Joshua, por exemplo, diz sempre aproveitar dessa disponibilidade dos produtores

para interagir e Olivier afirma que essas possibilidades afetam em diversos aspectos a experiência que tem com a mídia, principalmente por expandir as possibilidades de aprendizado.

O bacana do podcast, pelo menos até agora, é que os *podcasters* conseguem interagir com os ouvintes, porque não é muita gente que ouve. Óbvio que isso mudou muito este ano por causa do Spotify, mas o número de pessoas que ouvem ainda é pequeno o bastante para que os produtores de conteúdo consigam ter uma interação, sabe? Nesse cenário, como é mais fácil para eles responderem, eu estou lá fazendo pergunta. Principalmente pelo Twitter, que é uma rede social que lida mais com a instantaneidade, então alguém manda uma pergunta e eles respondem. Também já foi o caso de mandar e-mail, principalmente para o Gugacast, onde o programa se baseia em ler e-mails da galera sobre tal tema. Eu enviei um muito recente sobre Black Friday, uma experiência que eu tive, eles pediram e eu mandei. Também lembro de um episódio que me tocou bastante do Mamilos – porque eu sou meio sensível, não precisa de muito para me tocar, principalmente o programa delas que aborda temas meio tabus – daí enviei e-mail e elas não leram no programa, mas recebi um e-mail de volta, respondendo. Eu achei bacana, porque humaniza mais a relação, acho que o ato de pôr o produtor em um pedestal está sendo bem mais raro, como era na TV, que você via alguém na rua e tinha um piripaque, tirava selfie, etc. Agora você vê a galera da internet se relacionar com quem consome o que eles fazem e é algo bem mais próximo. E, como eu disse, no podcast isso é mais próximo ainda, então respostas como essa mostram que tem uma preocupação maior com os ouvintes. (JOSHUA, informação verbal)

Eu fico muito feliz, porque eu interajo bastante e é uma relação recíproca, porque geralmente no Youtube, como eu vejo canais muito grandes, até há algum contato do produtor com os inscritos, mas por causa do patamar que eles estão, serem muitos seguidores e eles serem famosos e tudo mais, acabam não tendo tanto esse contato com o espectador. Já no podcast, a meu ver, por ser algo menor e por demandar mais pessoas para fazer, porque dificilmente vai ser um podcast de uma pessoa só, acredito que esse contato fica muito mais fácil. Eu interajo com vários das pessoas que escuto, especialmente no Twitter, que é a rede social que, a meu ver, a que o pessoal do podcast mais usa, tanto para divulgação, quanto para relação mais próxima com os espectadores. Eu já participei dos e-mails, mandei pro Sinapse algumas perguntas que eles pediram e o assunto do vídeo era viagem no tempo. Eles perguntaram o que você mudaria se você voltasse no passado. Como eu gosto de filosofia, mandei um áudio falando sobre o assunto e eles me elogiaram, eu fiquei muito feliz. Eu diria que com toda certeza essa possibilidade de interação afeta minha relação com o podcast, não só por ser um entretenimento, como falei, mas por ser de estudo também. Muitos desses que escuto geralmente vão no Twitter e comentam alguma coisa sobre o tema que vai ser falado ou foi falado e exige raciocínio. (OLIVIER, informação verbal)

Quanto ao futuro profissional e acadêmico, os entrevistados demonstram muitas expectativas e planos, sendo que diversos aspectos de suas experiências de aprendizado tanto escolares quanto não escolares têm influência em suas escolhas e desejos. Estelle quer cursar Ciências Sociais, Joshua quer se tornar jornalista e trabalhar como professor e pesquisador de cinema do futuro, Olivier decidiu por um curso EAD de licenciatura em Física e Cassius fez o ENEM para entrar em um curso de licenciatura em Filosofia, pois deseja ser professor. Em seu relato, Estelle explica como se interessou por Ciências Sociais e quais são as influências dos professores e a recepção

dos pais à sua decisão. Já Olivier foca muito mais nas influências que os podcasts e outras mídias educativas tiveram.

Eu quero fazer ciências sociais. Eu sempre fui uma pessoa muito indecisa. [...] Então minha escola ofereceu um curso de intensivo do Enem e foi quando eu tive contato com a minha professora de história atual. Ela deu uma aula da Grécia Antiga até o governo Dilma em uma hora. Essa mulher me encantou. Eu falei: "meu deus, o que essa mulher fez, o que essa mulher tem?" Eu fiquei passada, ela fez a gente entender, sabe? Ela deu um baita resumo, amarrou de um jeito que eu nunca tinha visto. [...] Daí ela começou a dar muita aula de atualidade para gente e eu comecei a gostar muito e fui descobrindo que era disso que eu gostava. Fiquei um tempo querendo Direito, depois mudei para Letras, aí quando vi a grade de Ciências Sociais descobri que tinha tudo que eu queria estudar. [...] A minha mãe disse que ficava meio preocupada, eu perguntei o porquê, e ela "ah, o atual governo, essas coisas". Mas ela me apoiou, eu sempre trouxe muitas discussões para casa, mas com o meu pai é um pouco mais difícil falar disso, porque quanto a posicionamento político e econômico a gente tem muitas opiniões divergentes, e também ele é mais do tipo que pensa "ah, seria bom se você ganhasse mais dinheiro, escolher uma profissão com renome", mas ele também me apoia, só acho que fica preocupado, sabe? (ESTELLE, informação verbal)

Não lembro exatamente quando, mas minha amiga me apresentou podcasts e o primeiro assunto que eu pesquisei foi física, aí eu achei o Scicast e o Sinapse, que são meus chuchuzinhos, e eu me lembro que teve uma semana que passei a semana toda ouvindo só os podcasts deles sobre física e chegou um momento que eu parei e me perguntei: "por que que eu não pensei em cursar física?" Então comecei a pesquisar e eu realmente queria fazer bacharelado, para ser pesquisador, mas teria que ir para outra cidade e o custo ficaria muito alto. Também não tinha nenhuma faculdade que tivesse EAD bacharelado, então optei por licenciatura. [...] Esse contato com o podcast foi fundamental, não só podcasts, mas vídeos no Youtube também. (OLIVIER, informação verbal)

A respeito do ENEM e outros processos de seleção para ingresso nas universidades, os quatro entrevistados acreditam que os podcasts foram úteis, seja abordando temas que caíram diretamente na prova e na redação ou de forma mais indireta, ajudando na construção de um repertório mais amplo. O depoimento de Joshua sintetiza o ponto de vista de todos os entrevistados.

Eu acho que o podcast ajudou. Teve uma questão que falava sobre a Elizabeth I e eu consegui responder ela por algo que meu professor soltou no meio da aula e algo que eu tinha ouvido em um podcast, não lembro qual. Mas eu acho que além de apresentar o conteúdo, o podcast pode servir como um ótimo repertório. Não de citar ele em si, por exemplo, na redação, mas de apresentar, como quando alguém recomenda um filme. (JOSHUA, informação verbal)

Ao fim da entrevista, foi proporcionado um espaço para que os entrevistados falassem livremente sobre as experiências que tinham com o podcast enquanto mídia educativa. O objetivo era captar pensamentos sobre o tema que tivessem sido estimulados pelos tópicos apresentados ao longo da entrevista, mas não foram exteriorizados. Os resultados foram diversos relatos positivos de experiências com o podcast e o impacto da mídia em suas relações com a escola, o aprendizado e seus hobbies em geral. Joshua abordou questões referentes ao acesso à informação e ao

conhecimento promovidos através dos podcasts, o impacto em suas decisões profissionais e a relação de confiança que criou com os produtores de conteúdo. Olivier e Estelle se voltaram para as reinterpretações que fizeram a respeito do processo de ensino-aprendizagem a partir do contato de tiveram com podcast e como isso transformou suas relações em diversos aspectos.

O podcast abriu uma ramificação enorme, porque eu cheguei a participar de congresso sobre cinema para assistir palestra e para quem busca tanto ter mais para consumir sobre um assunto o podcast é uma mídia excelente. [...] Na minha escolha de carreira, afeta principalmente nessa vontade de conciliar o cinema com jornalismo, porque é uma mídia em que eu consumo muito dos dois e a minha paixão pelos dois aumentou muito, a minha vontade de querer fazer algo parecido cresceu ainda mais. [...] A minha relação com o podcast é uma relação de muita confiança, essa é a palavra, confiança. Porque, por exemplo, se tem alguém em um podcast específico, como o Nerdcast tem algumas propagandas ou um jabá que eles fazem, eu levo em conta a credibilidade do programa, é uma credibilidade que obviamente é montada pela competência do trabalho deles, mas sou eu quem dou a eles. [...] Eu acho que o podcast herda muito do rádio, no quesito de estimular debates. Já no Youtube, para fazer sucesso, você tem que tomar banho de Nutella, sacou? O podcast é uma mídia bem mais madura, óbvio que tem espaço para besteira e para piada, isso não pode ser visto como algo diminuto, mas também tem espaço para ser sério. Eles mostram que sabem, eles não vão sustentar um programa de duas horas falando só besteira. Até tem gente fazendo isso, mas essa galera não dura muito. (JOSHUA, informação verbal)

Estudar é uma coisa complicada alguns dias, é difícil ter uma rotina, então o podcast me trouxe um alívio, porque eu consigo escutar e focar naquilo que quero fazer. Eu me informo muito mais por podcast do que qualquer outra coisa, então eu acho que agregou demais na minha educação. Eu tenho conhecimentos hoje que eu não teria se não tivesse escutado podcast. É o que as meninas do Mamilos falam, né? Você constrói pontes, eu construí inúmeras pontes. Muitas coisas que eu via na escola, de relance, no podcast eu consigo entender melhor, estudar melhor e eu acho que podcast mudou muito a minha percepção de conhecimento. Eu apresento para todo mundo, mandei para as minhas amigas e acho que não ajuda só em conhecimento acadêmico, mas também conhecimento pessoal. No Mamilos elas fizeram uma série com a Natura na qual falaram do corpo feminino e aquilo me transformou. (ESTELLE, informação verbal)

O podcast me trouxe a visão de que para obter conhecimento não preciso de uma hierarquia e a melhor forma de aprender é dando algumas risadas. Isso falta no Youtube, nas redes sociais e na escola. A maioria dos professores que considero muito bons eram os que ensinavam de um jeito divertido e para mim é assim que você capta atenção e transfere conhecimento... quer dizer, transfere não, compartilha conhecimento de uma forma eficaz. Pelo que eu vejo, a maioria dos professores ainda entendem que deve ter hierarquia, mas se você passa tanto tempo na escola, você não deveria estar lá só para estudar e aprender, mas também para viver dentro da escola. Dizem que a escola te prepara para vida, mas você só sai da escola preparado para seguir uma hierarquia e isso é justamente o que o sistema quer que a gente faça, mas não acho que esse deveria ser o intuito de uma boa escola. Uma boa escola deveria ser aquela que ensina para você adquirir conhecimento e passar adiante e acho que o podcast consegue fazer isso de um jeito simples e eficaz. (OLIVIER, informação verbal)

É possível relacionar os relatos de experiência com uma visão positiva do que Lévy (2010) e Jenkins (2009) descrevem como inteligência coletiva, comunidade de conhecimento, letramento

midiático, além de um desejo de trazer essas experiências existentes no aprendizado através dos podcasts para o ambiente formal da escola. Nas críticas feitas às hierarquias em sala de aula e nas frustrações com as grades de disciplinas padronizadas das instituições de ensino que não valorizam temáticas como o cinema, por exemplo, Olivier e Joshua demonstram que a escola ainda não explora todo o potencial do que Lévy (2010) descreve como inteligência coletiva, já que não busca nos conhecimentos e interesses plurais dos alunos gerar debates e apresentar conteúdos diversificados em sala de aula. Nesse cenário, portanto, o professor não se apresenta como um animador da inteligência coletiva de seus grupos de alunos, mas insiste em permanecer um fornecedor direto de conhecimento.

Essas comunidades de conhecimento, no entanto, se manifestam de outras formas e maneiras no podcast, seja com espaços de debate criados pelos próprios *podcasters* – área de comentários dos sites oficiais, grupos fechados para colaboradores e leitura de e-mails dos ouvintes – ou através das redes sociais e fóruns online. Esses espaços não apenas suprem a necessidade de um contato mais próximo e íntimo entre produtores e ouvintes, mas também cria uma dinâmica mais horizontal e livre de hierarquias para a construção de um diálogo, troca de ideias e, conseqüentemente, o desenvolvimento da inteligência coletiva.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tinha como objetivo geral analisar as percepções que jovens em fase de ensino médio que consomem e interagem habitualmente com programas de podcast de teor educativo têm sobre o processo de ensino-aprendizado e qual é a influência dos programas nessas percepções. Enquanto objetivos específicos, buscava-se identificar quais aspectos dos podcasts educativos atraem o público jovem de 17 a 19 anos em fase escolar para o aprendizado através dessa mídia; analisar se a interação com os programas de podcast impactou a relação dos estudantes com a escola, os professores e o aprendizado; verificar se houve, por parte dos entrevistados, aumento do interesse no currículo escolar após interações frequentes com podcasts educativos; e identificar traços do perfil dos estudantes de ensino médio usuários de podcasts educativos.

Para obter as respostas das questões levantadas, foram realizadas entrevistas em profundidade semiestruturadas através de chamada de áudio com quatro estudantes de 17 a 19 anos, de escolas públicas e particulares de partes diversas do Brasil e que tinham o hábito de ouvir podcast. Os entrevistados foram prospectados para participar deste estudo através de um questionário distribuído por meio da plataforma de mídia social Twitter, a partir do qual concordaram em fazer parte da pesquisa de forma anônima.

Os resultados obtidos demonstram que há relação entre o consumo e a interação com podcasts e as percepções dos entrevistados a respeito da escola e do processo de ensino-aprendizagem, sendo possível concluir que esses jovens percebem o podcast como uma ferramenta de impacto positivo em seus processos de aprendizado e que impactou também positivamente a relação que tinham com as instituições de ensino que frequentavam, os professores e os conteúdos escolares. Esses resultados são revelados através de um conjunto de evidências indicadas a seguir:

Foi aparente que os estudantes percebem os métodos tradicionais de ensino das diversas escolas que frequentaram como um fator que, por diversas vezes, gera sobrecarga em seus processos pessoais de aprendizado. O excesso de tarefas, trabalhos, conteúdos ministrados e as hierarquias que afastam os professores dos alunos foram algumas das questões mais apontadas de forma negativa. É demonstrado, no entanto, que o podcast é um auxílio para passar por esse processo de diversas formas, seja tornando o aprendizado fora da escola mais tranquilo e divertido, o que colabora para que as cobranças e imposições dos espaços formais não se estende para fora

da escola, ou ressignificando a forma como as instituições de ensino são vistas, demonstrando que o processo de ensino-aprendizagem não precisa, necessariamente, ser opressivo.

A afetividade é uma questão importante para todos os entrevistados no processo de ensino-aprendizado. Quando falam de seus professores e dos funcionários das escolas que frequentaram, há uma valorização não apenas do domínio do material ministrado nas aulas, mas também do querer bem ao discente e da conexão criada em sala, condição que se estende à experiência com o podcast. A admiração e a confiança construída pelos *podcasters* permeia o domínio do conteúdo oferecido através do programa, mas é igualmente importante a atenção e a paciência com as quais esse processo acontece, a conversa amigável sem imposições hierárquicas, o tempo de interação que é dedicada ao público nas redes sociais e através das leituras e respostas de e-mails. Essas experiências positivas com os podcasts são levadas para o ambiente de aprendizado formal e exerce influência na relação com o aprendizado fora da escola, gerando uma impressão positiva a respeito do aprendizado.

O desenvolvimento do senso crítico a partir de uma educação problematizadora e do estímulo da curiosidade epistemológica, que vai além da curiosidade ingênua ou senso comum (FREIRE, P., 2016), é outra característica verificada nos depoimentos dos entrevistados e demonstra ter origem não apenas na escola, mas também no tipo de conteúdo educativo que consomem de forma autônoma, como os podcasts. A confiabilidade transmitida por produções de podcasts é, inclusive, abordada como um fator de destaque para a mídia e uma desvantagem de outras plataformas, como é o caso do Youtube.

O tempo para o estudo e o aprendizado também é um fator determinante no uso do podcast enquanto ferramenta educativa. Com a proximidade dos processos seletivos para ingresso em cursos de nível superior, o podcast se torna uma possibilidade de aprender de forma mais descontraída enquanto realiza outras atividades, como cumprir obrigações domésticas, jogar videogame e utilizar o transporte público. Para os entrevistados, essa possibilidade é uma forma de estudar em casa sem a sobrecarga da leitura de livros didáticos, tornando esse momento de aprendizado mais prazeroso e criando impressões positivas ao demonstrar que o aprendizado pode ocorrer de formas menos rigorosas.

Os entrevistados declaram ou demonstram que os podcasts ajudaram nas provas de ingresso em instituições de ensino superior e que tiveram influência em suas escolhas de cursos de

graduação e desejos profissionais, além de demonstrarem ciência de que o podcast é uma tecnologia complementar de ensino, como outras tecnologias educativas, e não uma substituição do ensino formal. Mais uma vez, esses resultados demonstram que há influência do consumo e interação com podcasts educativos nas percepções dos entrevistados a respeito do processo de ensino-aprendizado, além de aumento do interesse nas disciplinas do currículo escolar após interações com podcasts educativos, já que esses influenciaram diretamente suas decisões profissionais e acadêmicas.

No que diz respeito à hierarquização do aprendizado a partir dos métodos tradicionais de ensino e à afetividade, é possível realizar um paralelo entre os relatos dos entrevistados e as definições de Jenkins (2009) e Lévy (2010) de comunidade de conhecimento e letramento midiático. As relações que são criadas em ambientes online de aprendizado ainda não são recriadas na escola com as mesmas características que atraem jovens para esses meios de fomento da inteligência coletiva, gerando a experiência frustrante de uma aula na qual o professor ensina utilizando referências distantes do universo do aluno. Diante desse cenário, seria interessante avaliar a melhor forma de trazer essa experiência coletiva da comunidade para um ambiente como a escola, um trabalho a ser pensado em conjunto por professores, escolas e alunos.

É possível verificar a partir dos entrevistados que os estudantes de ensino médio usuários dos podcasts educativos têm traços de perfil de proatividade nos estudos, uma curiosidade aflorada e certa facilidade com o uso das tecnologias para fins diversos de pesquisa e aprendizado. Todos começaram a aprender de forma autônoma desde muito jovens, buscando conhecimentos na internet ou em livros e revistas, acompanhando páginas dedicadas a assuntos escolares nas redes sociais ou de interesse pessoal, como aprendizado da língua japonesa, cinema ou fenômenos da natureza. O podcast é uma mídia que exige esse perfil de seus ouvintes. Apesar da recente inclusão da mídia em serviços de streaming como o Spotify, o podcast no Brasil ainda é difuso e independente, exigindo maior domínio das tecnologias para ser acessada e conhecida do que conteúdos mais intrinsecamente ligados a grandes grupos empresariais e maior acessibilidade ao usuário. Outro fator do podcast é o formato dos programas, que são muito mais longos e densos de consumir do que outras mídias digitais, o que também influencia em todos os entrevistados terem começado a ouvir os programas quando estavam mais velhos, já no ensino médio. Cruzando essas informações relacionadas a acessibilidade técnica ainda limitada da mídia, o perfil de crescimento

de forma independente do podcast e as entrevistas realizadas com as já conhecidas pesquisas quantitativas sobre o podcast, como a PodPesquisa, é possível explicar alguns dos motivos pelos quais geralmente o público de podcast é um mais velho, está de alguma forma ligado à área de tecnologia, tem maior escolaridade e é de classe média ou alta.

Apesar do tópico não ter sido foco deste trabalho e ter ficado de fora das análises das entrevistas, os entrevistados afirmaram nunca ter recebido recomendações de podcasts por parte de seus professores e quando fizeram o processo inverso de indicação os docentes não pareceram se interessar em descobrir mais a respeito. A investigação acerca de possíveis inserções desses programas como conteúdos complementares recomendados em sala de aula poderia gerar resultados positivos em pesquisas futuras relacionadas ao podcast, já que os alunos entrevistados demonstram ver vantagens no uso da ferramenta – por ser uma plataforma descontraída e com mais profundidade do que o Youtube ou as redes sociais – e pela presente investigação demonstrar que ainda existir um desconhecimento por parte dos docentes a respeito do podcast.

A busca por meios alternativos de aprendizado costuma exigir tempo de trabalho do professor, que precisa realizar uma curadoria dos conteúdos. No entanto, o podcast se mostra uma opção mais acessível financeiramente do que livros, por exemplo, já que o conteúdo é gratuito. Os professores que optarem por utilizar esse recurso em sala de aula podem fazer legalmente o *download* dos episódios e transferir o arquivo para os alunos sem acesso à internet e disponibilizar de formas diversas, diversificando as opções de conteúdos complementares, já que alunos diferentes aprendem melhor de formas também diversas.

Com relação a investigação do Estado do conhecimento que foi realizado anteriormente e detalhado na página 16, o presente trabalho preenche uma lacuna e busca uma nova perspectiva para o uso dos podcasts na educação. Os trabalhos realizados até então a respeito dessa mídia na educação têm a escola e o aprendizado formal como referência, já esta pesquisa parte dos usuários típicos de podcasts, invertendo a perspectiva da análise. Ou seja, os caminhos aqui percorridos ajudam a compreender o motivo do podcast ser tão atrativo para algumas pessoas e o que torna o aprendizado por esse meio interessante para quem consome e interage com o podcast. Essa perspectiva ajuda não só produtores a fazerem mais podcasts interessantes para o processo de ensino-aprendizado, mas também profissionais de educação a entenderem quais alunos poderiam ou não se beneficiar do podcast para esses fins, seja produzindo ou estudando através dos

programas já existentes e pensando em ferramentas de ensino mais plurais e personalizadas para alunos também plurais e diversos.

Podcasts educativos também podem ser desenvolvidos pelas próprias instituições de ensino, sendo essa uma das possíveis formas de distribuição de materiais educativos diversos em modelos de ensino presencial ou EAD. Atualmente, diversas instituições de ensino conhecidas mundialmente já trabalham produzindo podcasts de forma bem sucedida, sistematizada e com ouvintes do mundo todo, sendo inclusive uma forma de difusão de conhecimentos produzidos para outras camadas da sociedade. Alguns exemplos são a University of Oxford, a Stanford University, a MIT, a Harvard University, a Queen's University e a UCLA. Mesmo no Brasil, onde esse tipo de experiência ainda é menos comum, também é possível achar instituições que já veem no podcast uma forma de divulgar ciência, seja com produções da própria instituição ou uma iniciativa dos alunos, como é o caso da USP, UFRGS, UFABC, UFMG, UFOP e diversas outras.

Ainda partindo da ideia de produzir podcasts originais das instituições de ensino, a criação de produtos de mídia em escolas e universidades já existe há algum tempo, com alunos iniciando projetos de rádio, televisão e jornais impressos de forma independente ou com apoio da administração e do corpo docente. Sendo assim, o desenvolvimento de programas de podcast como uma atividade complementar da escola ou vinculado a disciplinas também é uma opção de método complementar educativo e pode gerar pesquisas relevantes na área. Para isso, é interessante que haja um estudo com os alunos sobre mídia, tanto técnico quanto de linguagens e formatos, trazendo exemplos e inspirações, para que assim ocorra um aprendizado multidisciplinar, uma experiência inovadora e que apresenta novas possibilidades reais, não apenas uma forma mais complicada de fazer um seminário tradicional.

Por último, aos produtores de podcasts que desejam fazer programas com finalidade de educar, divulgar ciência e informar, é importante respeitar a mesma rigorosidade científica que se tem para uma pesquisa acadêmica e para lecionar em um ambiente formal de educação quando se produz uma mídia educativa. O entretenimento e a descontração podem estar presentes e o público aprecia esses aspectos, mas sem desprezar a rigorosidade metodológica na abordagem do conteúdo. É possível verificar, a partir do que é visto nas entrevistas, que as relações de aprendizado criadas entre os estudantes e os *podcasters* são voltadas para a admiração e confiança construídas a partir de carisma e domínio do conteúdo apresentado, sendo esses fatores

complementares. Incluir vozes diversas, especialistas, membros da sociedade, bibliografias, instigar debates e utilizar fontes variadas, abrindo espaço para dialogar com o público, é a melhor forma de fazer um podcast educativo de qualidade. O desafio fica por conta de equilibrar esses fatores com um programa envolvente e divertido, o que só pode ser atingido com muito treino e estudo de outros produtos de mídia voltados para o público que se deseja atingir.

10 BIBLIOGRAFIA

ABPOD. **Podpesquisa 2018**. Disponível em: <http://www.abpod.com.br/media/docs/PodPesquisa-2018.pdf>. Acesso em: 2 de jun. 2020.

B9. **Sobre**. Disponível em: <https://www.b9.com.br/sobre/>. Acesso em: 26 de jun. 2020.

ANTICAST. **Site oficial**. Disponível em: <https://anticast.com.br/>. Acesso em: 26 de jun. de 2020.

BRECHT, B. **Teorias do Rádio (1927-1932)**. In: MEDITSCH, E. (org). Teorias do rádio: textos e contextos. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005.

BONI, V.; QUARESMA, S.J. **Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais**. 2005. 12 f. Dissertação (Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC) – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2005.

CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

SCICAST. **Site Deviante**. Disponível em: <https://www.deviante.com.br/podcasts/scicast/>. Acesso em: 26 de jun. de 2020.

FERRARETTO, T. **O rádio e as formas do seu uso no início do século XXI: uma abordagem histórica**. In: MAGNONI, A.; CARVALHO, J. (org). O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

FREIRE, E. P. A. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

GRUPO DE MÍDIA. **Mídia Dados Brasil 2019**. Disponível em: www.gm.org.br/midia-dados-2019. São Paulo, 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2^a. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORGE, A. M. G. **Introdução à percepção: entre os sentidos e o conhecimento**. São Paulo: Paulus, 2011.

JOVEM NERD. **Mídia Kit 2019**. Disponível em: https://uploads.jovemnerd.com.br/wp-content/themes/jovemnerd/assets/other/Jovem-Nerd_MK.pdf. Acesso em: 2 jun. 2020.

JOVEM NERD. **Nerdcast**. Disponível em: <https://jovemnerd.com.br/nerdcast/>. Acesso em: 2 jun. 2020.

KENSKI, V. M. **Novas tecnologias: O redimensionamento do espaço e do tempo e os impactos no trabalho docente**. XX Reunião Anual da ANPEd. Caxambu, 1997.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 3ª Ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LUIZ, L.; ASSIS, P. **O podcast no Brasil e no mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais**. In: INTERCOM, 33, 2010, Caxias do Sul. Anais do XXXIII Congresso Brasileiro das Ciências da Comunicação. São Paulo: Intercom, 2010.

LUIZ, L. (org). **Reflexões sobre o podcast**. Nova Iguaçu: Marsupial Editora, 2014.

MAMILOS. **Sobre**. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/>. Acesso em: 25 de jun. de 2020.

MEDEIROS, M. **Podcasting: Produção descentralizada de conteúdo sonoro**. In: anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação (Intercom), 2005.

MOREIRA, S. **Nikola Tesla, o inventor no ambiente de criação da transmissão sem fio**. In: MEDITSCH, E. (org). Teorias do rádio: textos e contextos. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005.

NARUHODO. **Sobre**. Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/naruhodo/>. Acesso em: 25 de jun. de 2020.

PRIMO, A. F. T. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Intexto, Porto Alegre, n. 13, 2005.

REUTERS INSTITUTE. **Digital News Report 2019**. Disponível em: <http://www.digitalnewsreport.org/survey/2019/overview-key-findings-2019/>. Acesso em: 2 de jun. 2020.

ROSA, M.V.F.P.C.; ARNOLDI, M.A.G.C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

SANTOS, G. L.; ANDRADE, J. B. F. (org). **Virtualizando a escola: Migrações docentes rumo à sala de aula virtual**. Brasília: Liber Livro, 2010.

SANTOS, S.; SILVEIRA, E. **Serviço público e interesse público nas comunicações**. In: RAMOS, M.; SANTOS, S. (org). Políticas de Comunicação: buscas teóricas e práticas. São Paulo: Paulus, 2007.

SIBILIA, P. **Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SMITH, P.J. **A percepção como uma relação: uma análise do conceito comum de percepção**. In: ANALYTICA, Rio de Janeiro, vol 18 n° 1, 2014, p. 109-132.

TECHTUDO. **Globo reforça aposta em podcasts e já pensa na TV 3.0**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/10/globo-reforca-aposta-em-podcasts-e-ja-pensa-na-tv-30.ghtml>. Acesso em: 2 jun. 2020.

TWITTER. **Perfil oficial Altay de Souza**. Disponível em: <https://twitter.com/altayals>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

TWITTER. **Perfil oficial Cris Bartis**. Disponível em: <https://twitter.com/crisbartis>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

TWITTER. **Perfil oficial Deviante**. Disponível em: <https://twitter.com/deviante>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

TWITTER. **Perfil oficial Ivan Mizanzuk**. Disponível em: <https://twitter.com/mizanzuk>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

TWITTER. **Perfil oficial Jovem Nerd**. Disponível em: <https://twitter.com/jovemnerd>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

TWITTER. **Perfil oficial Ju Wallauer**. Disponível em: <https://twitter.com/jwallauer>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

TWITTER. **Perfil oficial Ken Fujioka**. Disponível em: <https://twitter.com/kenfujioka>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

TWITTER. **Perfil oficial Scicast**. Disponível em: <https://twitter.com/scicastpodcast>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

TWITTER. **Perfil oficial Xadrez Verbal**. Disponível em: <https://twitter.com/xadrezverbal>. Acesso em: 25 de jun. 2020.

XADREZ VERBAL. **Site oficial**. Disponível em: <https://xadrezverbal.com/>. Acesso em: 26 de jun. de 2020.

YOUTUBE. **Youtube para a imprensa**. Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/yt/about/press/>. Acesso em: 28 nov. 2018.

ZUCULOTO, V. **Debatendo com Brecht e sua teoria do rádio**. In: MEDITSCH, E. (org). Teorias do rádio: textos e contextos. Volume I. Florianópolis: Insular, 2005.

APÊNDICE A – Formulário de prospecção de entrevistados

PESQUISA SOBRE PODCAST E APRENDIZADO

Olá! Meu nome é Raila Spindola de Ataides, sou mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB) e gostaria de pedir sua contribuição para o desenvolvimento da minha dissertação, que é sobre o podcast enquanto mídia educativa. Se você tem 17 anos ou mais e é estudante, poderia responder esta pesquisa? O meu contato, caso tenha qualquer dúvida ou sugestão, é: railaspindola@gmail.com. Muito obrigada.

1) Quantos anos você tem? (Resposta obrigatória)

2) Qual nível de ensino você está cursando? (Resposta obrigatória)

- Ensino Fundamental
- Ensino Médio
- Ensino Superior
- Ensino Técnico
- Outro _____

3) Você realiza outras atividades em paralelo aos estudos? (Resposta obrigatória)

- Sim, trabalho em tempo integral
- Sim, trabalho meio período
- Sim, faço estágio remunerado
- Sim, realizo atividades extracurriculares sem remuneração
- Não
- Outro _____

4) Quais podcasts você escuta? (Resposta obrigatória)

5) Por quais motivos você escuta podcast? (Resposta obrigatória)

6) Você estaria disposto(a) a participar de uma entrevista mais extensa via internet sobre essa temática no futuro? (Resposta obrigatória)

- Sim
- Não

7) Caso sim, por favor, deixe seu e-mail para contato. (Resposta opcional)

MUITO OBRIGADA POR PARTICIPAR.

APÊNDICE B – Termo de Assentimento

Os participantes da pesquisa concordaram verbalmente com os seguintes termos, que foram gravados em áudio antes da realização das entrevistas.

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você concorda em ser entrevistado(a) e participar da pesquisa intitulada **AS PERCEPÇÕES DE ALUNOS BRASILEIROS DE ENSINO MÉDIO SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM A PARTIR DO CONSUMO E INTERAÇÃO COM PODCASTS EDUCATIVOS**, desenvolvida por **RAILA SPINDOLA DE ATAIDES**, aluna de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília.

Você foi informado(a) de que a pesquisa é orientada pelo **PROFESSOR DOUTOR GILBERTO LACERDA SANTOS**, a quem poderá consultar a qualquer momento que julgar necessário através do e-mail gilberto.lacerda.santos@gmail.com.

Você afirma que aceitou participar, por própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ganho, com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Foi informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais, é sobre o consumo de podcasts educativos e a relação deste com a escola e o aprendizado.

Foi também esclarecido(a) que os usos das informações por você oferecidas estão submetidas às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde.

Sua colaboração se fará de forma anônima, por meio de entrevista e que será gravada. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pela pesquisadora e seu orientador.

Você foi informado(a) de que pode se retirar desta pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo pessoal ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos.

APÊNDICE C – Guia de entrevistas

1. Informações básicas

- Idade.
- Em qual cidade mora.
- Com quem vive.
- Nível de escolaridade dos pais ou responsáveis.
- Se trabalha ou realiza outras atividades extracurriculares.

2. Contextos da educação formal e escolar

- Se frequenta e sempre frequentou escola particular ou pública.
- Como se sente a respeito da escola e de estudar.
- Quais são as disciplinas favoritas e a influência dos professores nessas preferências.
- Como são as notas e as cobranças pessoais e dos responsáveis a respeito do rendimento.
- Se deseja cursar nível superior e qual curso almeja.

3. Contexto da educação informal e não escolar

- Se costuma aprender coisas novas fora da escola e, caso sim, quais seriam essas coisas.
- Se tem hábito de leitura e, caso sim, desde quando.
- Se usa ferramentas da internet para aprender e, caso sim, quais e desde quando.

4. A respeito do consumo, interação e aprendizado via podcast

- Quando e como começou a acompanhar programas de podcast.
- Quais podcasts acompanha e o que gosta neles.
- Quanto podcast consome por semana.
- Onde e como costuma ouvir podcast.
- Se aprende coisas novas com podcasts e se esse é um dos objetivos.
- Se o podcast mudou a relação com as disciplinas escolares e, caso sim, se qual forma.
- Se os podcasts ajudaram de alguma forma em provas de vestibular ou ENEM.
- Se o entrevistado interage com os produtores de podcasts através de mídias sociais e e-mail.